

A Conquista de Mikhel Dumont  
Bloodlust 1  
Marillyn Lee



**PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES**

Disponibilização: Gisa

Tradução: Gisa

Revisão Inicial: Rosilene Xavier

Revisão Final: Bia

Formatação: Iara



## RESUMO

*A professora Erica Kalai sempre adverte a suas alunas contra jovens enganadores que só pretendem levá-las para a cama. Mas em seu aniversário de 40 anos, encontra um homem vestido como seu anti-herói favorito, Drácula. Um olhar ao jovem e estranhamente irresistível macho e Erica de repente se encontra meio nua e em seus braços. Não lhe levará muito tempo descobrir, entretanto, que se pôs em mãos de um verdadeiro Drácula.*

*Mikhel Dumont, o vampiro mestiço da família Dumont, não desejava ir a uma estúpida festa de Halloween. Mas algo especial passaria esta noite, assim tinha dito sua querida irmã Kattia. Deste modo, contra seu melhor julgamento, Mikhel vai à festa para agradá-la.*

*Mikhel nunca teve a intenção de ser atraído por uma fêmea humana. Depois de tudo, esperava-se que ele reclamasse a Deoctra uma full—blood<sup>1</sup> como sua Bloodlust<sup>2</sup>. O destino tem outro plano para Mikhel e Erica. Olhando-a como só um vampiro pode ver sua Bloodlust, Mikhel luta contra seus verdadeiros sentimentos, querendo só um encontro. Mas inclusive um vampiro só pode lutar até que a aceita e a reclama como sua... para a eternidade.*

## PRÓLOGO

Erica Kalai permanecia de pé diante do espelho da porta de seu armário, contemplando sua imagem. Colocou a menor desculpa de vestido que já tinha visto. Era curto; ela não. Seu vestido tinha sido desenhado para realçar o aspecto de uma mulher modestamente dotada. Seus peitos eram grandes, firmes, cheios, e sem nenhuma necessidade de recursos externos. O objetivo do material era se ater ao corpo de uma mulher de curvas suaves. Suas curvas eram muito generosas. Uma das coisas que James tinha amado dela, eram seus peitos cheios, redondos, e o que ele tinha chamado quadris “femininos”. Tinha amado recrear-se neles quando estavam juntos. Pensando no que tinha perdido, franziu o cenho. A estas alturas, não sentia tanta falta dele como sentia do sexo. Sua vida sexual tinha estado bastante bem e durante seu matrimônio, tinha desenvolvido um verdadeiro gosto por sexo. Senhor, necessitava um bom sexo.

Sacudiu sua cabeça. Bem, Rica. Não se acelere. Haverá muitas garotas mais jovens que chamarão a atenção dos homens esta noite. Talvez lhe caiba um tanto ou não. Estudou o vestido outra vez. Em geral, o vestido estava pensado para uma jovem e audaz moça. Além desta festa e seu plano de assistir, ela não era nenhuma das duas coisas.

---

<sup>1</sup> Full-blood: De raça vampiro pura por ambas as linhas materna ou paterna, ou por transformação.

<sup>2</sup> Bloodlust: Companheiro/ra de vida para os vampiros.

Lançou a seu reflexo outro olhar mais longo e crítico. Bem, talvez já não fosse tão jovem, mas esta noite, à mínima oportunidade, ia ser muito audaz. Confiando em ser atrevida o bastante para conseguir sexo uma e outra vez. Se havia uma coisa que precisava era passar umas horas na cama com um homem vivinho e abanando o rabo em vez do pequeno “coelho” eletrônico ou Bob, seu noivo a pilhas, como ela em particular chamava a seu brinquedo sexual favorito, e que tinha sido seu “homem” desde que James se foi. Embora satisfizesse alguma de suas ânsias físicas, nada era igual a um verdadeiro homem com uma dura ereção.

Estremeceu com o pensamento. Tinha passado muito tempo desde que tinha sido montada, teve quase vertigens só de pensar nas possibilidades, que este vestido, combinado com um par de meias negras e saltos de dez centímetros, abriria para ela. Sorriu satisfeita. É obvio, quando chegasse o momento de ir ao assunto, teria que tomar cuidado para sair do vestido sem romper as costuras.

—Uau, Rica! Está fabulosa.

Sobressaltou-se e girou para olhar a sua irmã mais nova, Meg, quando entrou em seu dormitório. —Meg! Não a ouvi chegar.

Meg sorriu, sustentando o jogo de chaves de reposição que Erica tinha dado. —Eu sei. Estava muito ocupada se admirando. Meg a olhou de cima a baixo. Não, é que a culpe. Rica, parece...

—O que? Como uma fulana? Ou como mamãe diria, uma porca?

Meg riu. —Não, tão mau. Parece mais... simplesmente... bastante... desinibida.

—E é mau?

—Não! Acredito que é boa coisa parecer desinibida.

Erica apertou os lábios. Embora Meg fosse muito mais jovem que ela, às vezes parecia muito mais sábia. —Talvez, mas me sinto como se estivesse embutida neste vestido.

O sorriso de Meg se ampliou. —E o parece também, mas é um aspecto agradável. Está mostrando peitos e pernas. Rica, espero me parecer com você quando tiver sua idade.

Erica franziu o cenho. — Ouça, cuidado, menina! —disse, com fingida irritação. Mas para os vinte e três anos de Meg, ela devia lhe parecer quase velha. —Mostra um pouco de respeito com os mais velhos.

Meg inclinou a cabeça, estudando-a. — Só queria dizer que parece muito... quente.

Esperava encontrar a um homem que pensasse que estava o bastante quente para levá-la à cama e esfriá-la. —Obrigado... acredito.

—OH, é definitivamente um elogio, Rica.

Ela assentiu. —Então solucionado. Tê-lo-ei posto.

Meg suspirou, mostrando um olhar longínquo. —Se James pudesse te ver agora...

Erica negou. —Não estaria impressionado. Por que deveria? Finalmente tem a seu bebê, — disse, tratando de não parecer amargurada. Inclusive embora já não o

amasse, ainda lhe doía recordar o quanto facilmente tinha acabado seu matrimônio e suas promessas de amor eterno.

—Ele é quem perde, Rica, — disse Meg firmemente. —Sei que encontrará a um homem que fará com que tudo o que passou com ele pareça um sonho mau.

Deu de ombros. —Bem, para ser sincera, Meg, realmente não procuro uma verdadeira relação. Simplesmente estou procurando... — fez uma pausa, e franziu o cenho. Como poderia dizê-lo delicadamente?

—Amor? —Meg sugeriu.

Na realidade, seria sexo, mas assentiu. —Sim... mas da variedade ocasional.

Meg arqueou uma sobrancelha, com gesto bastante surpreso em sua bonita cara.

Suspirou. — Já sei... dito assim parece um pouco sórdido, mas Meg, realmente preciso estar com um homem, se souber ao que me refiro.

Meg deu de ombros. —Não sou nenhuma monja. Por suposto sei o que quer dizer e tem todo o direito de encontrar a felicidade em qualquer lugar que goste.

Ela não procurava exatamente a felicidade... ao menos não esta noite, mas essa era outra história. Sorriu e abriu os braços. — Ouça, menina, que tal um abraço?

Abraçaram-se carinhosamente antes que desse uma olhada no relógio e dissesse. — Ouça, se for me divertir em Salem<sup>3</sup>, terei que me pôr em movimento.

—Vá e os deixe mortos, Rica.

O que realmente desejava era deixar que um homem com um bom membro atendesse sua vagina, mas pensou que era melhor não comentar isso. Assentiu e rapidamente se moveu pelo dormitório para recolher a bolsinha de noite e sua mala. Tinha feito uma mala pequena. Embora fosse estar uns dias fora, esperava passar a maior parte do tempo deitada de costas, em uma cama.

Mikhe<sup>4</sup>l Dumont olhou à alta e magra morena que o contemplava fixamente com insistência. — por que diabo deveria perder o tempo em ir a Salem para assistir a uma estúpida festa de Halloween, Kattia?

—Por que vi uma muito boa oportunidade para você se o fizer.

Ele queria e adorava a sua irmã mais nova, mas às vezes era um autêntico grão no traseiro. —Kattia, não penso conduzir até Salem.

—Mas, Mik, é só uma viagem de meia hora como muito e sei que terá uma grande oportunidade. Vá à festa. Não se arrependerá.

---

<sup>3</sup> Salem é uma cidade no Condado do Essex, em Massachusetts, Estados Unidos. Muitas pessoas associam a cidade com o julgamento das chamadas As Bruxas de Salem, em 1692, Logo refletido em uma grande obra do magnífico Arthur Milhar, levada a cinema em mais de uma versão.

A cidade faz honra a sua tradição e se oferece ao turismo como o lugar ideal para todo aquilo que se relacione com bruxas, wiccas, new age, etc. Diz-se que até os patrulheiros da polícia estão adornados com o logotipo de uma bruxa. Faz uns anos (2005) houve um grande revôo ali quando as autoridades decidiram convocar na cidade uma estátua da Elizabeth Montgomery, a quem recordará por seu delicioso personagem de Enfeitiçada (Betwicked). Se visitar Salém poderá visitar sua estátua no Parque Lappin (N.T.).

<sup>4</sup> Uma curiosidade fonética Mikhel e Michael se pronuncia igual. (N.T.).

Ele se levantou da escrivaninha em seu escritório de Boston e deu a volta para olhar fixamente pela janela. — Kattia, ambos sabemos que nem tudo o que vê se faz realidade.

Ela fez um movimento impaciente com sua mão. — Não digo que seja, mas sim pode ser, Mik. Se não for, sentirá.

—Tenho coisas a fazer, Kattia. Não posso simplesmente deixá-lo e escapar a alguma selvagem...

—É Halloween, Mik... uma de nossas noites especiais.

—Poderá ser especial para você, Kattia, mas pra mim, é só uma tola desculpa tanto para humanos como pra vampiros para atuar como idiotas.

Ela jogou o olhar ao teto. — Mik. Vá à festa. Se divirta. Desde que Kattia tinha sido uma menina pequena, tinha tido visões que eram às vezes muito certas... e outras vezes não tão exatas. Deu a volta para olhá-la. — O que viu que a faz ser tão insistente?

—Nada específico, mas muito forte...

Ele moveu sua cabeça. —Não posso ir.

—Por que não?

—Eu meio que prometi passar a noite com Deoctra. Como você, parece pensar que Halloween é especial.

Os olhos azuis de Kattia se obscureceram e cruzou o quarto para agarrar seu braço. —Tem que ir a Salem e à festa desta noite, Mikhel. Por favor. Prometa-me que irá.

—E Deoctra?

Kattia deu de ombros. —O que tem ela? Não a ama.

O amor é uma palavra superestimada. —Amá-la? Não, mas...

—Ela esperou muito tempo, pode esperar um pouco mais. Irá? Por favor?

Raramente tinha visto Kattia tão insistente, e francamente, não tinha vontade de passar a noite, ou qualquer outro momento, com Deoctra. Concedido, ela sabia como chupar um membro, mas não o fazia sentir nada emocionalmente. Nem sequer tinha tido o suficiente interesse para aproveitar o traseiro que lhe oferecia sempre. Embora tivesse deixado claro a todos na comunidade de vampiros que o considerava seu durante muitos anos, nunca tinha tratado de fodê-la. E ela não parecia preocupada com as outras mulheres que ele tinha. —Bem. Irei.

Os olhos da Kattia se acenderam. —Estupendo. Tenho algo para você.

Seu entusiasmo picou sua curiosidade. — O que é?

—Seu traje.

—Meu o que?

—Seu traje. Não pode ir a uma festa de Halloween sem um traje. Você adorará este. Cruzou o quarto para pegar a capa de roupa que tinha deixado no armário da entrada de seu escritório e lhe mostrou um traje escuro com uma bandagem vermelha e camisa branca. Ele o contemplou durante um momento e começou a rir. —Não seja ridícula. Não vou vestir este traje.

—Este é um traje de Drácula!

Kattia sorriu abertamente. —Sim. Que apropriado, não? Irônico, não é? Você passeando em uma festa de Halloween vestido de Drácula. Ela não imagina o que a espera.

—Ela? Quem?

Kattia sorriu, sacudindo sua cabeça. —Ah, não. Se quiser averiguar quem é, terá que ir à festa.

Ele deu de ombros. Que demônios. Não tinha vontade de estar com Deoctra e não tinha ido a uma festa em anos. Poderia ser interessante. Ele assentiu devagar. —Bem. Poderia ser uma maneira de passar uma hora ou duas. O que posso esperar uma vez que esteja ali?

Lançou-lhe um sorriso enigmático. —Muitas vaginas.

Ele sempre esta disposto a ter muito disso, mas... — não tenho que me disfarçar como saído de alguma filme Drácula e ir a Salém a uma festa para conseguir sexo. Posso conseguir tudo o que queira aqui mesmo em Boston.

—Sei, mas te alegrará de ir.

Encolheu os ombros. — Bem. Você ganha, Kattia. Irei à festa e até vestirei o traje, mas será melhor que valha a pena.

—Valerá Mik, prometeu ela.

Não estava seguro de por que, mas de repente lhe acreditou. Talvez encontrasse a alguém ali que faria de sua vida algo mais que uma busca interminável de sexo. É obvio, poderia criar alguns problemas se o fizesse. Mas se ocuparia disto quando fosse ou se fosse necessário.

Beijou sua bochecha, pegou o ridículo traje, e se dirigiu para a porta.

—Mik?

Ele a olhou por cima de seu ombro. —Agora o que, mamãe?

O olhou com lascívia. —Nada. Só pensei que deveria saber que reservei um quarto de hotel para você—. Mencionou um hotel de Salem muito exclusivo. Por uma semana.

Ela estava muito segura de si mesma. —O fez? —sorriu abertamente. Então é melhor que consiga o valor de seu dinheiro.

—Faça-o. Passará muito bem esta noite, irmão mais velho. Durante um momento, seus pensamentos voltaram para Deoctra.

Deu de ombros interiormente. Tinha a incômoda sensação de que ela não ia gostar, mas o arrumaria com ela mais tarde. Deixaria uma mensagem para ela dizendo que a veria dentro de uma semana.

## **CAPÍTULO UM**

Erica resistiu ao impulso de puxar a prega de seu curto e apertado vestido, em um esforço de conseguir cobrir mais seu corpo. Era inútil. O vestido negro que tinha posto acabava muito acima de seus joelhos deixando à vista suas coxas cobertas com meias. Não tinha bastante tecido para esticar e o vestido tinha tanto decote que alguém com meio olho teria uma excelente panorâmica de seus peitos. Quando tinha comprado esse vestido tinha sido boa idéia.

Agora, na festa, era momento para se dar conta que vir vestida como uma fulana não tinha sido uma idéia tão boa. Enfim, estava vestida como uma fulana e estava ali. Assim seria melhor que tirasse o melhor partido possível. Tiraria o melhor partido possível. Depois de tudo, uma mulher não fazia todos os dias quarenta anos e pensava desfrutar tanto de seu aniversário como de sua noite.

De todos os modos, não queria nem pensar no que, as juvenzinhas as quais ensinava em uma exclusiva escola particular nos subúrbios de Boston, diriam se pudessem ver sua respeitável, professora passear ao redor do renovado loft em saltos altos, olhando descaradamente como se estivesse à caça de um membro. Pensou nas camisinhas guardadas dentro da diminuta bolsa que pendurava de seu ombro e agradeceu a atmosfera quase escura do interior. Suas bochechas arderam. Efetivamente, estava à caça de um membro.

Depois da desintegração de seu matrimônio há cinco anos, tinha passado tanto tempo tratando de arrumar a vida amorosa de sua amiga Nancy que a dela tinha se estagnado, uma deliberada resposta negativa para ir com cautela, sabia, já que não tinha estado nada impaciente de sair e conhecer homens outra vez. De fato, se não tivesse sido por sua amiga comum Janna, provavelmente não teria vindo esta noite. E talvez vir aqui fora uma total perda de tempo.

Jogou uma olhada ao redor, tomando um gole de seu licor de maçã. Pelo que podia ver todos os homens presentes pareciam ao menos dez anos mais jovens que ela. Pensou na anciã que tinha encontrado no beco quando chegou e sacudiu sua cabeça desdenhosamente. O amor seria seu em efeito. Se esqueça do amor. Após dois anos sem ninguém significativo para satisfazer suas ânsias quase constantes de sexo, se conformaria encantada em passar uma só noite com um homem com um pênis duro e agradável. Nem sequer teria que ser grande ou grosso, só duro. Mas a menos que planejasse roubar um berço, provavelmente não teria nenhuma ação esta noite. Merda!

Não é que tivesse muito de que se queixar. Ao menos não tinha que passar a noite de Halloween trabalhando como a pobre Janna. Por causa das excessivas horas que Janna tinha estado trabalhando ultimamente, todo seu contato tinha sido reduzido ao telefone.

Ela olhou ao redor. Em vez de ver sua amiga ruiva, seus olhos cravaram-se em um homem no outro extremo do local. Conteve o fôlego e se encontrou incapaz de deixar de lhe olhar. Era alto moreno, e bonito com letras maiúsculas. Além disso,



não pareceu tão jovem como os outros homens dali. Só o olhando sua boca encheu de água e seu desejo se acendeu. Ah maldição, era um pedaço de tio bom!

Quem seria? De onde terá vindo? Estava situado perto das luzes só minutos antes...

Não havia forma de que não se desse conta dele. Não só ia vestido como seu anti-herói favorito, o Conde Drácula, mas sim, além disso, ele estava de pé ali olhando fixamente primeiro seus peitos expostos e logo seus olhos. Embora estivesse acostumada a que os homens a olhassem, nunca tinha visto um par de olhos tão escuros ou compelidores como os deste homem. Tampouco já tinha visto um homem que gotejasse tal atrativo sexual por cada poro de seu corpo. Inclusive cruzando seu olhar do outro extremo do quarto causou um comichão entre suas pernas. Sua necessidade de sexo se multiplicou por dez.

Repentinamente, quase como se ele houvesse lido seus pensamentos, o homem jogou atrás com naturalidade a capa que tinha posta e lançou para baixo um rápido olhar. Seu olhar fixo o seguiu e conteve o fôlego, seu coração começou de repente a troar em seu peito. Ah, que o Senhor a ajudasse! Ali, desde essa distância, pego a sua coxa, viu o claro contorno de um comprido e grosso pênis.

Ela o contemplou, devagar e sem pensar lambeu os lábios, sua vagina começou a palpitar de ansiedade desenfreada. Uma mulher só e sexualmente faminta poderia certamente desfrutar de uma larga e luxuriosa noite com um homem equipado com um pacote de semelhante tamanho.

Mas o que estava pensando? Ela, que sempre advertia a suas alunas contra os perigos de permitir que adolescentes as convencessem de se despir e se meter em sua cama. Voltou seu olhar para sua cara. Tinha os lábios mais sensuais que ela já tinha visto; sabia que seriam tão doces como o mel. E aqueles olhos, tão escuros e magnéticos. Alguém havia dito uma vez que os olhos eram as janelas da alma. Sentiu como se ele tratasse de ver até sua alma só com seu olhar. Não sabia o que era, mas, estava funcionando.

Mas estava sendo ridícula. O licor, o batimento do coração incessante da música, junto com a crua sensualidade do formoso desconhecido vestido de Drácula, todos tinham combinado para que flutuasse fora da realidade. Bem, tinha fantasiado encontrando um homem tão poderoso e atrativo como o Conde desde que tinha lido pela primeira vez Drácula. Entretanto, já não tinha quinze impressionáveis anos. Não havia nenhuma razão para estar de pé contemplando o pênis de um desconhecido, jovem desconhecido neste caso. Poderia estar quente, mas ainda tinha seu orgulho e amor próprio.

Desviou o olhar, jogando uma olhada através do local e teve que piscar duas vezes quando viu Janna se afastar de uma mulher vestida como Xena. Podia ser... não. Não podia ser Nancy!

Olhou outra vez, e desta vez seus olhos se encontraram com os da mulher. Era Nancy! Inclusive quando sorriu com surpreso prazer e pronunciou o pequeno “uau”

à nova Nancy, era consciente de que o desconhecido ainda a contemplava do outro lado do quarto. Podia sentir seu abrasador olhar.

Só que já não estava do outro lado do quarto. Sentiu uma repentina sensação de zumbido descendo por seu pescoço e em sua vagina e girou rapidamente para encontrá-lo a seu lado. Elevou a vista para seus olhos. Devia ser a luz psicodélica que fazia com que seus olhos brilhassem e titilassem com diminutos e ardentes brilhos.

—Olá.

Sua voz era baixa e profunda e se deslizava ao longo de suas terminações nervosas como uma carícia doce e, irresistível.

—Ah. Olá—. Sua voz saiu em um sussurro sem fôlego que a envergonhou.

Ele sorriu, revelando uns dentes muito brancos, e estendeu sua mão. —Mikhel Dumont.

—Erica Kalai—. Ela posou sua mão na sua.

Seus dedos acariciaram os seus, enviando diminutos fogos de desejo através de seu corpo. Falando de toque mágico. —É um prazer te conhecer, Erica.

Um sentimento do completo prazer a impregnou quando a olhou fixamente, levantou sua mão para sua boca e a beijou. Embora seus lábios fossem gentis, ela viu a desenfreada luxúria arder em seu escuro olhar. Talvez, pudesse estar equivocada. Olhou rapidamente para sua coxa.

Não estava equivocada. A prova de sua excitação era ainda claramente visível. E senhor, que excitação.

Levantou a vista, ruborizando-se quando encontrou seu olhar.

O que pensaria de uma mulher que não podia afastar os olhos de seu pênis? Ela devia parecer uma completa dissoluta, mas não era tão valente na vida real. Que fazia ela ali vestida como uma fulana contemplando descaradamente o membro de semelhante jovem e formoso tio bom?

Sentindo-se nervosa, puxou sua mão. Em vez de liberá-la, ele capturou a outra e brandamente a impulsionou para ele. —Dança comigo, Erica.

Ela vacilou. Não queria aceitar, parecia-lhe muito perigoso, mas levava posta uma aura de poder e autoridade de forma tão elegante e cômoda como seu traje. Como, pensou com um suspiro mental, poderia uma mulher resistir tudo isto em um homem atrativo, e bem dotado?

Não só se permitiu deslizar facilmente entre seus braços, mas também se pressionou desavergonhadamente a seu corpo até que pôde sentir o sedutor contorno de seu pênis. Uma bola de calor e desejo se apertou em seu estômago e enviou um choque de necessidade diretamente até os dedos do pé pelo delicioso contato. Deus, tinha que o ter.

—Tudo bem. —falou brandamente. —Ceda a seus desejos e paixões. Sinta-me mais perto.

Ela o fez e o sentiu palpitando contra ela. Ah, senhor, desejava sentir o longo e grosso pênis se deslizando dentro dela tanto que era incapaz de pensar correto. Tremia. Me foda, por favor.

—A noite é jovem, Erica. Esta noite conseguirá tudo o que desejas.

Levantou sua cabeça e elevou a vista para ele, não fazendo nenhum esforço para esconder o desejo por ele. —O que? O que disse?

—Que conseguirá tudo o que quer, — repetiu ele.

—Ah, Deus, isso espero, — sussurrou ela.

Ele apertou seus braços ao redor dela e se moveram devagar pela pista. Dançaram, não ao ritmo da música, melhor dizendo ao ritmo de uma primitiva marcha que pareceu lhes envolver e lhes isolar em um mundo próprio. Um pedaço de sua mente era ainda consciente de que outras pessoas os rodeavam. Mas seu coração, seu desejo, sua necessidade física eram somente conscientes dele. Nunca tinha encontrado a um homem que podia hipnotizá-la tão facilmente e fazer que palpitasse de desejo e luxúria. Quem era este homem? E como podia fazê-la sentir tão viçosa e desinibida?

Dançaram devagar. Seus pés apenas se moviam, mas seus quadris se esfregavam de uma maneira que era positivamente indecente e tão ah! Tão terrivelmente deliciosa. Era uma desavergonhada, mas não se preocupava. Enquanto ele mantivesse seu membro em contato com seu corpo, não lhe preocupava nada. Enquanto dançava, se perguntou quais seriam suas possibilidades de passar a noite ou ao menos umas horas com ele.

De acordo, ele parecia muito jovem, mas estava tão necessitada que não se importava. Se ele quisesse passar por cima da diferença de idade, passaria de boa vontade à noite com ele. Infernos, tão quente como se sentia, até pagaria pelo privilégio. Mordeu o lábio, se perguntando se aceitaria um cheque. Se não, iria a um caixa automático e retiraria tanto dinheiro como pudesse.

Ele colocou um dedo sob seu queixo e elevou seu rosto. A contra gosto abriu os olhos e elevou a vista a seu fogo olhar. —se faz tarde, — disse.

OH, não! Não iria excitar suas paixões e logo levar a alguma garota jovem para casa para passar a noite? —São apenas dez, — protestou ela, tratando de impedir que sua voz se elevasse pelo pânico. —Certamente não irá ainda.

—Meus projetos para o resto da noite não incluem permanecer aqui muito mais tempo.

Ela suspirou. De acordo. Se queria ir, bem. Não ia lhe rogar.

—Então não deixe que o impeça.

Tentou se afastar dele, mas seus braços permaneceram apertados ao redor dela. —Me entendeu mal, Erica. Quero que venha comigo.

—O que? Ir com você? Não posso. —Inclusive enquanto falava, sabia que se ia com ele. — Eu... não posso.

Ele acariciou com uma mão grande seu traseiro escassamente coberto e um estremecimento a atravessou. — por que não?

—Por que não?— Havia algo nele que fazia difícil não cumprir o que dizia. Piscou e sacudiu sua cabeça um pouco. Era ridículo. Havia-lhe dito apenas duas

frases e se supunha que ia partir com ele? Fantasias sobre passar a noite com ele e fazê-lo realmente era duas coisas muito diferentes.

—Sim. Por que não?

—Por que não? Eu... nem sequer o conheço.

Ele acariciou sua bochecha com um dedo longo. Seus olhos queimavam com intensidade. — Essa é a melhor razão para partir... chegar a me conhecer melhor, — murmurou ele. Ele apoiou seu corpo contra o seu.

—Virá comigo.

Senhor se sentia bem. Como podia negar a seu corpo sexualmente faminto a oportunidade de experimentar ser tomada pelo maior pênis que ela havia sentido alguma vez? Sobretudo quando o dono era o homem mais fascinante que se tinha encontrado alguma vez?

—É muito jovem — ela se desculpou, olhando longe. — ao redor de vinte e cinco.

Ele pressionou um dedo contra seus lábios e um comichão a transpassou. —Te faria se sentir melhor se eu tivesse trinta anos?

—Isto são dez anos a menos ainda. Mikhel tenho quarenta anos. Esta noite.

—Esta noite? — Ele sorriu e de repente a girou ao redor antes de dobrar suas costas entre seus braços. —feliz aniversário, Erica.

Rindo e se sentindo sem fôlego apesar de si mesma, elevou a vista a seus olhos. —Obrigado, mas sigo sendo aproximadamente dez anos muito velha para ir com você.

—É? Não tenho nada que opinar sobre o assunto?

Ela sacudiu sua cabeça, sem fôlego.

Seus olhos memorizaram seu rosto. —Não? Bem, e se te digo que eu gosto de mulheres amadurecidas, Erica?

Ah, moço! Como gostou do modo como disse seu nome, lhe deixando rodar devagar por sua língua como a última gota do vinho de soleira que ambos estavam impacientes por consumir enquanto ao mesmo tempo não desejavam terminar. Ele a fazia sentir algo estranha e valiosa, saboreada por um entendido. Merda, era uma sensação embriagadora. Mas se atreveria a ir com ele?

Ela mordeu o lábio. —Você gosta?

Seu sorriso era lento e quente. —Sim, eu gosto. Venha comigo e te mostrarei quanto adoro as mulheres amadurecidas. —Ele falou em um tom baixo. —Posso te prometer que não se arrependerá. A farei feliz e satisfarei todas as suas necessidades e desejos mais luxuriosos.

Ele se aproximou tanto dela que sentiu o abanar de seu fôlego contra seus lábios em um gesto que era tão erótico como qualquer beijo de que tinha desfrutado alguma vez. Apertou-se mais perto, totalmente incapaz de resistir a ele e seu poderoso magnetismo sexual. Ela se sentia... compelida, quase como se não tivesse nenhuma outra opção, só ir com ele. E vá se não gostava dessa sensação.

—Vive um pouco. Esquece a precaução e o convencionalismo. Venha comigo, Erica, — murmurou. —Venha comigo e experimenta um nível novo e emocionante do prazer. Satisfarei completamente seus desejos... uma e outra vez.

Ela piscou, lutando pelo controle de seus sentidos, logo respirou fundo. —Eu... não posso. Tenho umas amigas aqui que não vi em semanas.

—Qual é o problema, Erica?

—O... problema? — Qual era o problema? Piscou, lutando para pensar claramente.

—Sim. O problema. Se forem suas amigas, entenderão que tem que vir comigo.

—Não posso simplesmente partir com você e ir...

—Partir e o que?

Tragou várias vezes e olhou diretamente a seus escuros e irresistíveis olhos. —E transar sem sentido — disse vigorosamente. Já que sabia que isto era exatamente o que passaria uma vez que estivessem sozinhos. E para ela estava bem.

—Por que não? Esta noite você saiu porque quer transar.

Ela se ruborizou. — Como... como pode saber isso?

—Não importa como sei. O assunto é que sei. E não se equivoque, Erica, tenho a completa intenção de transar esta noite até perder o sentido... durante muito tempo. Como você deseja.

Ela se empapou. —Como... como pode saber o que desejo?

—Nega que isso é o que quer?

—Não, — confessou, umedecendo seus lábios. — É pelo modo que vou vestida?

Ele sacudiu sua escura cabeça. — Embora encontre seu vestido muito provocador, não é por isso que sei o que quer.

Então era pelo modo em que ela seguia apertada contra seu membro.

—Não. Não é por isso tampouco, — disse ele.

Ela o olhou. Era quase como se soubesse o que pensava. —Então o que é? Como sabe?

—Venha comigo e o averiguará.

—Já... já disse que não posso ir com você.

—Por que não? É o que ambos queremos—. Seu braço se apertou ao redor de sua cintura, a atraindo mais perto. A sensação de seu pênis contra seu ventre expulsou o último vestígio do pensamento racional de sua mente. Por que não em efeito? Nancy e Janna entenderiam. —Bem—, se ouviu dizer em um sussurro, se rendendo ao desejo que queimava seu controle.

—Não se arrependerá — prometeu ele com uma voz suave, profunda. —Esta será uma noite muito especial para você... para nós. Prazeres deliciosos, incríveis nos esperam.

Ela escondeu um sorriso. Já tinha concordado em ir com ele; não tinha que insistir tanto.

—Tenho a intenção de satisfazer suas fantasias mais selvagens, minha encantadora, encantadora, Erica.

Acreditou nele. Sabia que estava embarcando para uma longa e deliciosamente má noite. Mais tarde, quando estivesse de volta em Boston, estaria provavelmente envergonhada e horrorizada do fácil que tinha resultado a um homem saltar à cama com ela para uma transa.

Olhou nos escuros olhos, hipnotizantes do homem que a abraçava tão estreitamente. Esquece semelhantes tolices. De nenhuma maneira ia lamentar nenhum segundo passado com este homem. Ela assentiu. —Sei.

Ele sorriu, e um calor absolutamente delicioso a encheu. —Farei esta noite uma muito especial para você, Erica. Será o aniversário mais memorável de sua vida.

Adorou o crédulo e seguro de si mesmo que era e de suas capacidades como amante.

Ele acariciou sua bochecha. —Esta noite será uma noite que nenhum de nós jamais esquecerá.

Apartou o olhar dele. Através do local, viu Janna. Sua amiga parecia aborrecida. Não pôde ver Nancy entre todas as pessoas que havia. Se sentindo culpada, ela chamou a atenção de Janna, enviando a ela um olhar de “por favor, compreenda”.

—Não se preocupe com suas amigas, — disse. Elas descobrirão prazeres para si mesmas. Esta noite... nos pertence. Venha comigo, minha encantada Erica e aprende o que significa ser fodida por um homem que sabe fazer amor a uma mulher.

Ah, senhor, se ele ia seguir com esse tipo de conversação, ia gozar aqui mesmo antes que pudessem estar sozinhos e pudesse colocar seu grande membro nela.

Ele riu e deu um apertão na sua cintura. —Venha comigo, carinho.

—Ah, sim. —Ela assentiu com impaciência e permitiu que a conduzisse fora da festa.

Fora no ar frio, ele a agarrou nos braços. Sentiu-se como uma adolescente com a vertigem de render sua virgindade durante a noite de graduação. Ah, Deus, que sentimento. Abraçou seu pescoço, esfregando sua bochecha contra seu peito.

Ele a levou a seu carro com uma facilidade que a surpreendeu e encantou. Se podia levá-la mais de uns metros sem se esgotar, seria capaz de continuar toda a noite como tinha prometido a ela. Que diabos! Parece que tinha ganhado na loteria.

## ***CAPÍTULO DOIS***

Mantinha o olhar fixo sobre o caminho na frente dele, entretanto, Mikhel era muito consciente da mulher sentada a seu lado no interior escuro do carro, mais consciente do que alguma vez tinha estado de qualquer outra mulher. O suave

aroma de seu perfume fazia cócegas em seu nariz atrativamente. As aletas de seu nariz flamejaram ligeiramente, um aroma fraco, mas inequívoco de sua excitação inflamou seus sentidos. Não havia nada mais embriagador que o aroma de uma mulher ansiosa por tê-lo dentro, a fodendo. Seu membro palpitou e se inchou com a necessidade. O sangue esmurrava por suas veias. A fome de seu corpo e seu sangue ameaçou lhe afligir. O desejo de estacionar o automóvel em uma zona escura do caminho e ter um sabor rápido de sua vagina era difícil de resistir.

Com qualquer outra mulher não teria feito nem sequer o esforço de resistir a suas inclinações naturais. Quando queria sexo, queria já. Mas soube que esta formosa mulher loira era diferente... especial. Não queria que sua primeira vez com ela fosse no assento traseiro de um automóvel onde ele tinha tomado a outras muitas mulheres que não tinham significado nada para ele.

Kattia tinha tido razão. Vir a Salem tinha sido correto. Erica Kalai era especial e seu primeiro contato sexual juntos devia ser especial e memorável para ambos. Isso significava esperar um pouco mais.

Impaciente por tê-la só e na cama, tinha lhe incomodado o tempo que levou se deter em seu hotel para lhe conseguir roupa para o dia seguinte. Não é que ela fosse ter muita necessidade de roupa. Planejava mantê-la nua e enchê-la com seu membro tudo o que resistissem.

Com sua muda de roupa na mala no assento traseiro, conduziu o carro ao estacionamento do restaurante Waterfront<sup>5</sup> onde tinha decidido levá-la para jantar. Embora estivesse faminto de sexo com ela, desejava cortejá-la primeiro. Embora para sua surpresa, encontrou que desejava ganhar seu coração antes de se meter na cama com ela. Quando a possuísse, queria que sentisse o mesmo nível desesperado de luxúria por seu membro e suas presas que ele sentia por seu sexo e seu sangue.

Deu a volta para olhá-la, a sede por seu sangue aumentava. Isto era o que sentia falta em sua relação com Deoctra. Não havia paixão ali. Nenhuma fome. Nenhuma luxúria. Nenhuma desesperada necessidade. Nada que o fizesse pensar que não poderia viver sem ela. Nada com Deoctra o fazia se sentir como se pudesse enfrentar alegremente a uma horda de caçadores de vampiros por estar com ela. Assim é como se sentia com Erica. Tudo nesta mulher o excitava, seu alto e voluptuoso corpo, seus grandes peitos, seu cabelo loiro, o suave som de sua voz, o modo desavergonhado com que olhava seu membro...

Infernos, inclusive poderia ter suficiente fome de seu membro para tomá-lo completamente dentro dela. O pensamento quase o voltou louco de luxúria. Tranquilo, Mikhel, tentou se acalmar. Primeiro o cortejo, sexo e interminável paixão depois.

Erica. Inclusive seu nome o fascinava, alimentando sua fome por ela. Ele tinha que tê-la em sua cama, sentir sua vagina aceitando seu membro, provar seu sangue

---

<sup>5</sup> Famosa cadeia de hotéis canadense, que se estabelecem à beira do mar, daí seu nome (N.T. esperando conhecê-lo algum dia).

sobre sua língua e em sua boca. Sua fome aumentava com cada segundo que passava, sentia tanta vontade de pular o jantar, e a levar direto à cama, e lhe fazer amor, e colocar seus dentes nesse comprido e delicado pescoço. Não lhe faria mal. Ele não poderia lhe fazer mal. Nem tampouco deixaria que ninguém mais a machucasse. Franziu o sobrecenho, seus pensamentos voltando brevemente para a pequena e morena mulher que não gostaria absolutamente do atual giro dos acontecimentos. Porque sabia que Erica ia ser mais que uma confusão de uma noite. Não, Deoctra não ia estar contente absolutamente.

Ao inferno com ela. Full-blood ou não, pensar nela não fazia que seu membro se endurecesse como o fazia ao pensar na mulher a seu lado. Merda, inclusive quando Deoctra chupava seu membro, não sentia o nível de excitação e prazer que sentia simplesmente sentando-se ao lado desta encantadora mulher. Erica. Erica. Sua Erica.

Pensou na reação de sua mãe quando conhecesse seu novo amor. Era uma pena que Erica fosse humana, mas ninguém era perfeito. Tinha o pressentimento de que sua longa busca tinha finalmente acabamento.

Tinha passado os últimos vinte anos procurando uma mulher cujo corpo e sangue criariam uma necessidade insaciável nele. O efeito que ela tinha sobre ele só podia significar uma coisa: ela era a única. O sangue rugiu por suas veias com o pensamento. Por fim. Tinha encontrado a sua companheira no Bloodlust, sua companheira de sangue. Ele conhecia ao menos duas fêmeas full-blood que não estariam muito felizes com a notícia, mas esta era sua vida e a viveria como gostava, com sua bloodlust por escolha, Erica Kalai. Sua Erica Kalai.

Só por um momento, seus pensamentos voltaram de novo para Deoctra. Sabia que tinha estado esperando para se estabelecer com ele durante vários anos. Embora não queria feri-la, soube que Erica Kalai era a uma mulher que ele queria ter.

Tinha que tê-la. Mas queria que viesse por sua própria vontade não porque subjugasse a vontade dela com a sua. Inclusive marginalmente. Claro, que se não mostrasse inclinação de ficar com ele voluntariamente, teria que reavaliar sua decisão.

—Está muito calado. O que está pensando? —perguntou, enquanto ele sustentava a porta do restaurante aberta para ela.

—Estou pensando quanto a desejo nua e excitada debaixo de mim na cama, — disse e sorriu divertido ante o rubor que cobriu suas bochechas.

—É impossível — murmurou, enquanto apartava seu olhar.

—Essa é sua maneira de me dizer que prefere estar em cima?

Ele viu como sua cara ficava mais tinta e suspeitou que a idéia de estar em cima dele, enquanto montava a seu próprio ritmo e controlando a transa, a excitou. Mas viu que não estava pronta para admitir.

—Isso não é o que quis dizer absolutamente, — vaiou, claramente envergonhada.



—Não há problema, — ele continuou, como se ela não tivesse falado. Encontrou que gostava de picá-la e olhar seu rubor. As bochechas vermelhas a faziam parecer até mais sexy. —Realmente não importa que posição usemos com tal de que consiga colocar meu membro logo dentro de você e a mantenha ali muito tempo, toda a noite.

—Baixa a voz, — pediu, jogando um olhar ao redor enquanto se detinham na mesa que o maitre tinha escolhido. —Não quererá que todos se inteirem que você... nós...

—Vamos passar toda a noite juntos na cama? —sugeriu serviçalmente quando ela travou. —Fodendo como loucos?

—Não o faremos se segue fazendo isto — o advertiu, seu olhar azul tormentoso.

Seu sorriso desapareceu. Enquanto que em algum nível primitivo admirava a uma mulher com espírito, não estava preparado para ser rechaçado por sua mulher a menos que estivessem na cama. —Não se equivoque, Erica. Vamos passar a noite juntos... apesar do que diga.

Ele viu que seus olhos se alargam. —Sem ter em conta o que eu queira? —Ela moveu sua cabeça. —Eu não contaria com isso se fosse você, Mikhel!

Ele estudou seu rosto. Seus belos olhos azuis brilhando com reflexos zangados e suas bochechas avermelhadas pela agitação. Era encantadora. Sorriu. —Se vê deliciosa... bastante boa para te comer quando está zangada.

—É impossível!

—Mas você deseja passar a noite comigo. Não é assim? Ela apertou os lábios.

Ele arqueou uma sobrancelha e lhe jogou um largo e silencioso olhar. Era tempo de que soubesse que estava acostumado a conseguir a sua maneira às mulheres.

Depois de um longo suspiro, inclinou sua cabeça, seus olhos ainda reluzentes com ligeiro desafio. Ele riu e deliberadamente deu um açoite no seu traseiro. Dominá-la ia ser um autêntico prazer.

—Ei! —Lançou-lhe um olhar de advertência.

Decidiu que já a tinha vexado e provocado bastante no momento. Compôs um conveniente olhar contrito e tirou a cadeira.

—Não me olhe assim. Desculpo-me, embora realmente não seja culpa minha.

—OH, realmente? De quem é a culpa se não sabe se comportar de uma maneira semicivilizada em público?

Ele se sentou em frente a ela. —Sua.

—Minha? Como pôde chegar a essa incrível conclusão?

—Sua, — repetiu. —Não posso evitá-lo. Você me sobe à cabeça e me incita a fazer tolices.

Ele viu uma miríade de emoções por sua cara; a irritação, a surpresa, a dúvida, a suspeita, e finalmente o prazer.

Soube que pensou que ele estava brincando, mas realmente não era assim. Ela o estava fazendo se comportar de maneira diferente. Sorriu para ela.

—Me perdoa?

Ela assentiu rapidamente. —Sim... Oh, sim, Mikhel.

Falou com um pouco de estremecimento em sua voz o que fez seu membro se endurecer. Estar sentado durante todo o jantar ia ser uma agonia.

Uma hora depois, ainda sentados na mesa com vistas para o mar, mantinha seu olhar fixo sobre ela. Sentia-se bêbado de luxúria e antecipação. Achava tudo sobre ela, embriagador. Olhá-la, falar, tudo, gostava de tudo e mais queria mais.

Após uns momentos de silêncio, ela deixou sua xícara de café e arqueou uma sobrancelha — Mikhel?

—Sim?

—Está me olhando fixamente... de novo.

Ele não se desculpou. —É tão formosa... não só seu corpo, mas também sua alma. Certamente que a estou olhando, — ele murmurou.

—Como poderia evitá-lo? É tão absolutamente deliciosa.

Ela tomou uma profunda respiração. —Admito que eu gosto que pense isso, mas me faz parecer um prato que pensa comer.

—Oh, penso te comer.

—Me comer? Quer... realmente quer... fazê-lo?

—Oooh, acredito que sabe exatamente o que quero dizer, Erica. Vou te comer e desfrutar com isso.

Voltou a respirar profundamente, firme. —De acordo, posso aceitar e apreciar que ache que sou bela exteriormente, mas no espírito? Como pode saber simplesmente depois de uma dança e um jantar?

Olhando-a, uma rajada de ternura inesperada varreu dentro dele, algo que nunca tinha sentido por nenhuma mulher exceto por sua mãe e sua irmã. Ele tomou um momento para desfrutar do sentimento antes de sorrir para ela. —Posso ver a beleza de seu espírito e sua alma em seus encantadores olhos.

—Não são meus olhos o que esteve olhando fixamente; são meus peitos e pescoço.

—Seus peitos são encantadores. E seu pescoço? Bem, também é encantador. Comprido magro, e tenro.

—Tenro? —riu. —Lá vai de novo. Acredito que esse traje que está vestindo está subindo à sua cabeça. Faz-me parecer um pedaço de carne que planeja comer para o jantar!

Assim pensava que estava permitindo que seu disfarce de Drácula lhe subisse à cabeça. Precisaria ir devagar para não assustá-la muito. —Oh, não o duvide, Erica, decidi te comer de jantar ou pelo menos de sobremesa—. Seu escuro olhar descansou sobre ela, suas intenções óbvias. —Seus lábios, seu pescoço, seus peitos, sua vagina. Penso comer e saborear tudo. Não posso esperar para ter minha língua

dentro de sua vagina. E quando a tiver, penso beber seu cáldo sangue. Mas não mencionou isto. Conheceria a verdade sobre ele muito em breve.

Viu como uma onda de cor manchou suas bochechas. Ela tragou. — Oh, Deus, —murmurou baixinho, —está me fazendo sentir tão quente e excitada.

Rindo, ele estendeu a mão e embalou uma das suas. Seu rubor se intensificou. Sabia que tinha compreendido que ele tinha ouvido suas irrefletidas palavras. Aprenderia logo como era agudo seu ouvido. — Esse é o plano, minha Erica, te ter tão quente e excitada, que esteja tão faminta de mim como eu de você.

Ela se abanou com a mão. — Missão cumprida, companheiro.

—Nesse caso... — Ele elevou sua mão a sua boca e passou seus lábios por seus dedos. Seu olhar nunca se desviou de sua cara. —me conte mais coisas de você.

Ela agitou sua cabeça. —Já te disse tudo o que há para saber durante o jantar. Sou basicamente aborrecida. Não há muito que dizer mais à frente do feito que estou divorciada e sou professora e já sabe.

—Me fale de seu marido.

—Ex, — disse ela. —Totalmente ex.

—Por quê?

Ela deu de ombros. —Ele... estivemos casados durante cinco anos e ele se cansou e desiludiu.

—Por quê? — perguntou, assombrado de que qualquer homem, uma vez que tivesse conseguido a esta bela mulher, pudesse permiti-la ir. —ficou louco?

Ela sorriu. —Isso é muito doce, Mikhel.

—O que ocorreu?

—Ele... nós queríamos ter meninos.

—E?

Deu de ombros de novo, uma expressão triste enchia seus olhos. —Tentamos e tentamos. —suspirou. —O doutor nos disse que não havia nada mau com nenhum de nós que simplesmente deveríamos relaxar e deixar de tentar com tanto afinho e passaria.

—E passou?

—Não, porque ele não acreditou.

—Ah! Ele a culpou?

—Por que diz isso? —Ele apertou seus lábios. Teria que procurar a seu ex e chutar seu traseiro por feri-la? Rapidamente descartou a idéia. Depois de tudo, estava disponível e com ele porque seu ex a tinha ferido. Então, de certo modo tinha uma razão para estar agradecido a seu ex-marido.

—Três meses depois de que me deixasse, consegui deixar a sua nova mulher grávida pelo que devo ter sido eu o problema.

—Assim pensa que não pode ter meninos?

Ela assentiu, então negou com a cabeça. —Oh, eu não sei. Todos os doutores me disseram que posso, mas enfrentemos isso, Mikhel, tenho quarenta anos. Assim

embora não haja nada mau comigo, quarenta são muitos anos para começar a ter meninos.

—São? Ainda quer ter meninos?

Ela suspirou. — Não estou casada. Sei que é antiquado e anacrônico, mas penso que um menino deve ter uma mãe e um pai casados... assim me demande.

—Então, está me dizendo que se a deixar grávida terei que me casar com você? —brincou.

Ela o olhou fixamente por um longo momento, então riu.

—Oh, Mikhel! Está ficando mais impossível a cada minuto. Mas eu gosto.

E ele tinha falado a sério. — Eu quero meninos também, — disse descuidadamente.

—E estou segura que terá tantos como deseja quando se comprometer com alguma afortunada mulher.

Ele suspirou. Ela não tinha maneira de saber o difícil que lhe seria engendrar um menino. Mas, pela primeira vez em anos, se sentia esperançado. Possivelmente a paternidade não continuaria evitando-o.

—Não tem nem idéia de quanto eu gostaria disso.

Ela assentiu. — Não, não sei. Por que não me conta isso? Quero saber e falar de você.

Sua resposta habitual a tal linha de perguntas era dizer que estava solteiro, dirigia uma empresa de segurança em Boston, e então levar a mulher em questão à cama. Não queria fazer isto agora. Ele sorriu para ela. — Falo muito melhor na cama. Vamos a meu quarto do hotel e te direi tudo o que queira saber.

Por um momento pensou que ela se negaria, o obrigando a decidir entre permiti-la exercer sua vontade ou compeli-la a acompanhá-lo. De repente, ela apartou seu olhar e assentiu. — De acordo.

Ele pagou a fatura e abandonaram o restaurante, de mãos entrelaçadas. Fizeram a curta viagem ao hotel em silêncio. Quando voltasse para casa, teria que convidar Kattia para um jantar extra especial por o convencer de que viesse a Salem para o que temia que ia ser uma aborrecida festa de Halloween. Em troca, finalmente tinha encontrado à mulher pela qual tinha estado esperando anos.

No elevador do hotel, compreendeu que tinha deixado sua mala no automóvel. Deu de ombros. Ela não a necessitaria esta noite sem dúvida. Além disso, encontrava impossível manter suas mãos longe dela. Assim que a porta se fechou, deteve o elevador, abraçou-a e enterrou seu rosto em seu pescoço. A percepção do pulso de sangue através de suas veias fez que seu membro se endurecesse rapidamente. Lambeu e beijou seu pescoço, enquanto lutava contra o repentino impulso de despir seus incisivos e afundá-los na encantada e cálida pele. A chamada de seu sangue era uma irresistível força da natureza. Uma que só poderia negar um pouco antes que tivesse que responder a ela.

Ela tremeu entre seus braços e sentiu seu coração palpitar com um ruído surdo contra ele. O pensamento de que ela poderia se assustar com ele ajudou a reter sua

necessidade de provar imediatamente seu sangue. Ele queria que lhe oferecesse livremente seu pescoço, enquanto o convidava a beber seu sangue. Embora não tinha muita experiência em beber sangue, tinha ouvido que o sangue dado livremente era muito mais refrescante e nutritivo que tomado pela força. Claro, que tê-la um pouco assustada era bastante excitante. A convicção de que ela não compartilharia sua opinião o ajudou a se controlar.

Estremecendo com uma combinação de sexo e bloodlust, separou sua boca de seu pescoço, inclinado seu queixo, e olhando-a aos olhos. —antes que nos deitemos há algo que tenho que te dizer.

—O que... o que é? Está casado? —Ela umedeceu seus lábios e lançou um rápido olhar a sua nua mão esquerda. — Oh, Deus, nem sequer o perguntei antes de vir com você! — gritou, claramente horrorizada.

—Não! Não, não estou casado, — assegurou rapidamente.

—Então o que é? Tem noiva?

Deotra, e outras cem mais, mal poderiam se chamar noivas. E embora tivessem estado se vendo ultimamente, ela não significava nada para ele. —Não, Erica, eu não tenho nenhuma mulher estável ou especial em minha vida. —Embora, sentiu uma pontada de consciência, mas descartou-a. Deotra não poderia querê-lo mais do que ele a queria, de outra forma não teria permitido que durante anos ele se deitasse com outras mulheres. Quando voltasse para casa, iria vê-la e lhe diria que tinha encontrado a sua mulher. Seu bloodlust.

—Então o que é?—O sangue repentinamente abandonou sua cara. —Oh, Deus, por favor, não me diga que é gay!

—Gay? —riu. —Se só soubesse quanto eu gosto de vagina, saberia que é impossível.

—Então o que é? Diga-o já.

—Erica, isto não é só um traje.

Ela o olhou fixamente. —O que quer dizer?

—O que disse. Não é somente um traje.

O elevador emitiu um alarme. Ele pulsou um botão e começou a subir.

—Não é somente... a menos que esteja vestido assim todo o tempo. — Oh! — deu-se uma palmada na testa e riu. —Tinha me preocupado por um momento. É um ator... bom, quando não está trabalhando em segurança.

Ele suspirou. por que era tão difícil lhe dizer simplesmente a verdade?

—Não sou ator. Eu... você sabe o que sou, minha Erica? Entende o que necessito esta noite de você além de seu bonito corpo?

Sua testa se franziu com confusão. —O que quer dizer, com que sei? É um consultor de segurança.

Ele acariciou sua bochecha. —Isto não é só um traje, minha Erica, como verá muito em breve.

—Não é só um quê... o que quer dizer?

—Acredita no sobrenatural?

—Quer dizer em fantasmas e bruxas?

—Sim... e homens-lobo e... vampiros.

—Vampiros? Quer dizer no mundo real? Reais?

—Sim, Erica... Reais.

Ela riu. —Vamos. Está de brincadeira, não é certo?

—Não estou brincando absolutamente. Falo totalmente a sério.

—Oh, vamos, Mikhel! Sei que é Halloween, mas não acha que está levando isto de Drácula um pouco muito longe?

Merda, era dura de convencer. Isto ia lhe levar um pouco mais de tempo. Deteve o elevador de novo. Despiu seus dentes, permitindo que ela visse seus afiados incisivos.

Ela conteve a respiração. —Estupendo! Parecem... — estendeu a mão e emocionada tocou uma de suas presas. —Parecem tão reais!

—Isso é porque são reais!

—Não pode ser! —Tocou seus dentes de novo. —Onde os conseguiu? —Ela empurrou seu lábio superior. —Como se sustentam?

—Nasci com eles, Erica! O que tenho que fazer para te convencer de que são reais? Afundá-los em seu pescoço? —exigiu, exasperado. — Isto não é uma fodida brincadeira. Sou o que acha que sou, minha Erica. — Para constatar o feito, ele permitiu que seus olhos brilhassem.

—Como... exatamente consegue fazer isso?

—Não sei como o faço. Simplesmente o faço. Nasci sabendo fazê-lo, — disse em voz baixa. —Não posso explicá-lo.

Ela ficou lhe olhando fixamente durante vários momentos. Então se soltou de seus braços e tropeçou contra a parede do elevador. —Oh, Deus! Está me assustando. Não há tais... coisas...

—Vampiros? —Ele fechou a distância entre eles e acariciou sua bochecha. Ela abriu a boca e retrocedeu, mas não podia ir a nenhuma parte, já estava contra a parede. —Sim que existem tais coisas, minha Erica, mas não tem nenhuma necessidade de me temer. Nunca te farei mal. Nunca, minha Erica.

Ela inalou profundamente. —De acordo. Isto está começando a resultar muito estranho. Por favor. Deixe-me ir, Mikhel.

A porta do elevador se abriu atrás deles e ele deu a volta. Um homem e uma mulher estavam parados ali, ambos vestidos como vampiros. Ele lhes mostrou seus incisivos e um grunhido baixo de sua garganta, — Tomem o próximo!

O casal ofegou e saiu do elevador e ele apertou o botão de fechar a porta. Quando se voltou para enfrentar a Erica, sua cara tinha perdido quase toda sua cor, seus olhos estavam arregalados e não piscavam. Podia ouvir seu coração palpitando de medo. Finalmente tinha se convencido. E agora estava extremamente assustada.

Suspirou, retraiu suas presas, e estirou uma mão. Embora estivesse abatida, permitiu-lhe tomar sua mão. —Não tenha medo, minha Erica. Por favor. —Tomou seu tremulo corpo entre seus braços e a sustentou forte, balançando-a. — Não te

faria mal. Nunca. —Ele cavou seu rosto entre suas mãos e a fez olhá-lo. —Não te farei nada que não queira que te faça. Prometo. Confia em mim, minha Erica.

Confiar em um homem ao que jamais tinha visto antes e que me diz que é um vampiro?

—Oh, Mikhel! —Ela enterrou sua cara contra seu ombro. —Uma parte de mim quer te acreditar, mas outra te tem medo.

O elevador se abriu em seu andar e a urgiu para o corredor com ele.

Sustentou sua mão enquanto caminhavam para o quarto. Fez uma pausa e a olhou. —Sei que é muito para digerir, mas queria que soubesse a verdade por mim antes que nos deitássemos.

Para seu assombro, ela se separou bruscamente dele. —Está louco? Está maluco se pensa que vou me deitar com um... um... com você! —gritou e fugiu pelo vestíbulo para o elevador.

### ***CAPÍTULO TRÊS***

Mikhel suspirou. Ia ser uma longa noite, pensou enquanto se dirigia corredor abaixo atrás dela. Alcançou-a muito antes que chegasse ao elevador e a fez girar para encará-lo.

Manteve-a imóvel apesar de sua resistência, e lhe permitiu olhar fixamente, com uma mescla de horror e fascinação, seus brilhantes olhos e suas presas descobertas antes de falar. —Sim, vai se deitar comigo, Erica. Esta noite tenho a intenção de provar não só sua vagina, mas também seu sangue. Aceita isso porque vai ocorrer... muito em breve, minha encantadora Erica.

Ela sacudiu a cabeça e lutou para se separar dele. —Por favor. Oh, Deus, por favor, Mikhel, me deixe partir!

—É muito tarde para isso. —advertiu-lhe. —veio comigo por própria vontade. Conseguirei o que prometeu me dar.

—Mudei de opinião. Por favor.

—Isso não está permitido. Vou ter te, mas não quero te fazer mal.

—Por favor. Por favor. Mudei de idéia.

—Não, não o fez. —Resistiu o impulso de tentar sacudi-la para fazê-la entrar em razão. Ainda podia cheirar seu desejo por ele. —Só está assustada e com motivo, mas não te vou machucar. Confia em mim.

—Deve haver outras mulheres que o desejem... vá procurar uma delas.

—Desejo a você. A tenho. Aprenderá a superá-lo.

—Vai... vai me forçar... me levar à cama contra minha vontade? —Perguntou.  
—Existe uma palavra para isso, já sabe. É uma palavra desagradável que a polícia utiliza para os homens como você que não aceitam um não por resposta.

Os lábios de Mikhel se crispavam. —Acredito que a palavra que está procurando é violação — disse, tratando de ocultar sua diversão.

Ela tomou fôlego com um sobressalto. —Oh, Deus! Isso não! Por favor!

Por que demônios havia mulheres que eram tão malditamente melodramáticas? Ao mesmo tempo em que sabia, por um lado, que realmente lhe tinha medo, também sabia que não temia que ele a violasse. Olhou-a fixamente aos olhos até que apartou a vista. De fato, sentiu que a idéia de uma quase violação era algo que a excitava.

Para confirmar sua teoria, ela enterrou a cara em seu ombro. Mikhel pôde sentir como seu coração palpitava com uma mescla de medo e excitação. —Oh, Mikhel! Uma parte de mim te deseja, mas a outra tem medo. Não... não quero ser... forçada.

E uma merda que não queria. Sua necessidade de que a dominasse sexualmente era quase evidente. Mas decidiu seguir o jogo dela, enquanto lhe dava o que realmente queria. — Confia na parte que me deseja, minha Erica, e nunca, nunca me tenha medo. Não te farei mal nem deixarei que ninguém lhe faça isso. Virá de boa vontade comigo? Se o desejar de verdade, a levarei de volta à festa, mas eu realmente necessito que fique comigo esta noite. Fará?

—Já estava. Se realmente temia ser forçada sexualmente, agarraria a oportunidade que lhe estava oferecendo.

—E se disser que não?

—A levarei de volta. —mentiu. Não havia nenhuma maldita maneira de que não fosse passar a noite com ela.

Erica levantou a cabeça e elevou a vista até ele. Mikhel se obrigou a não a limitar de nenhum modo. —Então? Ficará?

Seu coração retumbou em seu peito e experimentou uma incrível sensação de alegria quando ela assentiu. —Sim. Ficarei. —Suspirou.

—Com alguma condição? —Perguntou brandamente.

Erica hesitou antes de assentir lentamente. —Somente uma muito importante. Tem que prometer que não... me violará.

Sua voz soou mais forte na palavra violação, e ele sentiu que o coração de Erica pulsava com força com excitação e antecipação. Oh, definitivamente tinha uma fantasia sobre uma sedução forçada. Ele gostava da idéia de que ela quisesse que a dominasse sexualmente.

—Oh, lhe prometo — disse isso com um humor carregado de ironia.

—De verdade?

O inconfundível pesar em sua voz reforçou sua resolução. Oh, definitivamente ia lhe dar justo o que ela queria.



De pé com o Mikhel à luz da lua em frente à enorme porta cristaleira do quarto de hotel, Erica nunca tinha tido tanto medo em toda sua vida. E ainda assim, nunca tinha se sentido mais viva, mais sensual e mais lasciva. Nunca tinha estado mais preparada para ter a um homem que subjugasse sua vontade e tomasse posse de seu corpo energeticamente. Não tinha nenhum desejo de ser segura, golpeada ou tratada com brutalidade, mas a idéia de um estranho jovem e bonito com presas e olhos brilhantes tomando-a sem seu total consentimento lhe provocava calafrios de luxúria e desejo por todo seu corpo. Nunca tinha compartilhado sua fantasia com ninguém porque sempre a tinha envergonhado e consternado, mas não podia negar que a tinha. Com este homem, ela queria fazê-la realidade uma e outra vez.

A idéia deste bonito homem crivando sua boca de beijos, acariciando seus peitos e forçando suas pernas a se separar e impulsionando seu enorme membro dentro de seu corpo com um vigoroso empurrão era o material de suas fantasias mais selvagens. Oh, senhor, provavelmente seria puro céu ser submetida e tomada pela força por ele.

Elevando a vista a seus escuros e brilhantes olhos, Erica soube que ele era, de fato, um vampiro, que tinha a intenção de beber seu sangue. Apesar disso, a ternura de sua boca quando a beijou, e a suavidade de suas mãos quando lhe tirou cuidadosamente os sapatos, o curto e ajustado vestido, as meias e por último a roupa de baixo de renda, fizeram diminuir seus medos. E aumentar a necessidade de viver sua fantasia, já que ela de repente soube que inclusive embora tomasse contra sua vontade, nunca lhe faria mal.

Possivelmente estava louca por se acreditar a salvo com ele, mas não podia acreditar totalmente que ele se proporia a lhe fazer mal. Uma vez que esteve nua, permaneceu de pé com o coração pulsando grosseiramente e a boca seca enquanto ele lentamente se movia a seu redor, avaliando francamente seu corpo.

Erica mordeu o lábio. Embora tivesse conseguido manter seu peso sob controle, seu corpo não era tão firme nem tão flexível como estava acostumado a ser. De acordo, seus peitos ainda eram firmes e suas pernas largas. Certamente ele devia ter visto mulheres com corpos mais atrativos. Mulheres de corpos firmes e jovens, e vaginas apertadas. Com seu aspecto, esses olhos e esse membro, poderia ter a que quisesse. Entretanto, claramente desejava a ela, ao menos por essa noite.

Quando passou diante dela, só momento depois de ter dado uma volta a seu redor, Erica ofegou. — Mikhel! Como... como tirou a roupa tão rápido?

Porque ele estava nu e total e maravilhosamente excitado.

Tinha um corpo absolutamente formoso, grande e musculoso com uns abdominais desses que se viam nas revistas, mas uma vez que olhou seu membro, já não pôde afastar o olhar dele. Era grande e grosso, e se estendia de uma massa escura de cachos na parte dianteira de seu enorme e escultural corpo enquanto ele estendia os braços para ela. —Venha. Preciso uma vagina, minha encantadora Erica.

Fazendo uma inspiração, deu um tropeção para frente. Seu duro e quente membro pressionou contra seu estômago. Um rastro de umidade gotejou de sua vagina e escorregou por sua perna. Oh, Senhor! Oh, Senhor! Isto ia ser tão bom que provavelmente a mataria, mas ia morrer em um muito feliz aniversário. —Mikhel. — sussurrou seu nome, enquanto sua vagina palpitava de luxúria e necessidade. —Oh, Mikhel. Quero seu membro dentro de mim desesperadamente.

Ele inclinou o queixo de Erica e baixou o olhar até seus olhos. — Não se preocupe, minha encantadora Erica, posso cheirar sua necessidade. — inclinou a cabeça e lambeu seu pescoço. —E vou lhe dar isso. Pressionou-se mais perto, agarrando seus quadris com as mãos. Esfregou em círculos sua virilha contra ela, deixando-a sentir o calor e o peso de sua grossa ereção. —Sente minha necessidade por sua vagina e por seu sangue, minha Erica.

Ela se estremeceu, suas pernas tremiam. Nada nunca tinha se sentido tão bem como sua dura longitude apertada contra seu corpo. Tinha que ter esse enorme e magnífico membro dentro de sua vagina. — Pode ter as duas coisas, Mikhel. Só me faça amor.

Deslizando um braço ao redor de sua cintura, colocou a outra ao longo de sua vagina, comprovando o preparada que estava. Erica mordeu o lábio, fechou os olhos e se sustentou em seus amplos ombros enquanto inumeráveis quebras de onda de prazer se propagavam por todo seu corpo. Esquecendo as camisinhas dentro de sua descartada bolsa em bandoleira, empurrou seus quadris para frente, faminta por essa primeira sensação de seu membro duro como uma rocha. Queria seu membro e seu sêmen, ambos no profundo de sua vagina. —Por favor, — rogou.

—Recorda o que disse sobre que não ia te forçar, minha preciosa?

Ela meneou os quadris, tentando colocar a cabeça de seu membro dentro de sua vagina. —Sim.

—Bom, menti. Acredito que tomarei pela força depois de tudo.

—Não me preocupa o que faça — gritou em um arrebatamento. —somente coloca seu membro em minha vagina. Por favor! Me force! Me viole! Não me importa. Me atormente! Me machuque! Me foda até que não possa caminhar direito! Não me importa! Só me dê seu membro!

Mikhel levantou a perna esquerda de Erica sobre seu quadril, enterrou seus lábios em seu pescoço e empurrou os quadris para frente, enviando a cabeça de sua dura longitude entre os lábios de seu sexo e dentro de seu já encharcado canal.

Ela esticou seu corpo, esperando pelo que sem dúvida seria dor quando ele a investiu. Não havia maneira de ter todo seu membro violentamente dirigido dentro de sua vagina sem que fosse doer como o demônio. Mas maldita seja, isso é o que ela queria. Queria cada polegada de seu membro palpitando em seu interior... ferindo-a, apesar da dor.

Mas quando ele não a investiu imediatamente, se deu conta de que não ia tomar parte em um jogo de violação com ela depois de tudo. Embora ligeiramente decepcionada, decidiu que em realidade não tinha importância. Só ter sua vagina

invadida pelo maior membro que já tinha visto em sua vida tinha feito que seus joelhos se dobrassem. Teria caído se não fosse pelos fortes braços que estavam ao redor de sua cintura. Enquanto seguia beijando e lambendo seu pescoço, Mikhel pôs a outra perna de Erica ao redor de seus quadris e lentamente a empalou na total longitude de seu membro. Uma sacudida de calor e fogo atravessaram seu ventre, e rapidamente se estendeu por sua cheia vagina. Respirando com rápidas e ásperas baforadas, envolveu suas pernas ao redor de seu corpo.

Com seu enorme membro colocado pela metade dentro dela, Mikhel se deteve e a olhou aos olhos. —Está bem? Deveria parar?

O membro de um jovem vampiro. Senhor, era tão bom. Erica mal podia respirar, mas... — Se parar ou o retirar, morro — gemeu.

Mikhel riu brandamente e continuou empurrando lentamente dentro dela.

Quando Erica sentiu seu pêlo púbico contra o seu, deixou escapar um profundo suspiro. De algum jeito tinha feito algo para tomar toda sua longitude dentro dela.

—Oh, maldita seja, está apertada. —Mikhel fechou os olhos um instante, descansando sua testa contra a de Erica e respirando profundamente. — Como se sente? — perguntou depois de um momento com uma voz grave e rouca pela luxúria, suas mãos acariciando o traseiro de Erica, como se sua plenitude o agradasse.

Oh, Deus, ela nunca havia sentido algo nem a metade de bom. Sua vagina tinha sido feita justo para ser cheia com este grosso e delicioso membro. —Oh... Oh! Não acredito que eu goste — disse com um gemido, apanhada em um clímax próximo.

—De verdade? Que coincidência. —deslizou as mãos por seus pés. — Estava pensando o mesmo de sua vagina. Embora admita que é úmida e apertada... carinho sei que não é muito cavalheiresco admiti-lo, especialmente em um momento como este, mas francamente, querida minha, tive melhores vaginas em muitas ocasiões.

—Mentiroso! —acusou-o. —Com certeza nunca teve uma vagina nem a metade de quente e boa — se surpreendeu dizendo.

Demônios, ele não era o único que podia ser arrogante.

Esticou-se ao redor dele e sorriu com satisfação quando Mikhel gemeu e se estremeceu. Mordeu seu pescoço sem atravessar a pele. —Já que a nenhum dos dois gosta disto... saco meu membro de sua vagina?

—Sim. Faça-o, por favor. —disse Erica e esticou os músculos de sua vagina para se assegurar de que ele não fizesse tal coisa.

—Acredito que o farei... logo que tenha te fodido uma ou duas vezes... possivelmente três ou quatro. Oh, Deus! —raspou seu pescoço com os dentes, sustentando-a tão apertada que os peitos da Erica se esmagavam contra seu próprio peito.

—Oh, Deus! —repetiu ela enquanto ele se retirava ligeiramente antes de empurrar de volta em seu interior. Jogou a cabeça para trás enquanto rodeava seu pescoço com os braços, o começo do êxtase dançava através de seu corpo de uma vez que Mikhel tomava posse de sua vagina outra vez. O fez várias vezes,

atormentando e excitando sua paixão até que Erica esteve preparada para explorar. Cada vez que saía de seu corpo e voltava a se deslizar dentro, os dedos de seus pés se curvavam e ela suspirava por uma dura e frenética fodida. Os compridos e torturantes movimentos a levaram a um estado de desenfreada avidez. Cansada de que a atormentasse, decidiu tomar o assunto em suas próprias mãos. Com um ofego esticou os braços e as pernas ao redor de Mikhel e começou a se deslizar acima e abaixo sobre a longitude de seu grosso e complacente membro.

Sentiu-o lutar para manter certo controle. Erica sentiu que se ele perdia o controle, poderia danificá-la fisicamente de verdade. Pôde sentir o poder forçado ao limite dentro dele... O sentia nos músculos que se estremeciam sob as carícias de seus dedos e no membro que se movia energicamente para fora e para dentro de seu corpo, alargando sua vagina e roçando lugares intactos e desatando necessidades e paixões profundamente arraigadas.

Boqueando para encontrar ar e gemendo brandamente, Erica deslizou sua vagina ao longo de seu membro, desfrutando do êxtase resultante que esticava seu ventre e a enchia de luxúria.

—Faça-o mais forte! —gemeu. —Por favor! Oh, Mikhel! Me foda mais forte!

Agarrando o traseiro de Erica com as mãos, forçou e empurrou cada grosso e duro centímetro de seu membro dentro de sua vagina com uma luxúria e um poder que quase deixaram a ela sem fôlego.

O prazer era muito intenso para ser suportado. A estava fodendo até a morte e ela estava desfrutando de cada minuto. — Assim... Segue... Segue, Mikhel. Segue. Oh, Senhor, nunca tinha tido uma fodida tão magnífica!

Erica endireitou as costas e agarrou o cabelo de Mikhel para que retirasse a boca de seu pescoço e então beijou seus suaves lábios com voracidade. A língua de Mikhel tocou a dela e Erica pensou que morreria. Então ele retirou sua língua e quando ela soltou um grito de protesto, voltou a introduzi-la em sua boca ao mesmo tempo em que seu membro se estrelava de volta dentro de sua vagina.

—Oooh, Senhor! Oh, Senhor, é tão bom! Ohhh! —gritou e em questão de momentos, se estremeceu com um devastador orgasmo que empapou seu membro ainda inundado em seu interior.

—Isso, meu amor. Goze para mim, minha Erica. —disse ele enquanto estava dentro dela dando investidas rápidas e poderosas que lhe provocaram outro incrível orgasmo. —Isso, meu amor. Cobre meu membro com os quentes sucos de sua vagina. Goze para mim uma e outra vez. Cobre meu membro com o doce néctar de sua vagina e eu a encherei com meu sêmen.

—Oh, Deus, Mikhel... É tão bom... Seu membro é tão bom...Oooh.

Seus sucos fluíram sobre seu membro até que ela se sentiu fraca.

Com um gemido se deixou cair contra ele, enterrando a cara em seu ombro, tremendo com as seqüelas da relação amorosa mais absolutamente maravilhosa que jamais tinha recebido. Ainda de pé, Mikhel a sustentou em seus braços e beijou

brandamente seu cabelo. Embora seu membro ainda estivesse totalmente enterrado dentro dela, já não empurrava em seu interior.

Passaram vários minutos enquanto ela jazia contra ele, desfrutando que estivesse ainda duro como o aço antes de levantar a cabeça e elevar a vista até ele. —Você não caiu.

Ele beijou seu pescoço. —O que?

Erica levantou a cabeça e o olhou. —Nunca tinha estado com um homem capaz de fazer amor de pé sem cair ou se apoiar contra algo.

Beijou-lhe a ponta do nariz. —Nunca teve a um vampiro fazendo amor com você.

—Não. —inclinou-se para frente e beijou seus lábios. —Não tinha nem idéia do que estava perdendo, Mikhel. —suspirou e jogou a cabeça para trás para olhá-lo. — Ainda está grosso e duro. Não gozou.

—Ainda não.

Seus olhares se encontraram e Erica tomou fôlego. —É verdade o que dizem dos vampiros? —Que nunca conseguem o bastante, nem de uma vagina nem de sangue.

—Tenho um apetite bastante grande por uma vagina, que não sempre posso controlar —admitiu. —Contudo, não deveria te surpreender saber que não tenho uma particular necessidade ou sede de sangue... Normalmente... Mas esta noite sim a tenho, minha beleza. Não só queria te foder, o qual era um delicioso pensamento. Também queria sentir seu cálido sangue descendo por minha garganta enquanto deixava sua doce vagina cheia de meu sêmen.

Os músculos do estômago de Erica se esticaram e sua vagina se apertou impulsivamente ao redor de seu membro grosso e duro. Oh, que o Senhor a ajudasse. Ele a havia fodido e ela faria quase algo por outra transa como a que tinha tido, mas quão longe estava disposta a chegar? O momento da verdade tinha chegado. Lambeu os lábios e observou seus olhos escuros. —Sei que não gozou ainda, mas, não poderia somente... Me foder um pouco mais? Pode me foder tão forte como você gosta e ter minha vagina tudo o que queira.

—Oh, penso te foder muito mais, mas necessito mais.

—OH, Mikhel... Tem que tomar sangue?

Ele roçou seus lábios contra os dela. —Sim. Preciso provar seu sangue.

—Oh, Deus! Sei que disse que podia ter o que quisesse, mas tenho tanto medo.

—Não há necessidade de ter medo. Não vou te fazer mal. — acariciou sua bochecha. —me deixe provar seu sangue e te darei o que quer de verdade.

—O que... O que quer dizer?

Os olhos de Mikhel brilharam enquanto mostrava os dentes. —Tomarei pela força... Amavelmente certamente... Ou possivelmente não tão amavelmente.

—Nunca disse que queria ser... De onde tirou a idéia de que eu... eu não tenho... —Mikhel arqueou uma sobrancelha e a voz de Erica foi se apagando

enquanto se ruborizava. —Faz soar como se fosse uma pervertida ao dizer que quero ser tomada pela força.

Mikhel riu com suavidade. —relaxe, Erica, sei que só é uma fantasia. Não tem por que se envergonhar. Me dou conta perfeitamente de que não deseja um homem ao que não conhece nem quer que ninguém a force. Mas se quer fingir que é isso o que estou a ponto de fazer, sabendo perfeitamente bem que não a machucaria, onde está o dano? —Lambeu seu pescoço e bateu em seu traseiro. —É uma fantasia da que podemos desfrutar dos dois.

—Alguma vez há... violou a alguém antes, Mikhel?

—Não! —Sua resposta foi rápida e cortante. Olhando-o aos olhos, ela não estava segura de lhe acreditar.

Mikhel baixou a vista e Erica inspirou rapidamente. Realmente tinha tomado a uma mulher pela força contra sua vontade? Tocou-lhe o cabelo. —Mikhel?

A contra gosto, ele levantou a cabeça e a olhou. —Erica, eu não...Quando era mais jovem e estava entusiasmado pelos poderes que tinha por ser o que sou, às vezes fiz coisas que agora lamento.

Quando era mais jovem? Ainda era muito jovem. Ficou o olhando fixamente. —Que tipo de coisas?

A mandíbula de Mikhel se esticou. —Coisas das que me arrependo —disse.

—Isso é um sim?

—Não exatamente... Não.

Ela suspirou, não estava segura de que queria saber mais. —Então, o que tem feito?

—Nunca violei a ninguém — disse.

Mas ela decidiu que ele ou se aproximou muito ou havia feito algo do que se envergonhava. —Bom, o que seja... está bem. —disse.

—Está... segura?

Erica assentiu. Tinha a sensação de que nada no passado de Mikhel poderia mudar o que sentia por ele... Ao menos não neste momento. Não neste momento? Este momento era tudo o que tinham. Quando voltasse para Boston, tanto Mikhel como essa noite juntos seria uma deliciosa lembrança que sempre conservaria. — Confio em você, Mikhel —ela disse fracamente, não totalmente convencida. Queria lhe dar tudo o que quisesse, mas tinha medo.

—Esta é minha Erica. —Sustentando-a pela cintura, Mikhel caminhou até a enorme cama. De algum jeito os levou para ela até se recostar no colchão, enquanto mantinha seu membro firmemente dentro de Erica. Ela se recostou sobre a enorme cama com ele em cima entre suas pernas. Seus olhos brilharam enquanto despia seus incisivos de uma vez que começava lentamente a mover seu membro dentro de sua vagina.

—Hmm. —Oh, bom. Tão bom.

Descansando a maior parte de seu peso sobre seus braços estendidos, começou a fazer girar seus quadris. Erica ofegou ao sentir cada centímetro de seu

grosso e quente membro contra seu corpo, alcançando profundidades às que nenhum outro homem tinha chegado antes. Os lentos e controlados movimentos de seu membro provocaram-lhe gloriosas e indecifráveis sensações, não só em sua vagina, mas também em cada parte de seu corpo que era capaz de sentir algo.

—Ooooh... Deus.

Mikhel utilizou os joelhos para animá-la a que separasse mais suas pernas. Tirou todo seu membro exceto a cabeça de sua apertada vagina com seu próprio peito. Gemendo brandamente e enterrando a cara no pescoço de Erica, colocou todo seu membro em seu corpo com um duro e doloroso empurrão.

Virtualmente viu as estrelas. Senhor, ela nunca havia imaginado que o sexo pudesse ser tão magnífico... Tão liberador... Todo o tempo doendo uma barbaridade.

Mikhel deixou escapar um pequeno e áspero som e se manteve quieto durante uns minutos, com seu membro palpitando dentro dela. Então começou uma incessante fodida que destroçou o universo de Erica em uma série de terremotos intermináveis, todos centrados dentro de sua ardente e cheia vagina.

Que bom... Bom... Bom! Era tão bom! Não podia resistir o prazer que alagava todo seu corpo. Quebras de onda de êxtase próximas à dor passaram através dela. Suas costas se arquearam, os músculos de seu estômago se esticaram e os dedos de seus pés se curvaram. —Oh, Deus! Oh, Deus! Ooooh, Deus! —que o Senhor a ajudasse, estava a ponto de perder a cabeça. Gozou e gozou até que pensou que o êxtase a mataria.

—Se prepare, minha encantadora Erica. Tenho que provar seu sangue.

Justo quando ela pensou que não poderia agüentar mais, Mikhel afundou os dentes em um lado de seu pescoço, cavou seu traseiro em suas grandes mãos e começou a beber seu sangue. A combinação de seu membro e de seus dentes, ambos assaltando seus sobrecarregados sentidos, foi muito. Estremecendo com outro orgasmo, Erica gemeu e desabou na cama, sentindo-se fraca e exausta. Mikhel a apertou contra ele, empurrando violenta e repetidamente em seu interior até que sua semente se derramou em sua vagina e escorreu por sua perna. E continuou fodendo com seu membro profundamente dentro de sua vagina como um vampiro possuído.

Erica ficou deitada, sem forças e saciada, com seus sentidos sobrecarregados pelo prazer. Não podia resistir muito mais. Mikhel não podia parar, ela tinha se deslocado outra vez e tinha explorado em microscópicos pedaços felizes. Ao final, ele tirou seus dentes de seu pescoço e lentamente retirou seu membro de seu interior. Quando Erica murmurou um suave protesto, Mikhel rodou até ficar de costas e embalou seu corpo sobre o dele, enquanto que beijava seu cabelo e acariciava seus ombros. —Está bem?

—Oh, Deus! —estremeceu e se pressionou contra seu enorme e úmido corpo.

—Oh, Deus, Mikhel! O que passou?

—Tendo estado casada durante cinco anos, tinha pensado que reconheceria um estupendo sexo quando o tivesse — brincou, mordendo seu ombro. —O que ocorre? Seu marido não sabia como te dar prazer?

Embora nunca tivesse tido queixa da forma de fazer amor de James, não havia comparação entre o sexo que tinham compartilhado e o que ela e Mikhel tinham experimentado. —Não desta maneira. — admitiu. —Mas isto foi mais que um sexo estupendo.

—Sim.

—O que foi?

—É muito perspicaz, minha encantadora Erica. O que passou é que compartilhamos sede de sangue.

—Nunca tinha experimentado algo tão bom antes.

—Eu tampouco.

Erica esfregou sua bochecha contra seu ombro. —Alguma vez?

—Assim de bom não. —sua voz soou mal articulada. —Agora dorme, minha encantadora Erica. Quando despertar, nos amaremos outra vez. Pela manhã falaremos. Esta noite faremos amor uma e outra vez.

—Oh, Deus! Sim. Por favor. Sim!

Mikhel riu brandamente e passou suas grandes mãos por seu traseiro para baixo. —O faremos tão freqüentemente como pode agüentar, minha encantadora Erica.

—Posso agüentar um montão... Embora me mate!

Mikhel lambeu seus lábios. — te matar não entra definitivamente no plano de jogo, minha doce e formosa Erica. Te foder até que quase não possa caminhar? Sim. Mas nunca, nunca te fazer mal. Nunca te farei mal. É muito valiosa para mim.

Ele tinha uma forma de fazê-la se sentir sexy, irresistível e querida ao mesmo tempo. —OH, Mikhel! Faz me sentir tão quente! O que vai fazer a respeito?

Sorriu-lhe abertamente. —A respeito disto? —E empurrou seu membro profundamente dentro de sua vagina.

—OH, sim, carinho! Sim. —gemeu, tremeu e se pressionou ansiosamente contra ele. E assim começaram outra transa sem sentido. Esta vez, ele mordeu seu pescoço e agarrou e bateu em seu traseiro tão forte que lhe ardeu.

Erica, que nunca tinha entendido como algumas mulheres podiam desfrutar de que seu amante golpeasse seu traseiro durante o sexo, se voltava mais quente com cada golpe seco que Mikhel fazia chover sobre seu traseiro.



## CAPÍTULO QUATRO

Erica despertou de um doce sonho no que estava fazendo amor com um bem dotado jovem, para se encontrar deitada de barriga para cima com suas pernas totalmente estendidas. Sentindo-se ainda sonolenta, tentou fechá-las, mas não pôde. Levou-lhe um momento se dar conta de que não podia fechar as pernas, porque alguém estava metido entre elas, as mantendo energicamente abertas.

Seus olhos se abriram e encontrou a si mesma olhando um par de olhos que pareciam cintilar. Ofegou e empurrou pelos ombros nus do homem que estava em cima dela, procurando a entrada de sua vulva com a cabeça do que parecia um muito grande e duro pênis.

Na escuridão do quarto, não podia distinguir nada dele salvo que era pesado e decidido. —Não! — sussurrou e começou a lutar contra ele, tratando de fechar as coxas.

Ele capturou suas mãos apesar de sua resistência, e as sustentou por cima de sua cabeça. As segurou com uma mão, enquanto seguia procurando a entrada de seu sexo. A cabeça de seu pênis roçava entre suas coxas a ambos os lados de sua vagina e se estremeceu. Parte por asco, parte por luxúria. A umidade alagou sua vulva.

—O que está fazendo?

—O que pensa que faço?

—Não! — suplicou, seu coração acelerado. —Por favor, não o faça.

—As súplicas não lhe ajudarão—, uma voz profunda, irresistível vaiou a seu ouvido. —Isto me excita e só me fará ser mais rude.

Rude? Ah, Senhor, a idéia a excitou. De todos os modos, sabia que deveria ter medo, mas algo profundo dentro dela cobrava vida quando se deu conta que nada que fizesse evitaria que o homem que estava entre suas pernas incrustasse seu membro nela contra sua vontade.

O pensamento de seu duro membro forçando sua não convidada entrada em sua vagina até encher cada polegada dela, enviou uma quebra de onda de umidade que a alagou. Então a transaria duro e áspero. Sua vagina se empapou pela antecipação e teve que lutar com força para impedir de separar mais as pernas. Seria mais delicioso se tomava sua vagina contra sua vontade.

—Posso cheirar você essência— seu atormentador se burlou. — Quer meu membro?

—Não—, gemeu em uma agonia de luxúria.

—E uma merda que não o quer—. Te darei tudo o que possa dirigir.

—Não! —Ela tentou girar seu corpo de lado. Só conseguiu facilitar que a cabeça de seu pênis achasse a abertura de seus lábios. Congelou-se, seu coração

martelando, suas pernas tremendo inverificadamente. Estava a ponto de ter a um desconhecido colocando seu membro em seu sexo sem permissão.

Uma lenta, insidiosa rajada de luxúria a atravessou. —Não! —gemeu outra vez, permitindo que suas pernas se abrissem. Seu corpo ardendo pela espera do que estava a ponto de passar, seus quadris se sacudiram e a glândula do estranho rapidamente se deslizou entre os lábios de sua vagina e se afundou profundamente até as bolas.

Uma onda de dor a percorreu. —Oooh!—, gritou. Sob a dor, ondulações intermináveis de prazer golpearam seu canal, pondo seu corpo inteiro em um lento ardor. Ainda sustentando seus braços sobre sua cabeça, ele a fodeu duro e áspero. Caramba, a dor era boa! Ah, e a alegria de ter a vagina bem trabalhada por um enorme e conquistador membro.

—Pára! Me faz mal!

—Farei muito mais antes que acabemos—, advertiu e disparou de novo seu membro nela.

O fôlego assobiou entre seus lábios enquanto uma aguda e doce dor a cortou. —Aaah, meu Deus! Pára!

—Nem pensar.

Ela liberou suas mãos, fechou suas mãos em punhos, e golpeou seus ombros. —Vai me partir pela metade!

—Então morrerá feliz, pequena dissoluta—, disse em voz baixa, áspera e a castigou empurrando seu membro dentro e fora de sua vagina a um ritmo furioso que quase a fez ver estrelas pelo absoluto prazer. Sob a implacável dor, havia um prazer puro, branco, delicioso como nenhum que já tivesse experimentado. Tinha que ter mais desta encantadora dominação.

—Você gosta disto, puta! —burlou-se e capturou suas mãos de novo. Se empalando nela, as pôs de novo sobre sua cabeça.

—Oooh! Não! Isto dói! Me deixará contusões!

—Você adora isto. Admita-o.

Ela liberou outra vez suas mãos. —Não! — golpeou seus ombros zangada. —se retire e tire seu duro e grande membro de meu sexo ou gritarei<sup>6</sup>.

Ele afastou suas mãos e respondeu beliscando seus peitos até que seus mamilos se converteram em dolorosos picos e ela chorou em um êxtase de dor. — Admita-o ou te farei isto de novo! Agora admite que adora despertar e encontrar que estas sendo fodida pela força! —pediu.

Ela gemeu e moveu seus quadris para o eixo grande e grosso que estava se retirando de sua vagina. Senhor, como podia algo que doía como isto ser tão doce e aditivo? —Eu gosto muito! —soluçou, procurando sua boca. Quando a encontrou,

---

<sup>6</sup> Por favor, amigas, memorizem esta frase, é de não acreditar e tudo propriedade da autora (N. T).

enredou os dedos em seu cabelo e fez todo o possível por devorar seus lábios e sorver sua língua.

Apesar da brutalidade, não podia parar seus quadris que se levantavam procurando manter o membro invasor profundamente nela. Era uma dor muito doce. —Hmm. Ooooh— Ela rodeou primeiro com uma perna e logo com outra o corpo que se retirava dela. Agora lhe faria mais difícil tirar seu membro dela.

Rompendo o beijo para conseguir ar, seus sentidos foram imediatamente assaltados por um novo prazer quando um par de quentes lábios rodeou um de seus peitos e uma tormenta de calor, luxúria, e deliciosa dor incrivelmente satisfatória, prenderam fogo nela e a queimou até consumi-la completamente. Sua vagina ardeu e começou a soluçar. —Ah, Deus! Por favor,... não... pare. Não pare nunca—, gemeu quando um clímax delicioso e intenso a derrubou. —Não pare nunca!

—Silêncio, puta dissoluta. Se deite e desfruta da primeira de muitas seduções forçadas! —ameaçou. —Esta vagina e você me pertencem e tomarei tão freqüentemente e tão rudemente como gosto.

Ele penetrou com seu membro profundamente dentro dela. Sua vagina e seu mundo inteiro saltaram em chamas e a consumiram. Quando seus sentidos voltaram, sentiu uma espetada em seu pescoço e a lembrança das horas precedentes se precipitou nela. —Oh. Mikhel — sussurrou, justo antes que uma nova explosão detonasse nela.

Gemendo e quase sem sentido pelo prazer e a dor, se derreteu contra a cama em um esgotado ato. Apertando sua virilha contra a dela, ele seguiu fodendo-a forte e furiosamente a Erica, seus sentidos e sua vagina tinham alcançado o limite de sua resistência, se deslizando a contra gosto na inconsciência.

Quando despertou depois de um tempo, ele estava outra vez em cima dela, empurrando em sua vagina sem permissão. O pensamento de que seu formoso forasteiro estava violando sua dolorida vagina outra vez enviou outro zumbido de luxúria por ela. Ele esfregou seus engrossados clitóris, e ela cravou suas unhas nele e as arrastou por suas costas.

Ele grunhiu e a castigou com vários duros trancos de seu pênis que quase a atravessaram. Seu corpo tocava o seu por toda parte, e ela ardeu de luxúria e desejo. Fincou suas unhas em suas apertadas nádegas e se esfregou contra ele. Tinha perdido a capacidade de pensar. Mas Senhor, ainda poderia sentir. Gemeu e gozou de novo... e outra vez. Ele a cravou contra a cama e lançou sua semente em seu interior sem nenhum amparo. Ela permaneceu sob ele gemendo com seu sêmen se filtrando desde sua vagina machucada, mas totalmente satisfeita.

Ele a abraçou, lhe dando tenros beijos em a boca enquanto brandamente acariciava seu corpo e lhe sussurrando quão doce era. O céu.

Enquanto Erica dormia, Mikhel se levantou da cama e foi contemplar a noite iluminada pela lua. Seus sentimentos o aturdiram. Apesar do que Kattia havia dito, não tinha esperado encontrar a uma mulher que seu coração, assim como seu corpo, ansiavam sobre qualquer outra neste momento em sua vida. Tinha estado procurado-a durante quase vinte anos.

Para os vampiros, sabia que ele era só um menino. De todos os modos a busca de seu bloodlust lhe tinha parecido uma só e vazia eternidade. Jogou uma olhada sobre seu ombro. Erica estava deitada de lado, seu formoso corpo enroscado. Viu o contorno de suas costas. As encantadoras nádegas estavam avermelhadas pelos impulsos de quando a fodeu.

Vendo-a dormir, seu membro se moveu. Ela era tudo o que sempre tinha desejado. Finalmente, era dele. Separou-se da janela e agarrou o telefone no escritório do quarto. Sem acender as luzes, levantou o receptor e marcou um número familiar. Falou brandamente para não despertar Erica.

Depois que terminou a chamada, impaciente por dormir com ela entre seus braços, andou com passo majestoso à cama e a envolveu em seu abraço. Pousando seus lábios em sua bochecha, caiu dormido com seu corpo embalando o dela. Sim. Isto era o que tinha falhado em sua relação com Deoctra, pensou e se rendeu ao sono.

Enquanto caía adormecido, uma pequena e escura silhueta apareceu entre as sombras do quarto e permaneceu olhando-os com olhos acesos e presas expostas durante um longo momento antes que fosse envolta pelas sombras.

Com seus sentidos alerta, Mikhel despertou repentinamente. Sem se levantar, permaneceu na cama, franzindo o cenho, estendendo-se com seus sentidos. Sentou-se e olhou ao redor do quarto, procurando atentamente nas escuras esquinas. Como não sentiu nenhuma outra presença, supôs que tinha tido um pesadelo. Erica e ele estavam sozinhos no quarto. De todos os modos, demorou muito em conseguir dormir de novo. Desta vez antes de poder dormir, seus pensamentos foram para Deoctra. Tinha sonhado que ela estava no dormitório com Erica e ele, mas era somente um sonho. Atraiu a Erica mais perto com seu abraço e caiu em um sono profundo, mas agitado.

Erica estudou sua imagem nua no espelho de seu dormitório.

Seu cabelo estava selvagem e enredado, seus olhos muito abertos. Seu corpo com arranhões ressaltando em sua clara pele depois da sessão de amor rude. Umedeceu seus lábios e riu, recordando a noite anterior. Senhor, que modo tão glorioso de celebrar um aniversário, na cama com um formoso e jovem exemplar de macho com um duro e ávido membro, e cheio de luxúria por seu corpo e sangue. Ela tinha estado de sorte.

Mas a noite tinha terminado e era hora de retornar à realidade. Suspirou e foi para a ducha. Abriu a água, ajustou-a, e fechou a porta atrás dela.

De pé sob o dilúvio de água fria, Erica fechou os olhos e pressionou sua testa contra os azulejos molhados. Embora realmente tinha desfrutado de sua apaixonada noite de aniversário, à luz da manhã, a imprudência da noite anterior era difícil de aceitar. Não só que ela abandonasse a festa com um homem que tinha resultado ser um vampiro, mas também lhe tinha deixado gozar em seu sexo uma e outra vez desprotegida. Franziu o cenho. Não, não é que isto importasse. James tinha lhe feito sexo desprotegido durante anos e não tinha sido capaz de ficar grávida. A verdade, que não sentia falta de James, mas sempre lamentaria não ter sido mãe.

Afastou os pensamentos de seu fracasso para ficar grávida e voltou para Mikhel e a noite passada. Senhor, que amante tão maravilhoso. Literalmente a havia fodido até a inconsciência várias vezes. Avermelhou quando recordou despertar pela manhã para lhe encontrar realizando sua fantasia proibida. Minha mãe, havia sido a experiência mais incrível de sua vida. Recordando o prazer que havia sentido quando bombeava sua quente ereção em sua já maltratada vagina, sentiu seu desejo despertar de novo. Maldição, sabia como fazer que uma mulher quase perdesse o juízo. Pela primeira vez em sua vida, entendeu como uma mulher poderia chegar a fazer loucuras por um homem.

De pé ali recriando o prazer que Mikhel lhe tinha dado, de má vontade admitiu que teria feito algo que ele pedisse, exceto matar, com tal de manter seu membro enchendo seu corpo.

E agora, em vez de se largar de seu quarto enquanto ele dormia, se entretinha na ducha. Indecisa e agradada porque ao despertar pela manhã encontrou ambas as mesinhas cobertas com floreiros cheios de rosas vermelhas.

Obrigado por compartilhar a noite comigo. Sempre entesourarei a lembrança de nossa primeira noite juntos, com a esperança de que também você o faça. Feliz aniversário tardio, minha preciosa, preciosa Erica.

Mikhel, seu bloodlust.

Mikhel. Seu bloodlust. Seu tudo. Suspirou. Como durante o resto de sua vida ia poder se conformar com outro homem depois de ter sido amada pelo Mikhel? Como ia poder lhe esquecer em toda sua vida? Estava toda dolorida e seu sexo irritado. Sua vagina pulsava.

Como ia poder esquecer esse grande e delicioso pênis dele? Como poderia esquecer seus lábios quentes, doces que devoram seus peitos? Ou seu corpo

grande, forte, musculoso esmagando o seu contrário à cama quando ele a levava de um clímax a outro?

Oh, Rica, não seja tão dramática. De acordo, é um amante fantástico e a tem feito sentir como nenhum outro homem em toda a sua vida, mas superará. Ponha seu traseiro em movimento e sai daqui. Agora. Antes que desperte e perca a vontade de ir. Se afaste dele agora, enquanto ainda pode. Foge, Erica, Foge. Fechou o grifo, abriu a porta da ducha, e deu um passo justo para Mikhel. —OH!

Estava de pé junto à porta da ducha, nu e totalmente excitado.

Que fazia acordado durante as horas de luz do dia? Elevando a vista a seus olhos e vendo seu desejo por ela, seu coração se acelerou.

Como, se supunha, que ela podia resistir a um homem que olhava seu corpo de quarenta anos como se fosse a coisa mais formosa que alguma vez tinha visto? — Oh... Mikhel... não esperava te ver.

—Bom dia, minha bela Erica—. Sorrindo, deslizou os braços ao redor dela e a abraçou. —Vamos nos dar bom dia apropriadamente com um rápido sexo.

Seu membro pulsou contra ela. Ignorando o crispamento em sua vagina, pressionou suas mãos contra seu torso. —Mikhel. Espera.

Lambeu-lhe seu pescoço. —Por quê?

—Quero dizer... isto é... Não necessita... dormir durante o dia ou algo assim?

Ele levantou a cabeça e sorriu. —Tem estado vendo muitos filmes de Drácula, minha querida Erica.

—Sim?

—Sim. É certo que há vampiros que são só noturnos, mas eu não me encontro nesse grupo.

—É por isso que não vi nenhum ataúde por nenhum lado?

Ele riu. —Erica não acredite nem a metade do que contam sobre nós. Não tenho nenhum ataúde.

Ela olhou por volta das grandes janelas do quarto através das quais a luz do dia os iluminaria. —fechou as cortinas?

Seus firmes e sensuais lábios fizeram uma careta. —Não se preocupe, meu amor, nem o sol nem a luz do dia me fazem mal.

—Oh! Então nada do que ouvi é verdade?

—Não sei— Sorriu. —Não sei o que você ouviu, mas neste momento estou mais interessado em jogar que em saber o que você escutou ou não a respeito de nós.

—Oh, não! Não... Não podemos fazê-lo outra vez.

Ele lambeu seu pescoço. —Porque não? Não a agradei ontem à noite?— Esfregou seus quadris contra os dela.

Ela ficou sem fôlego, seu corpo se enchendo de calor e desejo. Levou toda sua força de vontade não abrir suas pernas e lhe dar fácil acesso a seu corpo repentinamente necessitado. —Sabe que o fez.

—Então?— Ele posou um dedo em seus clitoris. —Quer que me detenha? — Passou um dedo ao longo de toda sua vulva, lançando estremecimentos por seu corpo.

—Não, —admitiu. Ela não queria que se detivesse.

—Bem. Porque não posso fazê-lo. —Agarrando seus quadris com as mãos, pressionou insistentemente para frente. A ponta de seu membro se afundou nela.

Uma sacudida de desejo a atravessou. Gemeu e recostou sua testa contra seu ombro. Como poderia se opor a ele quando seu corpo estava consumido pela luxúria e o desejo? De algum modo tinha que encontrar a forma de lhe dizer não. —Mikhel. Por favor. Não posso me permitir ficar grávida—. Ainda enquanto ela falava, seus quadris se empurraram com mais força e codiciosamente internou mais polegadas de seu pênis nas profundidades de seu canal. Se movendo entre seus braços, se apertou ao redor dele até que seu pêlo púbico roçou com o dela. Meu Deus, sim que estava grosso e duro.

Ele levantou seu queixo e a olhou nos olhos. —É um pouco tarde se para preocupar por isso, meu amor.

—Quéee? O que quer dizer?

Ele arqueou uma sobrancelha — Simplesmente o que acha que digo.

Ficou sem respiração. Tinha ouvido que os vampiros eram estéreis? Era uma das coisas que era ou não verdadeira sobre eles? Tinha que averiguá-lo. O desejo de estar grávida era uma coisa. Mas não podia ficar grávida agora. —Não sei o que quer dizer, Mikhel!

—Falaremos mais tarde, preciosa. Agora mesmo tenho que te ter.

Ela sabia que deveria insistir em uma explicação imediata, mas foi impossível não responder fisicamente a seu delicioso membro. Especialmente quando esfregou seus lábios contra os dela e lentamente começou a se mover em seu interior. Rodou seus quadris, se esforçando por se esfregar contra seus clitoris com cada movimento. Quentes e deliciosos redemoinhos de êxtase seguiam a cada giro ao redor em sua vagina. Mas não podia se permitir o luxo de ficar grávida.

—Por favor, para, —suplicou. —Se não o fizer... Me converterá em uma viciada em seu membro.

Ele riu e empurrou ainda mais profundo dentro dela. Ele posou uma mão sobre sua nuca. —se una a meu vício, minha encantadora, encantadora, Erica. Deixa que te consuma como o faz comigo.

Ah, que diabos! Não havia obtido ficar grávida durante cinco anos. —Ah, encantada, Mikhel!

—Necessito que faça algo por mim, minha Erica, —murmurou contra sua boca.

—Algo, —a perguntou imprudentemente. Mantendo seu pênis em ela, afastou seu torso. Deixou a mostra suas presas.

Ela conteve o fôlego, seu medo retornando. —Não é muito cedo para tomar mais de meu sangue? —Estava segura que lhe dar muito de seu sangue havia feito que quase desmaiasse cedo pela manhã.

Seus escuros olhos resplandeceram e cintilaram. Ele esfregou seus dedos contra seu pescoço em uma suave carícia. —Não é seu sangue o que quero desta vez, Erica.

—Não é? —Deu um suspiro de alívio. —Está bem. Então o que...

—Deixe que lhe mostre isso. —Colocou seu dedo indicador na boca.

Quando o tirou, estava coberto de sangue.

—Oh, Mikhel! Está sangrando! —Instintivamente tratou de alcançar sua mão. Levou o dedo para sua própria boca e o beijou.

—Hmmm. Que bom...

Algo em seu tom de voz a obrigou a olhá-lo. Ele a contemplava, seus olhos brilhantes — Isto...?

—Muito agradável. Poderia fazer algo por mim?

—O que?

—Pode chupá-lo? —perguntou brandamente. Ela piscou —O que?

—Saboreia meu sangue, minha Erica. Saboreie-me.

Um golpe de repulsão a transpassou. Deixou cair sua mão e ficou com o olhar fixo nele. —te chupar... quer que eu... beba seu sangue? —Ela tinha se afastado, mas ele rodeou sua cintura com um braço, mantendo seu corpo firmemente empalado com seu membro.

Rodou brandamente os quadris e empurrou nela. —Sim. Me saboreie como eu te saboreei.

—Não posso!

—Sim, pode.

—Não Mikhel, isso é muito... forte.

Seus escuros olhos brilharam. —Forte? Nunca. É formoso mais além de algo que possa imaginar. Compartilha-o comigo, minha encantadora Erica. Me chupe... me saboreie... seja uma parte de mim.

—Não! Há limites, Mikhel e já os alcancei. —Não posso... não quero... beber seu sangue.

Ela viu determinação em seus olhos e sabia que não ia aceitar um não por resposta. Negou com a cabeça. —Mikhel... isto não é uma fantasia de sedução em que digo não, mas realmente quero dizer sim. Isto... não... por favor.

—É algo que necessito que compartilhe comigo, Erica.

—Não posso! Não entende que há limites?!

Seus olhos se entrecerraram. —Não há limites entre nós. É minha e fará o que te peço.

Ela se arrepiou com seu tom. Pênis grande ou não, não era a empregada de nenhum homem. —Não, não o farei!



Inclinou sua cabeça e a beijou. Certo que ele podia compelir sua vontade, e ela tratou de manter seus lábios firmemente fechados, mas a sensação de sua boca, se movendo contra a sua, desatava emoções e paixões que não poderia controlar. Seus lábios se abriram, e antes que o pudesse deter, ele tinha levantado sua cabeça e empurrado seu dedo entre seus lábios dentro de sua boca.

Sentiu várias gotas de sangue cair em sua língua. Em lugar de lhe dar arcadas, o pingo de sangue ardendo em sua boca criou uma nova sensação nela. Sua inquietação foi rapidamente substituída por uma necessidade de mais de seu quente e doce sangue.

Satisfeito de que sua resistência houvesse caído, a fodeu brandamente, quase terno. Uma nuvem prazenteira a envolvia. Isto é o que significava amor, sexo, e luxúria juntos: Ser tomada pelo membro de um vampiro enquanto ele sangrava em sua boca, a enchendo de sua essência. Sem pensamento consciente, agarrou sua mão e começou a chupar seu dedo como se fosse seu membro.

Liberando sua cintura, ele acariciou seu cabelo enquanto continuava com sua terna posse. —Oh, sim! Sim, isso, minha Erica. Me sinta. Me sugue. Me saboreie. Compartilha comigo. Seja uma parte de mim. Compartilha meu calor e paixão, minha amada Erica.

Suas palavras, lançadas com aquela quente, profunda e quase hipnótica, voz, ondularam sobre ela como uma doce e irresistível carícia. Fechou seus olhos e bebeu satisfeita. Pousando uma mão sobre seu duro traseiro, rodou seus quadris ao ritmo dos dele, correspondendo ansiosamente impulso por delicioso impulso. Seu sangue pareceu infundir uma ferocidade estranha nela. O sangue parecia como se estivesse ardendo. Em algum nível subconsciente teve uma sensação de alarme, como se em certa forma estivesse sendo mudada. Fez caso omissa do pressentimento. Chupar sangue era muito maravilhoso para ser daninho em qualquer caso.

Lambia seu dedo e grosseiramente se moveu sobre sua ereção, estremecendo-se de luxúria e necessidade. Por Deus, como podia ter vivido sem este maravilhoso homem, seu sangue e seu membro?

Quando repentinamente ele retirou o dedo de sua boca, ela elevou a voz em sinal de protesto e ficou olhando fixamente. —Mikhel! O que faz?!

Ele sorriu para ela. —Suficiente por agora.

—Não!

—Sim—. Não está acostumada a beber sangue.

Ela lambeu seus lábios para capturar qualquer resto de seu sangue.

—Quero mais.

Seus escuros olhos resplandeceram. —Agora começa a ver quão aditivo pode ser o sangue da pessoa correta.

Agarrou sua mão e lutou para levá-la de novo a sua boca. —Sim. Por favor, simplesmente me dê um pouco mais.

—Não por agora, meu amor. Beber em excesso e tão cedo fará que adoeça. Em um ou dois dias pode tomar um pouco mais.

—Não quero esperar tanto! Quero-o agora, maldito seja!

—Em um ou dois dias—. Gentil, mas firmemente separou sua mão dela e beijou seus lábios. —Vamos à cama.

Ela gemeu em protesto quando a levou de retorno ao dormitório, sem perder o ritmo de bombeamento de seu pênis nela. Ondas deliciosas percorriam seu corpo. Ah, Deus, a alegria de ter encontrado ao fim, um grande e bem dirigido membro! Tombada na cama sob seu corpo grande, com seu membro mergulhando nela com a força e a velocidade de um martelo pneumático, sentiu um explosivo orgasmo depois de outro. Deus todo-poderoso, não podia estar mais contente.

Grunhindo profundamente, ele mordeu seu peito, açoitou suas coxas, e gozou. Pegou-se a ele como um pulso quebrado enquanto ejaculava a enchendo de sêmen. Pela primeira vez em sua vida, pôde realmente sentir a um homem gozando dentro dela e maldição, era uma experiência incrivelmente erótica. Quando o mundo se moveu de seu eixo, enterrou sua cara em seu ombro, rodeando uma mão em torno de seu membro, que sempre parecia estar semi-ereto. —OH, Mikhel. Isso sim que esteve bem.

—Fantástico — murmurou ele contra seu cabelo.

—Delicioso — ela particularizou, dando um golpezinho com a ponta de sua língua no bico do seu peito.

Ele riu e a abraçou mais forte. —Se seguimos falando de quão delicioso foi, então vou precisar fazê-lo novamente, —avisou-lhe.

—OH não, não o fará, colega! —Ela a contra gosto se afastou.

—Nunca transei tanto em minha vida. Provavelmente terei que andar com as pernas arqueadas durante uns dias.

Ele riu outra vez e soube que gostava da idéia de que se sentisse a gosto e bem fodida até quase o esgotamento.

—O que precisa é uma ducha fria.

—Eu gostaria tomar banho com você—, disse ele, rapidamente, beliscando seu traseiro.

—Ouch! —Bateu na sua mão a afastando de seu traseiro ainda dolorido. —OH, não nem por nada —lhe disse. —Não penso entrar em nenhum espaço pequeno com você nu. Vá tomar uma ducha fria sozinho. Agora!

Ainda rindo, permitiu que lhe empurrasse fora da cama.

—De acordo. Não há necessidade de ficar violenta. Já vou.

—Tira seu apertado traseiro daqui e se dê uma longa e fria ducha até que seu membro caia.

Em pé perto da cama, maravilhosamente nu e ainda semi-ereto, olhou-a com lascívia. —Realmente quer que caia?

Ela fixou seu olhar em seu membro, coberto de seus fluídos combinados e os músculos de seu estômago se apertaram. —Sim, mentiu desavergonhadamente. — Assim que coloca seu traseiro na ducha, camarada.

Ele fingiu desânimo enquanto caminhava para o banheiro.

Na porta, girou, rodeando seu pênis com a mão, e o agitou para ela. —Está segura que não quer mais do pobre tipo antes que eu o limpe e fique murcho e pouco atrativo?

Inclusive murcho, seu pênis provavelmente faria que seu sexo chorasse.

—Já lhe deram suas ordens, senhor, — disse ela.

Com um último olhar de soslaio, desapareceu no banheiro.

Deitou na cama, sepultando sua cara contra o travesseiro que ainda mantinha seu aroma, e rapidamente dormiu. Estava em meio de um pesadelo onde estava sendo perseguida por um caçador invisível, quando Mikhel despertou com um suave beijo nos lábios.

Levantou-se de um salto, seu coração martelando pelo medo, seus olhos dilatados e assustados.

—Erica! —Recém tomado banho e vestido com um traje escuro, se sentou na beira da cama e a abraçou. —O que vai mal, amor?

Enterrou a cara em seu ombro, se agarrando a ele. —Nada. Nada. Era só um pesadelo.

E ainda assim o havia sentido muito real.

Ele levantou seu queixo e a olhou. —Quer me contar isso?

Ela sacudiu sua cabeça. —Não posso recordar nada exceto que tinha muito medo. Se não tivesse me despertado, teria morrido, Mikhel!

Ele sacudiu sua cabeça. —Não. Nunca o permitiria.

—Como poderia evitá-lo?

Seus olhos brilharam. —Há muitas coisas ainda que tem que aprender sobre os vampiros, meu amor. Ninguém... nem sequer a morte a separará de mim. É minha para sempre.

O olhou, tragando devagar. Alguns de seus medos da noite anterior retornaram. Que tipo de poder podia dirigir como vampiro? Tinha cometido um engano ao se deitar com ele? O que aconteceria se lhe dissesse que retornaria a sua vida em Boston?

Ele estudou sua cara em silencio durante uns momentos antes de beijar seus lábios. —Esta segura agora, meu amor. Vá tomar banho. O dia nos espera.

Um dia que ela não tinha planejado compartilhar com ele.

Ela assentiu com a cabeça deslizou de seus braços e se levantou.

Sorriu. —Me dê meia hora.

Saiu do banho quarenta minutos mais tarde para o encontrar de pé junto à janela, olhando atentamente um ponto, quase como se estivesse procurando a

alguém... ou, considerando o que ele era... algo. Podia sentir do outro extremo do quarto que estava tenso.

—Mikhel? Algo vai mal?

Voltou-se e sorriu para ela, seus ombros relaxando.

—Como poderia ir algo mal quando estou a ponto de passar o dia com a mulher mais formosa e encantada do mundo?

Contemplando seu olhar, viu sinceridade. Maldito, sabia como fazer que uma mulher se sentisse feliz de ser feminina e nos quarenta. Caramba!

Sorrindo, dançou através do quarto para seus braços. Ele inclinou sua cabeça e lhe deu um terno beijo não apaixonado em seus lábios que fez que seus olhos se umedecessem. Ela elevou a vista para ele. —Ah, Mikhel!

—Vamos comer, minha encantadora, Erica.

Ela umedeceu seus lábios e alcançou sua mão. —O que te parece um aperitivo antes do café da manhã?

Ele riu. —Boa tentativa, mas não penetrou. —Deu-lhe um açoite no traseiro.

—Ouça! Isso dói! — se queixou.

—Então se ponha em movimento, mulher, ou aporei sobre meus joelhos e a surrarei até que não possa se sentar durante uma semana sem uma almofada sob seu encantado traseiro.

O olhou carrancuda. —Quem ia pensar que um vampiro seria tão miserável com seu sangue.

Ele levantou sua mão de novo e ela correu longe dele pelo quarto. Embora a perseguisse, permitiu que a alcançasse antes da saída para envolvê-la entre seus braços e lhe dar um abraço longo e quente.

—Ah, Mikhel, é tão doce, — sussurrou, esfregando sua bochecha contra seu ombro. Por que não podia ser mais velho e simplesmente humano? Grande sorte a sua de conhecer e penetrar tão forte por um jovem vampiro. Como ia conseguir esquecê-lo quando retornasse a sua vida normal?

Sorriu-lhe e deixaram o quarto agarrados pela mão. Depois de tomar um leve café da manhã, passaram o dia visitando os lugares de interesse. Embora Salem estivesse só a dezesseis milhas ao norte de Boston, Erica nunca tinha visitado A Câmara dos Sete Gabletes ou o encantador Pickering Wharf. Caminhando pelo passeio marítimo do povo, agarrados pela mão, se sentiu como uma garota apaixonada pela primeira vez.

Não tinha importância que o dia estivesse frio e nublado. Tudo o que lhe importava era o fato de que estava com o homem mais emocionante que já tinha encontrado. Sabia que em um dia ou dois se separariam e nunca voltariam a se ver. O pensamento lhe deixou uma sensação perturbadora, mas esperava desfrutar totalmente do tempo que passassem juntos. A vida ia resultar muito apagada depois de ter conhecido e sido amada por Mikhel Dumont.

Para seu deleite, Mikhel parecia tão apaixonado como ela. As freqüentes olhadas de esguelha de Mikhel e os rápidos beijos a faziam se sentir feliz e

despreocupada. Não podia afastar suas mãos ou seus lábios dela. Não davam mais que uns passos antes que ele parasse para beijá-la ou simplesmente abraçá-la. Ela felizmente se perdeu em seus cuidados, sem querer considerar as conseqüências de todo o sexo sem amparo que eles haviam compartilhado. Os vampiros eram estéreis. Ela não tinha nada que temer de seu sêmen.

Embora, todos os médicos a haviam dito que era capaz de ter meninos. E não sabia com certeza que os vampiros fossem estéreis. Depois de tudo, o tema dos ataúdes e luz do sol eram falsos. E se sua esterilidade fosse também um mito? Ela pensou em todo o esperma dentro de seu corpo. Pelo que sabia inclusive podia estar já grávida. Conteve a respiração ante o pensamento das conseqüências profissionais de seu retorno ao trabalho grávida agora que já não estava casada. Quase poderia ver a repugnância na cara do Decano Chapmen enquanto lhe dava sua carta de demissão. Ela deu de ombros mentalmente. Sempre poderia voltar para o ensino público. Em todo caso, que importância tinha enquanto Mikhel estivesse ali, olhando-a como se fosse a mulher mais bela e desejável no mundo? Além disso, estava quase convencida de que não podia estar grávida. E já que era o caso, tinha toda a intenção de seguir permitindo que ele gozasse dentro dela tão frequentemente como gostasse até que seguissem caminhos separados.

O olhou de esguelha. Deu volta para ele e ele imediatamente baixou a cabeça e plantou um beijo em seus lábios.

Despreocupada de quem pudesse estar olhando, uniu seus braços ao redor de seu pescoço e se perdeu na magia do beijo.

—Ouça, tenho fome, — disse ele de repente, separando seus lábios dos dela. —vamos procurar algo para comer antes que a dispa aqui mesmo e coma sua deliciosa vagina em troca.

Ela se sentiu ruborizar. Esquecendo seu próprio descaramento de só uns momentos antes, empurrou seu ombro. —Silêncio—, vaiou, jogando uma olhada ao redor para ver se alguém estava o bastante perto para lhes ouvir.

Ela viu uma alta, magra e surpreendentemente formosa morena contemplar Mikhel com um inequívoco olhar de luxúria.

Ignorando o olhar da mulher, ele deslizou seu braço ao redor de seu ombro e passaram devagar ao longo do embarcadouro. — O que te parece ir almoçar, minha encantadora Erica?

Ela assentiu, embora não estava realmente faminta... ao menos não de comida. Ruborizou-se, ao se dar conta que preferia se deitar com ele que ir comer, mas dificilmente o confessaria sem acreditar como era fácil e ansiosa por sexo. —Bem—, esteve de acordo. Dirigiu-lhe um sorriso e conteve o fôlego ante o olhar conhecedor em seus olhos.

Franziu o cenho. Algumas vezes tinha a sensação de que quase poderia ler sua mente. Mas era impossível. Espantou a inquietação criada por suas suspeitas e se permitiu desfrutar de sua companhia.

O sentimento de euforia durou até que ela e Mikhel acabaram um almoço tardio. Sozinha no banheiro de senhoras, retocando a maquiagem, um calafrio repentino, abrupto cresceu rapidamente e desceu por sua coluna vertebral. Uma sensação de ameaça pareceu envolvê-la e rodeá-la. Embora estivesse diante do espelho e claramente poderia ver que estava sozinha no quarto, se voltou rapidamente, olhando sobre seu ombro. Não havia ninguém ali.

Se acalme, se inclinou e olhou sob todas as portas dos cinco banheiros. Nenhum pé era visível, mas o sentimento persistiu. Aspirando profundamente, cruzou o quarto e rapidamente abriu com força todas as portas. Tudo estava vazio. —Se controle, Rica. Isto é o que acontece ao se apaixonar completamente de um formoso e fornido vampiro muito jovem para você, —se repreendeu. Halloween passou, pára de imaginar coisas. De acordo, há coisas como vampiros, mas não são invisíveis.

Voltou para o espelho, rapidamente acabou com sua maquiagem, e se apressou a sair do banheiro, sentindo como se algum perigo invisível a perseguisse.

Fora do asseio, parou, sobressaltada. Um homem alto, escuro, vestido todo de negro, se apoiava na parede oposta. Por um momento, ela relaxou, pensou que era Mikhel. —Você está malditamente sexy de negro, —disse ela. —É obvio que se vê até mais sexy vestindo unicamente seu enorme e duro membro.

Quando o homem se endireitou e a olhou diretamente, se encontrou quase se afogando em um par de escuros olhos que definitivamente não pertenciam a Mikhel. Embora sabia que Mikhel a poderia compelir com seu olhar se o desejasse, ela sabia que não o faria. Este homem parecia não ter semelhantes escrúpulos.

Homem? Ele estava compelindo sua vontade sobre ela, talvez estivesse ante outro vampiro, um sem os escrúpulos de Mikhel. Podia lhe sentir se estendendo para ela. Quase vencendo sua vontade.

—Maldito seja, pára! —cuspiu. Então, quando ele não mostrou intenção de compelir, — Por favor. Detenha. —mordeu o lábio. Sabia que podia chamar Mikhel para ajudá-la, mas de algum jeito estava pouco disposta a fazê-lo. Por quê? Não estava segura. Talvez fosse porque realmente não se sentia ameaçada. Tão repentinamente como tinha começado a obrigá-la, o sentiu se retirar de sua mente. Seus ombros se relaxaram de alívio e permaneceu congelada enquanto ele deslizava seus olhos cinza escuro para fazer uma lenta e direta inspeção de seu corpo. Seu olhar permaneceu muito tempo em seus peitos, o suficiente para fazer a seus mamilos se endurecer antes que o olhar se atrasasse em seu ventre. Não fez esforços para esconder o fato que gostava do que estava vendo.

Para sua surpresa, a franca aprovação de seu corpo por parte deste desconhecido não a importunou, nem foi desagradável. De fato, seu sexo pulsava e sentia o fôlego apanhado em sua garganta. Meu Deus se estava convertendo em uma exibicionista. Primeiro, se deita com um vampiro, o permite seduzi-la para que chupe seu sangue, e agora estava desfrutando ao ser olhada fixamente por um

estranho que parecia ainda mais jovem que Mikhel. Não havia um final para sua atual onda de desvergonhice?

Ela jogou uma olhada para baixo e conteve o fôlego. Havia uma protuberância inconfundível de significativas proporções contra sua perna. Via-se tão grande e grosso como Mikhel. Como tinha conseguido encontrar dois homens de tais proporções em um espaço tão curto do tempo? Deu-se um tapa mental. Não era seu assunto o grande... Ou não que tivesse o equipamento deste menino. Mikhel já lhe tinha dado o seu hoje e esperava que também esta noite.

Mikhel. Mikhel. Ela não estava livre. Estava com o Mikhel. Deu uma ligeira sacudida de cabeça e começou a se mover, sua cara ardendo pela vergonha.

Por um momento, pensou que o homem daria um passo para ela, mas embora lançasse um sorriso cúmplice, deixou-a passar sem ser incomodada.

Apesar de si mesma e de seu desejo por Mikhel, girou para ver ao homem. Ele permanecia contemplando-a, um sorriso conhecedor em sua formosa cara. Se sentindo desavergonhada e quente, baixou o olhar. Umedeceu seus lábios enquanto seu olhar a apreciava. Quando elevou a vista e encontrou seu divertido sorriso, deu a volta e retornou correndo para o restaurante. Sua risada, quente e profunda, se repetia em seus ouvidos.

## ***CAPÍTULO CINCO***

Ainda sentado na mesa que tinham compartilhado, Mikhel se levantou quando se aproximou. Seu escuro olhar analisou sua cara. —O que está mal?

Envergonhada de sua resposta para o desconhecido, negou com a cabeça e se sentou na cadeira que sustentava para ela. —Nada.

Para sua surpresa, ele franziu o cenho e lançou um olhar rápido para a saída que levava aos aseios. Quase como se soubesse o que tinha ocorrido ali. —Nada? Está segura?

Ela vacilou, mordeu seu lábio, e logo decidiu lhe contar a verdade. Bom quase toda. Contar-lhe tudo podia fazer que parecesse uma fulana de primeira classe. — Realmente, estou um pouco de aturdida porque havia um homem esperando fora do asseio quando saí.

Seus escuros olhos cintilaram — E?

—E ele cravou os olhos em mim.

—E? É uma mulher muito bela. Deve de estar acostumada a que os homens a olhem.

Sorriu-lhe por completo. —que me olhasse fixamente não me incomodou tanto como o que me fez sentir.

Ele passou uma mão por seu cabelo. —Por “fazer sentir” suponho que quer dizer excitada ou necessitada ou ambas?

—Sim, — admitiu, em voz baixa, apenas audível. —Mikhel, não entendo o que passa comigo. Sei que provavelmente o encontrará difícil de acreditar, mas não costumo saltar à cama com desconhecidos.

Ele suspirou. —E isso é o que desejava fazer com o homem que estava aí fora?

Lembranças do tamanho do pênis do desconhecido chamuscaram sua mente. Inclinou a cabeça. —Sim, mas não entendo por que. Você satisfaz minhas fantasias mais descabeladas. Como posso querer a alguém mais? —Ela percebeu seus lábios apertados. —Por favor, não se zangue.

Ele se estirou através da mesa e agarrou suas mãos—. Não estou zangado, mas o que está sentindo é algo do que vamos ter que falar. Logo.

—Por que não agora? —desafiou-lhe. Seu ar de saber o que era melhor para ela era um pouco difícil de digerir, sobretudo quando era bastante mais jovem que ela.

—Confia em que saberei quando será o momento oportuno.

Ela apartou os sentimentos de temor e vergonha que a acossavam e assentiu. —Este não é meu estilo habitual, Mikhel, mas não vou perder o tempo que estejamos juntos discutindo.

Ele apertou sua mão amavelmente. —Sabe o que sou.

Erica levantou uma mão e cobriu as marcas de espetadas de seu pescoço. —É difícil de acreditar, mas sim. Não entendo como...

—Realmente, não sou full—blood.

—Não é full—blood? E isso que significa?

Meu pai é humano, mas minha mãe é uma vampira full-blood, quero dizer que seus pais foram vampiros, ambos. Embora ela não soubesse que era uma vampira até que foi adulta.

Ela ficou olhando. Como é possível que não soubesse que era uma vampira?

—É possível, — disse em voz baixa.

Esta merda de ler a mente estava começando a resultar uma dor no traseiro. —E como é de diferente a um full—blood?

—De muitas formas. Mas por agora só te direi que sou diferente em que não estou absolutamente perto de ser tão rápido, forte, nem tão obcecado pela necessidade de sangue.

Recordou o rápido que se despiu na noite passada. —Os full—blood são mais rápidos que você?

—Muito mais rápidos e mais fortes. Mas por outro lado, não estou compelido pela necessidade de sangue.

—Mikhel, bebeu meu sangue. Por um momento, tive medo de que não fosse se deter até...

Ele suspirou. —Sinto que tivesse medo. Não quero te causar medo jamais. Te fiz mal?



Ela deu de ombros. —Não sei se doeu ou não—. Sorrindo repentinamente, lambeu os lábios sugestivamente. —Se recorda, por então, estava bastante... ocupada.

Um breve sorriso apareceu em seus lábios. —Embora pareça mentira, normalmente não bebo o sangue de minha amante, não importa quão excitado esteja.

—Mas o tem feito antes?

—Sim.

—E desfruta com isso?

—Não, não especialmente. Não sou um full—blood assim é que normalmente não estou faminto pelo sangue de minha amante.

—Isso é o que não entendo. Se não gozar especialmente, então, por que desfrutou tanto ontem à noite?

—Não o desfrutei com outras mulheres. Com você, meu nível de desfrute saiu da escala. Mas você e eu somos companheiros em bloodlust. Isso marca a diferença. Tudo o que fazemos conjuntamente ou para o prazer do outro, irá mais à frente.

—Assim é que quando chupa o sangue de seu amante, não tem que ir mais à frente e...

—Deixar seca a uma mulher enquanto faço amor até matá-la?

—Não. Disse-lhe isso, normalmente não mesclo ambas as coisas. Só o fiz duas vezes antes de ontem à noite com você. Ambas as ocasiões aconteceram anos atrás e nenhuma foi particularmente memorável. Não desejo ou tenho que ingerir sangue para viver.

—Deveria me sentir adulada?

—Não o está? —Perguntou com uma arrogância encantadora. Ela sorriu — Sim.

—Bem porque tem que saber que é muito especial para mim. E nunca te farei mal, minha Erica.

Ela sorriu. —Eu gosto da forma em que diz meu nome, tão possessivo. Eu gosto da forma em que me olha. Eu gosto de tudo em você, Mikhel—. Ela fez uma pausa, recordando como a tinha afetado o homem fora do asseio de senhoras. —Me diga, meu alto, escuro, e atrativo chupa sangue, há mais como você em casa?

Fez uma notável pausa antes de falar. —Tenho um irmão e uma irmã, Serge e Kattia, ambos mais novos e ambos são latentes.

—Latentes?

—Embora sejam inegavelmente mais fortes e mais rápidos que os outros humanos não têm outros traços perceptíveis de vampiro. Os latentes não experimentam o bloodlust.

—Bloodlust? Quer dizer que não bebem sangue?

Ele vacilou. —Têm a capacidade para experimentar o bloodlust, mas por alguma razão, Mãe diz que geralmente não o fazem. Também têm incisivos afiados. No que se refere a se os utilizarem ou não... Serge é muito... sexual.

Serge. O nome conjurou a imagem de um moço escuro e formoso. —O que quer dizer isso?

—Se estiver acordado, quer sexo. Montões. Todo o tempo. Tem uma incrível fome de sexo.

Ela sorriu, seguindo com a ponta da língua seu lábio superior. —Sonha muitíssimo como você. Estou assombrada de que possa caminhar depois do de ontem à noite.

Ele sorriu. —Só quero sexo todo o tempo com você.

Recordando sua indiferença ante a estupenda morena de pela manhã, acreditou nele.

Sorriu. —Sou muito mais seletivo com outras mulheres.

Significava isso que ainda desejava a outras mulheres? Ela apenas se sentiu em condições de perguntar. —Assim é que seus irmãos não bebem sangue?

—Isso não é o que quis dizer por bloodlust. O bloodlust ocorre quando um vampiro encontra ao companheiro perfeito que acende a luxúria, o desejo, e a necessidade, não só pelo sangue, mas também pelo sexo com essa pessoa em particular. Quando ambos os desejos estão combinados na mesma pessoa criam uma necessidade no vampiro de formar um casal por cima de todo o resto. É durante o bloodlust quando os vampiros são mais férteis.

Ela tiritou — Férteis? Quer dizer as mulheres vampiro. Não é?

—Quero dizer todos os vampiros. As fêmeas vampiros têm maiores probabilidades de ficar grávidas em seu bloodlust e os machos têm mais probabilidades de deixar a suas companheiras grávidas.

—Quéeee? O olhou. —Quantas... quantas probabilidades?

—Altamente provável. —deu de ombros. —Ou assim me disseram.

Ela mordeu os lábios. —Mikhel... está me dizendo que provavelmente estou grávida?

Ela se zangou ao notar a vacilação nele outra vez. —Deus, espero que o esteja, mas a verdade é que não sei. Não sou um full—blood e nunca deixei a ninguém grávida.

Ela umedeceu os lábios — E? Ouço um, mas em sua voz.

—Mas nunca estive em bloodlust antes.

Ela passou a mão pelo cabelo. Não havia necessidade de se assustar. Quando retornasse a casa, iria a seu médico e obteria uma dose da pílula do dia depois. — Podia ter me dito tudo isto antes de ter sexo desprotegido, — reprovou-lhe.

Luzes diminutas faiscavam em seus olhos. —E me arriscar a que fosse longe de mim? Não acredito.

—Eu não me teria ido, Mikhel. Simplesmente teríamos usado as camisinhas que tenho.

Ele sacudiu sua cabeça. —Camisinhas? Não uso camisinhas.

—Bem, maldito seja, Mikhel, que bem para você, mas a última vez que o comprovei havia uma probabilidade muito pequena de que me deixasse grávida.

Seus olhos se entrecerraram. Ela mordia o lábio e esperava que ele se desse conta que portanto não havia muitas probabilidades de que lhe deixasse tomá-la tampouco.

—Assim que a vi pela primeira vez, soube que era minha bloodlust, a única mulher que criaria a perfeita paixão em mim, a experiência para a que todos os vampiros vivem.

A paixão perfeita? De acordo. Isso explicava o que ela sentia por este homem cuja existência desconhecia vinte e quatro horas antes. Uma noite compartilhada com ele e encontrava o pensamento de se separar insuportável.

Ele levantou sua mão para seus lábios e beijou seus dedos. —Tem idéia de quão boa é sua vagina?

Ela avermelhou, mas não afastou o olhar. —Estou encantada que você goste.

—Que eu goste? O amo, Erica. Nunca tive nenhum que se comparasse ao seu. Não quero que nada se interponha entre sua vagina e meu membro. Tenho que ter acesso completo a seu sexo, minha Erica.

—Ooooh, Mikhel. É tão doce. —E ela era uma tola por estar aqui sentada sendo tratada como um lixo.

—Não! Me entenda, —disse com a estranha destreza de parecer ler sua mente que a fazia estar cada vez mais inquieta.

Ela assentiu. —Sei. Como é que alguma vampira afortunada não o apanhou ainda?

Ela encontrou sua evidente hesitação enervante. —Mikhel? Há alguém especial em sua vida?

—Desde meu ponto de vista? Não.

—Esta é a afirmação, mas capciosa que já tenho ouvido.

Do ponto de vista de quem falamos?

—Minha mãe.

—Sua mãe? O que ela tem que a ver com isto?

—Há alguém que a minha mãe gostaria que eu casasse.

Conteve a respiração. Agora o diria. — Por quê?

Ele deu de ombros. —Porque ela é full—blood. Minha mãe ama a meu pai com loucura, mas lamenta que meu irmão e minha irmã sejam latentes e que eu seja só um half<sup>7</sup> blood.

—Quer dizer que se envergonha de você e de seus irmãos?

—Não! Isto não é o que quis dizer absolutamente. Só lamenta que não sejamos vampiros puro-sangue.

—Se não está envergonhada de você, por que é tão desejável que se emparelhe com uma full—blood?

Se casar com uma full—blood como ela quer, então a linha Walker Dumont de vampiros não se extinguirá. Se, por outro lado, tenho filhos com uma humana ou me

---

<sup>7</sup> Meio, metade.

emparelho com um latente, há uma alta probabilidade de que nossos meninos sejam latentes ou simplesmente humanos.

Seus lábios se apertaram. —Simplesmente humanos? E seria uma má coisa? Faz que seja humano soe como algo para se envergonhar.

Ele deu de ombros. —Pelo que diz respeito a minha mãe, assim é.

Resistiu ao impulso de dizer que sua mãe parecia uma esnobe de primeira classe. —O que ocorre com seu irmão e sua irmã? São livres para se casar com quem desejam ou sua mãe tem companheiros adequados para eles também?

—É obvio que tem aos companheiros adequados para eles. Embora esteja por ver-se que Kattia aceite os planos de Mãe.

—E seu irmão?

—Serge é muito jovem com um montão de vida por viver. Fará o mesmo que sempre faz: O que seja que goste quando gostar, com desprezo absoluto pelas conseqüências. Todos sabemos que Serge não vai estar de acordo com os projetos de Mãe.

—Como se sente a respeito da fêmea vampiro com a que sua mãe quer te emparelhar?

Ele enterrou uma mão por seu cabelo. —O que quer dizer com como me sinto sobre ela?

—É uma pergunta fácil, Mikhel. Responda.

—Ela não me provoca bloodlust.

Acreditou nele, mas detectou uma reserva em sua resposta. —Há algo que não está me dizendo. O que é? São... amantes?

—Não!

Ela estudou seu rosto. —Mas foram?

—Não... bom... não exatamente.

—Que demônios significa não exatamente? Ou são amantes ou não o são. — Levantou um dedo para ele. —E te advirto, Mikhel, que espero que a resposta seja melhor que a de que não havia ninguém especial. Se só o tiver dito para conseguir me colocar em sua cama... Melhor que não tenha mentido para mim.

—Eu não... só que... umas poucas vezes... Nós... ela...

—O que? Transou com ela? O que? Diga, Mikhel!

—Não! Ela... me chupou isso.

O pensamento dos lábios de outra mulher rodeando seu membro a tirou do gonzo. —Quantas vezes? —exigiu.

—Umas... poucas.

—E desfrutou disso! —o acusou.

—Eu... bem... — ele deu de ombros. —A um nível... puramente físico.

—O que?!

—Não me diga que o que. Você desfrutou do sexo com seu marido não foi?

—Não é o mesmo, Mikhel.

—É exatamente o mesmo. Mas ao menos com ela não havia nenhuma participação emocional. Era... só sexual. Ela... ela sabe como chupar um membro.

—Ah, de verdade o faz? E como sei que não a fodeu até perder o sentido também?

Seus olhos se entrecerraram e seus lábios se apertaram. —Porque te disse que não o fiz. Nunca coloquei meu membro em sua vagina.

—Por que não?

—Nunca o quis assim.

—E se supõe que tenho que aceitá-lo só porque você o diz?

—Sim, Maldita seja, tem que fazê-lo!

Ela mordida um lábio enquanto o contemplava.

Ele devolveu o olhar, seus olhos frios. Quando estava a ponto de afastar seu olhar, ele de repente sacudiu sua cabeça — Não tem nem idéia de quanto poder pode mostrar uma vampira chupando-o. Seria quase impossível não desfrutar disso a um nível puramente físico, mas ela não significa nada para mim emocionalmente. Se o fizesse, não estaria aqui com você. Você é a única mulher para mim. Não importa a que outros encontremos ou nos interessem, enquanto ambos vivamos, nunca haverá outra mulher a que queira tanto como a você.

Isto a aplacou, mas só um pouco. —Mas sua mãe não me aprovará.

—Não, não tem que fazê-lo. Eu a aprovo. Te quero. Te necessito. Não a deixarei.

Ela sorriu. —Oh, Mikhel! Estou tão contente de ouvir isso. Me perguntava como ia poder te esquecer uma vez que voltasse para Boston.

Seus escuros olhos brilharam intensamente. —O que faz pensar que tenho a menor intenção de te deixar partir? Recorda, vivo em Boston também, Erica.

Durante um momento, considerou lhe perguntar onde vivia a vampiro full—blood. Mas o que lhe importava se ele não a queria? Exceto... — Mikhel, o que ocorrerá com a full—blood? O que dirá quando disser que não está interessado nela? O fará amavelmente. Não é?

Ele deu de ombros. —Ela não é muito sensível ou nem me é fiel. Não acredito que lhe importe muito.

Suspirou. —Bom. Odiaria pensar em mim como uma mulher que roubou o homem de outra mulher.

—Nunca fui realmente dela.

Arqueou uma sobrancelha. Homens. O único homem ao que ela já havia feito uma mamada, era com o que se casou. Não conhecia nenhuma mulher que fosse por aí chupando membros sem ataduras emocionais. Talvez algumas mulheres o faziam... como esta full—blood em questão. —Ah. Bem. Então tudo irá estupendo.

—Sim. Assim é. Prometo-lhe isso. Confia em mim.

—Se não o fizesse, já não estaria aqui.

## **CAPÍTULO SEIS**

Jantaram em um restaurante com vista para o mar. Quando estavam tomando café, ele tomou sua mão. —A levarei de volta a seu hotel e assim poderá cancelar o quarto—, disse-lhe.

—Não está assumindo muito? —brincou.

Ele sacudiu sua cabeça. —Não. Vai se mudar para meu quarto.

—Assim, simples? Nem sequer vai me perguntar se quero fazê-lo?

Ele sorriu abertamente. —Não. Alguma queixa?

Soava bastante autoritário, mas gostava e sorriu. — Nenhuma. —depois de terminar seu café, a levou a seu hotel para liquidar a conta. Compartilhariam seu quarto até que retornassem a Boston em uns dias.

Sozinha em seu quarto, fazendo a mala, Erica sentiu outra vez um ar de malícia. Como antes, não havia ninguém no quarto com ela. Recordando o incidente no restaurante pela tarde, abriu a porta do quarto e olhou o corredor. Não lhe teria surpreendido ver o desconhecido do restaurante vagueando no corredor do hotel, mas estava vazio. Fechou a porta e cunhou uma cadeira sob o trinco.

Momentos depois de acabar com as malas, Mikhel chamou.

—Está preparada?

Ele soava ansioso. Sorriu. —Sim.

—Subirei e pegarei a mala.

Embora sua bolsa fosse muito leve, temia caminhar pelo longo corredor sozinha. —Obrigada.

Quando chegou a sua porta, se lançou a seus braços e o beijou. —Agradeço-lhe isso!

—Por quê? O que acontece, Erica?

Esfregou a bochecha contra seu ombro. —Nada... só estou contente de te ver outra vez.

Ele sorriu contente e beijou sua bochecha. —Pode me mostrar sua alegria depois.

—Bem, — sussurrou.

Foi um alívio recolher seu carro e seguir Mikhel de volta a seu hotel. De todos os modos, ela se encontrou olhando pelo retrovisor com frequência. Havia vários carros atrás deles e de algum jeito isso aumentou sua inquietação. Não foi até que se encontraram no estacionamento do hotel e ele tomou sua mão que ela se sentiu segura de novo.

Em seu quarto, ele soltou sua bolsa e a pegou em seus braços. —Dança comigo, minha Erica.

—Não há música.

Ele colocou sua mão sobre seu coração. —Sim há. Sente-a? Ela sorriu, unindo seus braços ao redor de seu pescoço. —Sim. Dançaram lentamente ao redor do

quarto ao compasso de uma música interior que enlaçava seus corações. Aconchegou-se contra ele, se maravilhando de como podia ter sido feliz alguma vez sem ele em sua vida.

—Eu não era feliz sem você, minha Erica, —disse. Ela levantou sua cabeça e elevou a vista para ele.

—Ah, Mikhel. —Acariciou com a mão sua bochecha.

—Faça amor comigo, minha Erica.

Suas palavras golpearam uma suave corda nela. Recordando um artigo em sua mala que não tinha esperado ser capaz de utilizar, ela assentiu com a cabeça. —Sim, faremos amor, mas há algo que quero tentar.

Ele inclinou sua cabeça e a olhou. —O que?

—Vamos nos despir e te mostrarei.

Despiram-se rapidamente. Contemplou a beleza de seu corpo nu durante uns momentos, seu coração troando, ela agitou uma mão para a cama. —Fique em posição, Mikhel.

—Que posição?

—Desta vez, eu estarei no comando, — disse-lhe.

Seus olhos brilharam com entusiasmo, e se deitou de barriga para cima com as pernas estendidas, e totalmente excitado. Por Deus, seu membro era realmente belo, largo, grosso, e com uma deliciosa e grande cabeça. Sentindo sua vulva gotejar só o olhando, Erica atenuou as luzes e foi a sua mala. Suas mãos tremiam quando tirou as algemas. As escondendo protegidas com seu corpo, deu uma olhada nele. Seus olhos brilharam. —Fecha os olhos, — pediu-lhe.

Ele o fez.

Respirando fundo, rapidamente cruzou até a cama. — Estende seus braços sobre a cabeça.

Seus olhos se abriram de repente e olhou suas mãos. Ela conteve o fôlego, rezando para ele não se opor. Para seu alívio, fechou os olhos e pôs as mãos sobre a cabeça. Se sentando escarranchada sobre seus quadris, se inclinou e algemou seus pulsos. —Agora, disse-lhe, transaremos.

Abriu seus olhos e elevou a vista para ela. —Então o faça. Me foda.

Ela agarrou sua quente ereção com uma mão e devagar se empalou nela até que sentiu suas bolas tas contra as nádegas.

Ele suspirou brandamente e estremeceu.

Sorrindo, se estirou para apertar seus testículos. Estavam quentes e apertados, e devagar começou a deslizar sua vagina de cima abaixo sobre seu rígido eixo, já encharcada por seus sucos.

Com suas mãos apoiadas em seus duros abdominais, se elevou, saindo de seu pênis. Sentindo o calor que crescia em seu sexo, gradualmente baixou seus quadris até que seus pêlos púbicos se tocaram. Então apoiou sua vagina totalmente, querendo sentir cada plegada de seu grande membro.

—Oooh! —Senhor, que bem se sentia.

Ele fechou seus olhos e separou seus lábios em um suspiro suave, mudo de prazer, empurrando seus quadris contra ela para se cravar profundamente em seu corpo.

Ver as ondas de emoção cruzando por sua cara atraente incrementou sua própria paixão. Fechando seus olhos, aumentou a velocidade e a frequência do impulso de seus quadris.

—Me libere, — gemeu ele, seu corpo tenso se estirando enquanto empurrava seu caminho para o clímax.

—OH, não! Vou te manter cativo, — disse, sem romper o ritmo da fodida.

—Tire as algemas!

Em vez de soltá-lo, deslizou suas mãos para agarrar seus quadris, e o montou com força e velocidade, rapidamente se elevando de seu corpo só para cair de repente sobre seu membro, a enchendo de dor e prazer.

Grunhiu profundamente e empurrou duro contra ela — Tire-as, maldita seja!

Ela cobriu seu corpo, pressionando seus peitos contra seu torso, e reclamando seus lábios em um faminto e desesperado beijo.

Seus braços se esticaram, e ouviu o metal se rompendo. Instantes depois, ele agarrou seus quadris com suas mãos. Sentiu o que ficava das algemas ao redor de seus pulsos quando a sentou e começou a movê-la rapidamente de cima abaixo sobre seu corpo. —Mais rápido, — vaiou —. Mais rápido! Me monte, minha encantadora Erica. Me monte. Toma todo meu membro. Toma-o todo, céu.

Ela ofegou e mordeu o lábio quando sua vagina começou um palpar e se contrair grosseiramente ao redor de seu membro. Senhor, sentia-se fantástica. Muito bom para que acabasse logo. E queria que durasse.

—Mikhel... por favor... não tão rápido e forte, — ofegou. —Reduz a velocidade.

—Muito tarde. Quero te sentir gozando ao redor de todo meu membro. Me faça molhar, carinho. Me faça molhar.

—Oooh! —mordeu os lábios e se lançou de repente em seu membro, enviando uma sacudida de dor ao longo de seu canal. As ondas de prazer lhe seguiram rapidamente e fizeram erupção dentro dela. Tremendo, caiu contra seu peito, chupando seus mamilos e mordendo seu pescoço enquanto gozava.

—Isso, céu. Isso. —Ele a sustentou quando ofegou seu clímax antes que a fizesse rodar sobre estômago e a colocasse sobre suas mãos e joelhos. Se inclinando sobre suas costas, agarrou seus peitos em suas mãos.

—Hmmm, — gemeu, amando a sensação de suas grandes mãos nela. Inclusive embora já tivesse gozado, os princípios de outro clímax começaram a percorrê-la.

Esfregando seus dentes contra seu pescoço sem romper a pele, ele a fodeu rudemente por trás. Deslizando seu membro entre suas nádegas para sua encharcada vagina, ele explorou, a enchendo de sua semente.

Caindo em outro curto orgasmo, paralisou sobre seu estômago.



Girando-a sobre si, ele deslizou seu corpo grande em cima dela. Mordendo brandamente sua boca.

—OH, Mikhel, se seguimos fazendo isto sem camisinhas, definitivamente vou ficar grávida, — gemeu, beijando seus lábios.

Ainda empalada em seu grosso membro, pressionou seu rosto contra seu ombro. —Já te contei que ensino a adolescentes ricas em uma escola muito exclusiva. Os pais esperam de mim que seja um modelo para elas. Aparecer grávida e solteira não é uma opção.

Ele respondeu beijando-a. — Faça amor comigo outra vez, minha Erica.

Ela levantou a cabeça e ficou olhando-o. —Agora? Não já teve o suficiente?

—Você teve o bastante?

—Não, — admitiu. Beijaram-se e a cobriu com seu corpo.

—Bem, porque estou em pleno bloodlust, minha Erica. Necessito sua deliciosa vagina e seu sangue.

Descansando a parte superior de seu corpo em seus braços começou rapidamente a penetrá-la, empurrando profundamente nela com cada capitalista impulso de seus quadris. Ainda cambaleando no bordo do alívio, gemeu e os estremecimentos subiram desde sua vagina para o clímax mais delicioso que já tinha experimentado em toda sua vida, inclinou sua cabeça, e expôs seu pescoço.

Ela sentiu sua hesitação. —Está seguro?

—Sim!

—Vamos, minha vagina e meu sangue!

Sentiu como seus dentes se afundaram nela. Uma sacudida de eletricidade a atravessou, quando se alimentou em seu pescoço enquanto ele gozava. Quando o pensamento racional retornou, o abraçou. —OH, Senhor! Mikhel só sei que vou ficar grávida.

—Não se preocupe, meu amor. Cuidarei dos dois quando estiver.

Estava muito cansada para apontar que era perfeitamente capaz de se encarregar de si mesma e do menino se tinha à sorte de o ter. Em lugar disso lhe mordeu o ombro. —Da próxima vez, não camisinha, não deliciosa vagina, tio, — avisou-lhe.

—Sim? E o que ocorre se a suborno deixando tomar meu sangue? Ela estremeceu ante a perspectiva de voltar a saborear seu sangue de novo. Enquanto abria suas pernas e empurrava seu grande e ansioso membro profundamente em sua faminta vagina. —me deixe te chupar o sangue e poderá ter tanta vagina como quer, cada vez que queira, — disse-lhe com uma suave e descarada voz.

—Erica, eu desfruto fazendo-o para te agradar, isto não é uma fantasia, — disse-lhe. — Cada vez que transamos, quero que participe de maneira total e disposta. Quero que me deseje dentro de você. Não tenho vontade de forçar o sexo contra sua vontade. Parte de seu encanto para mim é sua desavergonhada luxúria por meu membro.

O rubor queimou sua cara. Suas palavras a fizeram se sentir como uma perversa. —Sei que, bom... Oh, diabos. Poderia confessar também que eu adoro a idéia de que me tombe de costas, abra minhas pernas com força e logo empurre seu membro, com força em minha vagina. Eu adoraria ser forçada outras vezes por você, Mikhel.

Ele acariciou sua bochecha. —Não há nenhuma necessidade de estar envergonhada de nada do que fazemos um com o outro, minha Erica. Podemos fazê-lo tão freqüentemente como quer... e tão longo como gosto.

—Isso.

—Então é o que quero também.

—E não acha que sou estranha por querê-lo?

—Não se não pensar que eu sou estranho por desejar seu sangue. —Trato feito?

—Trato feito.

—Bom. —Ele se incorporou, e elevou suas mãos, com as algemas ainda ao redor de seus pulsos. —Agora quer me tirar isto?

Suspirou. —Acabo de comprá-las. Tinha que as romper?

—Sim. Agora as tire. Por favor.

Ela sorriu de repente. —Acredito que me gosta com elas ao redor dos pulsos.

Mostrou-lhe as presas e retorceu o metal até que as tirou de seus pulsos. Atirou o metal arruinado ao chão, abraçou-a, e a beijou até que ela caiu em um sono contente.

Erica despertou abruptamente. Durante uns instantes, manteve os olhos fechados. Saboreou a sensação do quente corpo nu de Mikhel rodeando suas costas, suas grandes mãos segurando-a enquanto dormia. Franziu o cenho. Quase esperava encontrar Mikhel em cima dela, "violando-a" como o inferno, mas isto não é o que a tinha despertado. De repente sentiu a mesma sensação de ameaça que havia sentido mais cedo. Abriu os olhos e levantou a cabeça.

A luz da lua brilhando através da janela era a única fonte de iluminação. Olhou ao redor do quarto, realmente sem esperar ver nada ali. Depois de tudo, tinha estado sendo seduzida ali a maior parte do dia. Seus olhos se alargaram e um grito mudo subiu por sua garganta quando viu um par de olhos brilhando em uma escura esquina do dormitório.

Oh, Deus! Tinha que ser o homem do restaurante. Estava no quarto com eles. Exceto não poderia ser possível. Os olhos estavam muito abaixo. O homem do restaurante era tão alto como Mikhel. Estava imaginando coisas.

Fechou de repente os olhos. Não havia ninguém ali. Abriu os olhos de novo, meio esperando ver o desconhecido moreno e carismático. Em lugar disso, uma pequena mulher morena, com olhos brilhantes emergiu das sombras.

—Putá humana! Mikhel é meu! Está a ponto de aprender a loucura que é saborear um membro que pertence a uma full-blood!

Os lábios da mulher não se moviam e Erica não soube se realmente tinha falado com palavras ou simplesmente as tinha projetado em sua mente. De qualquer maneira, sabia que esta mulher era a vampira não mesclada que a mãe de Mikhel queria como casal de seu filho. E que tinha a intenção de matá-la.

Queria gritar, despertar Mikhel, mas não foi capaz de se mover ou de afastar o olhar desses escuros olhos que brilhavam com malícia.

Oh, Meu deus! Estava a ponto de morrer enquanto Mikhel dormia a seu lado.

Antes inclusive de que o pensamento se formasse em sua cabeça, a mulher se converteu em um escuro borrão, se transportou através do quarto tão rápido que Erica não pôde seguir seu movimento. Agora estava junto à cama, tratando de alcançar o pescoço de Erica. E ela ainda não era capaz de fazer ou dizer nada.

Antes que as pequenas mãos pálidas pudessem se fechar ao redor de sua garganta, ouviu um grunhido baixo, zangado. As mãos de Mikhel saíram disparadas e se fecharam sobre os pulsos da mulher, as afastando com força do pescoço de Erica.

—Deotra! Não a toques! —Saltando rapidamente da cama, empurrou-a com ambas as mãos, lançando a mulher na metade do quarto.

Erica viu com atordoado assombro como a mulher deu voltas no ar e caiu ligeiramente sobre seus pés. —Você me pertence, Mikhel. Teve suficiente tempo para jogar com insignificantes humanas. Não vou compartilhar por mais tempo o que é meu com putas humanas. Ela tem que morrer!

Despindo suas presas, atravessou de novo o quarto, seu malévolos olhar fixo na garganta de Erica. —Morre puta!

Mikhel se colocou diante de Erica, se encurvando e grunhindo. —Saia.

—Se retire, Mikhel.

Jogou um olhar zangado e depreciativo a Erica. —Me deixou por esta loira tola?

—Não a deixei e não a insulte.

Ela sacudiu sua cabeça furiosamente. —Falaremos em seu apartamento uma vez que tenha terminado com ela. Agora se aparte, Mikhel.

—Nunca.

—O traseiro dessa puta é meu. Não me faça te machucar para me aproximar dela, Mikhel.

A voz da mulher gotejou com veneno inconfundível. O som de sua voz, a confiança em suas palavras encheu Erica com uma sensação de medo que nunca tinha imaginado. A mulher era full-blood e Mikhel havia dito que até o full-blood mais novo era mais forte que ele. Como poderia evitar que esta mulher a matasse?

—Antes que a possa machucar, terá que me matar, Deotra!

—Não, Mikhel! —Erica estendeu a mão e tocou seu ombro. —Não tem que lutar por mim. Irei e nunca retornarei.

—Não! Você é minha! Nunca a deixarei ir—. Ele vaiou as palavras para ela, sem tirar seu olhar da mulher que o enfrentava. — Mantenha-se atrás, Erica.

Atrás? Enquanto ele jogava com a vida tentando protegê-la? Nem em sonhos. Olhou ao redor do quarto procurando algo, algo que pudesse utilizar contra essa mulher que estava segura que poderia matar a ambos se quera. Quão único pôde ver que poderia servir como uma arma foram os abajures de noite que pareciam o suficientemente pesados para causar algum dano substancial.

Ela agarrou o abajur mais próximo, ignorando as faíscas que voaram quando o cordão se arrancou do conector. Saltando da cama, se pegou à parede. Tirou a tela do abajur, envolveu o cordão ao redor desta, e agarrou a base com ambas as mãos como a um taco de beisebol.

Mikhel trocou sua postura a fim de ficar diante dela. — Mantenha-se fora disto, Erica.

—Não posso!

O coração de Erica retumbava de medo quando a mulher, que tinha pouco mais de metro e meio de altura e uns quarenta quilogramas de peso, teve maior alcance e agarrou Mikhel pela garganta. Viu com horror como a mulher o elevava e lançava através do quarto como se fosse um menino. Sua cabeça deu um forte golpe contra a parede e se deslizou lentamente ao chão onde ficou imóvel.

—Mikhel! Não! —Lançando-se, Erica golpeou o abajur tão forte como pôde na cabeça da mulher. Vaiando e mostrando os dentes, a vampiro deu a volta e esquivou o golpe com o antebraço. Logo arrancou o abajur das mãos de Erica e saltou, tratando de alcançar sua garganta.

Erica caiu sobre o tapete o suficientemente forte para retumbar todo seu corpo. Antes que pudesse ficar em pé, as mãos pequenas e firmes da mulher se fecharam ao redor de sua garganta, cortando imediatamente o fornecimento de ar.

Ela rapidamente desprezou seu primeiro instinto de tentar tirar as mãos da mulher de sua garganta. Se Mikhel não tinha podido isso, fechou suas mãos em forma de punhos e os lançou de um golpe contra as orelhas da mulher tão forte como pôde. Ao mesmo tempo, lançou para cima seu joelho e a golpeou duramente entre as pernas.

Para seu alívio, a mulher gritou com fúria e dor e a soltou.

Tragando saliva e tomando profundas baforadas de ar, Erica se endireitou, arrebatou de novo a abajur descartado, colocou suas costas contra a parede, e se agachou.

—Putá! Por deferência a Mikhel ia te matar rápido. Mas agora, vou chupar cada gota de sangue de seu corpo lentamente! Sua morte será muito, muito dolorosa.

Pensar no que este horror tinha feito a Mikhel a enfureceu.

Sabia que não tinha possibilidades reais de deter esta mulher. Ia morrer, mas ia apresentar uma fodida batalha. —Cadela! Me quer? Pois venha e me agarre! —vaiou.

A mulher se equilibrou com fúria contra ela. Pela extremidade do olho, viu um repentino borrão de movimento, de repente, Mikhel se levantou diante dela. Enganchando ambas as mãos, golpeou a mulher. Embora a escura cabeça se sacudisse com força pelo impacto do golpe, a mulher manteve o equilíbrio. Saltou outra vez e Mikhel estendeu as mãos e agarrou sua garganta com ambas.

Permanecendo atrás dele, Erica viu os músculos de suas costas e dos ombros tensos enquanto levantava a mulher do chão e começou a sacudi-la. Erica suspirou de alívio e deixou a seu corpo recostar-se contra a parede. Seu alívio foi breve. Subindo seus braços, a mulher venceu o agarre de Mikhel em seu pescoço e se livrou dele.

—Mikhel! Não me faça te machucar. Sabe que não é o suficiente forte para me deter!

—Não conte com isso, Deotra. Não vou permitir que faça mal a ela. Encontrarei a força para lhe deter... te matarei se for necessário.

—Suas palavras pareceram assombrar a mulher. —Depois do que fomos o um para o outro, pode falar de me despachar?

A sombra de dor na voz da mulher era indiscutível e Erica sentiu uma momentânea compaixão.

—Não tenho a intenção de te fazer mal, mas ela é minha bloodlust.

—Bloodlust? —cuspiu. O que sabe você de bloodlust? É ainda muito jovem. Por isso permiti que persiga putas humanas. Mas me cansei que ver fêmeas inferiores foder a meu homem. Suas transas se acabaram, Mikhel. A puta humana tem que morrer!— A mulher se equilibrou com fúria para Mikhel, seus lábios deixando as presas ao descoberto. Ela lançou seu corpo de um golpe contra ele, lhe lançando contra a parede ao lado de Erica.

Ela imediatamente levantou o abajur em uma tentativa de dar pauladas à mulher. Mas a mulher já não estava de pé a seu lado. Estava atrás de Erica, afundando seus dentes em seu pescoço. Embora foi consciente de que estava a ponto de morrer, cada nervo no corpo de Erica pareceu se congelar, impossibilitando o mínimo movimento.

—Não! —Mikhel rugiu. —Deotra, se a machucar, te matarei—. Erica viu fúria e o horror em seus olhos enquanto a empreendeu a golpes contra sua atormentadora, agarrando-a por seu pescoço, e lutando para separá-la dela.

Liberada Erica paralisou contra a parede, fracamente apertando uma mão contra seu pescoço em um esforço por deter o sangue que fluía das feridas.

Observou impotente como Mikhel e a mulher rodaram sobre o tapete, cada um agarrando firmemente a garganta do outro. Gelados calafrios a percorreram quando repentinamente a mulher o segurou contra o chão.

—É meu, Mikhel. Meu bloodlust. Se não vem a mim voluntariamente, então tomarei pela força. Em qualquer caso será meu—. Ela expôs seu pescoço. E depois se estirou para acariciar seu pênis enquanto afundava os dentes em sua carne.

—Não. Por favor, não o machuque. —Muito débil para se levantar, Erica agarrou o abajur, e começou a engatinhar para a metade do quarto, onde a fêmea vampira estava alimentando-se de Mikhel.

Houve um som rasgado e Erica percebeu que Deoctra tinha esmigalhado seu vestido e jogado as bragas<sup>8</sup> fora e estava repetidamente levantando seus quadris e as aproximando em um esforço para se empalar no pênis de Mikhel.

Mas ele não cooperava, retorcendo seus quadris de um lado a outro tão rapidamente que Erica mal poderia seguir seus movimentos.

—Me deixe ter seu pênis, Mikhel. É meu. Tenho esperado muito tempo para senti-lo dentro de mim. Não esperarei mais. Coloca-o de um empurrão profundo e duro. Me deixe te ter todo, Mikhel e te mostrarei o êxtase de foder a vagina de uma vampiro full-blood!

—Não!

Mas se manteve sobre ele, se enroscando e movendo seus quadris com velocidade incrível até que Erica viu que a vagina da mulher encontrou a cabeça do pênis de Mikhel e se fechou de repente até que seu grosso eixo desapareceu completamente em seu corpo. A mulher era tão diminuta, que Erica estava segura de que o contorno do membro de Mikhel devia ser visível através de seu estômago plano.

—Ah, sim! Ooooh, sim! —A mulher gemeu e moveu seu sexo furiosamente acima e abaixo do membro de Mikhel. —Por fim! Finalmente o tenho em mim, Mikhel. Meu Mikhel. Por fim.

Erica, olhando indefesa, ouviu Mikhel gemer brandamente e seu coração pareceu que se rompia. Ele estava desfrutando! Estava sendo violado e estava desfrutando... Diante dela.

—Sente o quente, bom, e delicioso que é a vagina de uma full-blood, meu formoso Mikhel. Isto é só uma amostra dos prazeres que o esperam uma vez que te reclame como meu, meu amor. Sente o calor e a estreiteza de minha vagina ao redor de seu grande e delicioso membro! Se deleite nisso!

Seu corpo se estremeceu e Erica viu seus quadris se elevar. Ele agarrou seus pequenos quadris e as apertou, pegando um empurrão para fode-la ao mesmo tempo. Ambos os vampiros gemeram de prazer quando seu membro reluzente com seus sucos desapareceu uma e outra vez em sua vagina, várias vezes, uma atrás de outra.

—Isso! Isso. Me foda, meu formoso, Mikhel! Foda a vagina que só pertence a você! Sempre. Só a você, meu formoso, Mikhel!

Não é a melhor vagina que já teve alguma vez? Me diga agora que ela é sua bloodlust.

---

<sup>8</sup> Graças ao apoio de nossas amigas leitoras despedimos as [pantis](#) para dar lugar às queridas calcinhas, ([N.T.](#) agradecida).

Ele estremeceu de novo e Erica, com lágrimas em seus olhos, o viu sacudir seus quadris e várias polegadas de seu membro saíram da vagina. —Sim! Ela é e sempre será minha bloodlust! Se afaste de mim! — Mikhel rugiu as palavras e Erica viu suas mãos cintilarem para cima e se fechar ao redor da garganta da mulher. Seu corpo inteiro se esticou e devagar, mas constantemente começou a separá-la de seu membro. Quando o obteve, Erica viu seu pênis coberto dos sucos do sexo da mulher e um rastro de fluidos gotejou por seu escroto. Oh Deus, não! Gozou nela?

Erica estava gelada de terror quando, de repente, outra pequena e morena mulher apareceu entre as sombras perto do casal que brigava. Sem olhar para Erica, a mulher se aproximou, agarrou pelo cabelo à fêmea vampira, separou-a de Mikhel, e a lançou através do quarto como a uma penugem.

Golpeou a parede com um ruído surdo, mas imediatamente se endireitou sobre seus pés e se deu a volta para confrontar a recém chegada, seus dentes ao descoberto. —Fique fora disto, Palea.

A outra mulher deixou ao descoberto seus próprios incisivos, seus olhos brilhando com uma fúria que fez Erica se estremecer. Oh, Senhor, era esta alguma outra full-blood que também queria Mikhel e estava disposta a matá-la para o obter? No que se colocou?

## ***CAPÍTULO SETE***

—Deotra, Me ouça, ninguém viola a meu filho.

Filho? O alívio percorreu a Erica. Esta era a mãe de Mikhel, uma vampira full-blood. Embora não aprovasse a Erica, claramente não daria a Deotra oportunidade de lhe machucar.

—É meu Palea. Tenho direito a tomar o que é meu. Tenho esperado com paciência e permaneci afastada enquanto ele fodia a uma sucessão de putas humanas. E não me queixei nunca. Deixei-lhe ter sua diversão. Bem, agora é meu tempo de me divertir. Ele é fértil agora. Certamente não quererá que se emparelhe com uma puta humana.

—Não te resulta óbvio que já está emparelhado com ela? Várias vezes. Não pode ver que sua matriz já está cheia de sua semente? — As janelas de seu nariz se estremeceram enquanto lançava olhadas incendiárias para Mikhel e logo para Erica. Não pode detectar o aroma fragrante de seu emparelhamento no ar?

Com as bochechas ardendo, Erica se escondeu entre as sombras.

—Isto não é o que eu desejava, Deotra, mas o que está feito não pode se desfazer. Ele escolheu um caminho diferente do que eu tinha esperado, mas não posso permitir que tome pela força.

Os olhos de Deoctra resplandeceram e gritou, tocando sua vagina exposta. — Este é a vagina que deveria estar cheia de sua semente. Não a de alguma puta humana. Terei o que é meu, Palea. Tenho esperado muito tempo para perdê-lo por uma puta insignificante. Terei o que legitimamente me pertence.

—Ninguém toma a meu filho pela força. Ninguém. Se alguém o tenta valerá a pena. Entendemo-nos uma à outra? Sim? Agora vá.

—Não sem ele.

—Sinto sua dor, Deoctra. Também eu, perdi a um que foi meu bloodlust, mas deve partir agora e não se falará mais disto.

—Como pode me pedir que parta sem ele? Ele é meu bloodlust! Não permitirei que ela tome o que é meu!

—A escolha já não é sua, Deoctra Diniti! Fez coisas no passado pelas quais já foi livremente perdoada. Esta não será uma dessas a menos que parta agora. Vá agora. Antes que a mate. Se ele está ferido... se tiver subjugado sua vontade, te buscarei e me assegurarei de que tenha uma morte lenta e extremamente dolorosa. Sim? Agora vá.

Deoctra se voltou com olhos zangados e acesos para Erica.

—Levarei a puta comigo.

Erica estremeceu e mordeu seu lábio a fundo para evitar lançar um grito de terror.

Palea Dumont sacudiu sua cabeça. —Não o fará.

—Por que não? Certamente esta humana não pode significar nada para você.

—Ela significa para Mikhel o suficiente para que defendesse a vida dela com risco da sua própria. Vá agora, Deoctra, ou morre agora. A escolha é sua. Preferirá viver um pouco mais. Sim?

O ar de autoridade e raiva mal reprimida que rodeava a mãe de Mikhel era quase evidente. Erica sabia, sem necessidade de que se o confirmassem, que esta pequena fêmea aparentemente indefesa era mais que um adversário para a outra mulher.

Entretanto, Erica elevou uma silenciosa oração de agradecimento quando Deoctra se moveu às sombras e desapareceu.

A outra mulher se centrou em Mikhel. —Meu pequeno. Está bem? Não?

Mikhel ficou em pé, e o coração da Erica voltou para a normalidade. —Estou bem, mãe.

Palea Dumont se apressou para seu filho e se abraçaram, beijando as bochechas.

Erica os observava com assombro. A nudez de Mikhel não pareceu incomodar a nenhum deles. Envergonhada por sua falta de roupa, pressionou uma mão sobre seu sexo e o outro através de seus peitos.

Mikhel se separou de sua mãe e se apressou a se ajoelhar a seu lado. Tocou seu pescoço, logo se inclinou e o beijou meigamente. —Minha valente e bela Erica! Disposta a lutar a meu lado. Está bem?



Assentiu lentamente, surpreendida. Além do medo horroroso e a debilidade, parecia-lhe estar bem. Inclinou-se para frente e descansou seu rosto contra ele. —E você, Mikhel? Está ferido? Quando te lançou através do quarto, ouvi como golpeava sua cabeça contra a parede e pensei... — seus olhos se encheram de lágrimas. —Oh, Mikhel, pensei que tinha te matado!

—Shhh. Esta bem. Eu estou bem. Não há necessidade de lágrimas, minha valente e maravilhosa Erica. Não sou um full—blood, mas não me faz mal facilmente e ainda é mais difícil me matar.

—Me diz isso agora! Oh, Mikhel. Estava tão assustada por você...

—Nenhum medo por si, minha encantadora Erica?

Deu de ombros. Qual teria sido sua razão de viver se ele tivesse morrido? —Se tivesse te matado... não teria me importado o que me passasse.

—Ahh, minha doce e encantada Erica. Sente-o também?

Embora não estivesse muito segura que a que se referia, assentiu com a cabeça.

—No momento que te vi, soube que era a única.— Ele a segurou nos braços e a beijou. Quando o fez ela sentiu seu membro, molhado e pingando, se esfregando. Estremeceu e se afastou.

—O que ocorre?

Ela mordeu o lábio. —Mikhel... te fez... mal quando o... violou?

—Me fazer mal? —pareceu surpreso. —Não. Erica sou muito difícil de ferir.

Consciente da presença de sua mãe, lhes escutando e olhando, aproximou sua boca de seu ouvido. —Fez-te... parecia desfrutar disso?—. Ela voltou a morder o lábio. —Desfrutou?

Ele guardou silêncio durante um momento então suspirou. —Em um nível puramente físico... Talvez um pouco. No emocional... nem por um momento—. Ele enredou seus dedos em seu cabelo e a obrigou a olhá-lo. —Não deve entender mal o que viu. Se eu tivesse querido tomá-la, poderia ter feito diante de você e logo te fazer esquecer que aconteceu. Se tivesse essas inclinações... poderia ter a ambas. Não tenho essas tendências. Não a quero e não a quererei... nunca!

—Então por que diz que é dela?

—Tínhamos uma relação... uma que era pelo visto mais importante para ela do que imaginava. Lamento isso.

Ela não pôde menos que pensar que não parecia de tudo arrependido.

Quase como se ele tivesse lido sua mente, deu de ombros. —Você é a mulher que passei minha vida inteira procurando. É a mulher que me completa. É a mulher... Minha mulher. Sim?

—Oh, sim, Mikhel! —sussurrou. —Sim! —Ela pressionou sua bochecha contra seu ombro. —Mas ela parece te querer realmente. Mikhel, esta apaixonada por você?

—Espero que não. Francamente? Não me importa. Antes que tratasse de lhe matar, havia planejado explicar a ela que a tinha encontrado. Não pensei que ia se opor, mas agora não me preocupa como possa se sentir. Queria te matar.

—Sei. Tive muito medo por ambos.

Levantou-a em seus braços e a levou a cama. Deitou-a sobre as costas e a cobriu com as mantas até seus peitos. —Sei, mas agora estará bem.

Ela jogou um rápido olhar a sua mãe. —Se cubra, Mikhel, — murmurou. —Já era suficientemente mau que o quarto cheirasse a sexo e ambos estivessem nus. — Tem uma ereção e sua mãe pode te ver!

Ele deu de ombros. —Não é a primeira vez que me viu assim.

O olhou boquiaberta. —O que? Como que não é a primeira vez? O que está dizendo? Mikhel! Eu... o que quer dizer? Certamente sua mãe e você...?

Ele jogou uma olhada a sua cara e riu de sua expressão de ultraje.

—Oh, não me olhe assim, minha Erica. Só quero dizer que a nudez não é grande coisa. Nós os vampiros não somos tímidos. Minha mãe viu meu pênis muitas vezes.

—Ereto? Desde que foi adulto?

—Sim. Quando estamos em casa, é usual que todos nós estejamos nus.

—Todos? Quais são todos?

Ele deu de ombros. —Eu, Serge, Kattia, meus pais.

—Quer dizer que todos vocês passeiam nus e excitados diante de outros?

—Não é nada especial, Erica—. Ele se voltou para a mulher que aparentava vinte e cinco anos. —Mãe, esta bela e tímida mulher é Erica Kalai... minha bloodlust.

Sua mãe emitiu um baixo e suave suspiro. —Oh, meu pequeno. Não usou amparo. Não?

—Mãe, nunca uso amparo, — disse, parecendo divertido.

—Ela está cheia de sua semente.

—Sim, estivemos fodendo quase toda a noite, —disse com naturalidade. —Tem o sexo mais incrível. É muito bom.

Erica se ruborizou e golpeou seu braço.— Mikhel!

Ele riu impenitente. —Bom, é a verdade.

—OH, meu pequeno e nem sequer é uma latente. Isto vai complicar as coisas.

—Que assim seja. Ela é minha escolha, Mãe.

—Está seguro?

—Estou muito seguro, Mãe—. Estive seguro desde o primeiro momento que a vi.

—Pense seriamente, Mikhel. Não se guie pela luxúria somente. Com todos seus defeitos, Deoctra facilmente pode tomar seu membro durante toda a noite. Deveria ser óbvio para você. Sim?

—Também pode minha Erica.

—Ela certamente chiará como um... como se diz? Um porco espancado quando tratar de penetrá-la totalmente e se meneará e gritará até que tenha parte de seu pênis fora.

—Não, não o faz. Olhe. —Então para consternação de Erica, ele arrancou as mantas dela.

—Mikhel! —Tentou afastá-lo e se cobrir de novo com as mantas, mas ele as lançou através do quarto, deixando seu corpo nu totalmente ao descoberto. —O que acha que está fazendo?

—Não imagina? —Desafiou-a enquanto se situava entre suas coxas.

—Mikhel! —Tentou lhe dar um empurrão em seus ombros para lhe afastar. —O que estas fazendo? Sua mãe nos observa!

—Sei—, disse brandamente. —Este é o assunto. Ela desfruta ao nos observar fazer amor.

—Bem, não o fará esta noite! —vaiou furiosamente, o empurrando por seus ombros outra vez. —Se afaste de mim! Agora!

—Realmente não quer dizer isso —disse, submetendo-a facilmente.

—Sim que o quero, maldito seja! Saia!

—Depois de te foder, — assinalou parecendo divertido.

—Quererá dizer depois de me violar! —cuspiu, lhe dando bofetadas na cara.

Ele riu. —Ah, mas ambos sabemos quanto você gosta que lhe viole.

Ela seguiu lutando. —Realmente não tem intenção de me forçar diante de sua mãe Não?

—Isso é exatamente o que tenho intenção de fazer. Não tenha medo, minha Erica, não será a primeira vez que ela vê isto, tampouco.

—Ah, Mikhel! Disse-me que nunca tinha violado a ninguém! —gritou.

—Não deveria te ter mentido, Erica. Peço-te perdão. Nunca voltará a passar outra vez. Mas deveria saber que estou na reserva de vampiros e tenho feito muitas coisas que não passaria. Esta noite... agora... tenho a intenção de te foder... Com ou sem sua permissão.

Para sua eterna vergonha, estava excitando-a seriamente.

Realmente estava decidido a ter sexo com ela... enquanto sua mãe observava. Sua vagina se umedeceu e seu coração se acelerou com a idéia. De todos os modos, sentiu-se obrigada a protestar. —Não, Mikhel, — suplicou—. Não assim.

—Justo assim, minha encantada Erica. Espero que esteja úmida e preparada para mim porque lá vamos—. Mantendo suas mãos aos lados, ele fundiu seu membro profundamente em seu interior com um rápido empurrão.

—Oooh! —O fôlego assobiou de seus pulmões. Sua vagina ardeu e se empurrou contra ele, separando suas coxas para lhe dar acesso mais fácil. Inclusive enquanto lutava para não se render à luxúria que alagava sua vagina, quando ele liberou suas mãos imediatamente agarrou forte seu traseiro.

—Isso, minha preciosa Erica. Tome e me foda até o fundo. Oh, que diabos. O que importa se sua mãe estava no quarto olhando? Era sua mãe. Se não o preocupava que olhasse porque devia preocupar a ela? Ela estremeceu, se rendeu completamente ao desejo, e começou a empurrar contra ele.

—Oh, Meu Deus, Mikhel. Por favor, me foda.

—Tão freqüentemente como deseja, meu amor, — prometeu.

—Me foda... me force...

—O farei tão freqüentemente como quer também.— Ele tirou seu pênis dela, se elevou, e a levantou em seus braços. Ela rodeou seu pescoço e esfregou sua boca contra seu peito, golpeando seus pequenos mamilos com beijos.

—Oh minha bela Erica, Que bom...! —Abraçou-a e a levou para uma escrivaninha que havia em uma esquina do quarto. Sentou-a na borda e esfregou a glândula contra os lábios de sua vulva.

Ela mordeu seu lábio. —Ah, maldito, Mikhel! Isso é muito bom.

Ele riu brandamente. —Mas não tão bom como isto, — disse e empurrou sem pressa dentro dela.

—Ah, não! Não tão bom como isto, — esteve de acordo ela. Levantando suas pernas sobre seus ombros, ligeiramente desequilibrada ela se apoiou em seus braços e avançou seus quadris para ele. —Oh, Senhor, seu membro é tão bom.

—Então me deixe te dar mais, — disse e começou a fode-la com completo abandono.

—Ah, meu pequeno. Está se divertindo. Sim? Sua vagina é boa. Não?

—Sim, Mãe... muito boa. Tão boa... melhor que nenhuma que já tenha tido.

O intercâmbio em voz baixa assustou a Erica lhe fazendo recordar que a mãe de Mikhel estava ainda no quarto, olhando-os. Ruborizou-se e tratou de se separar dele, mas ele seguiu fodendo-a rápida e rudemente, superando seus sentidos.

—Mãe, sua vagina é incrível... quente... estreita... e tão faminta de meu membro.

—Maldita seja! —ela se despreocupou de quem estava olhando no quarto. Ainda não tinha suficiente de seu membro em seu palpitante sexo. Jogando a cabeça atrás, deixou que as ondas de prazer se derramassem sobre ela até que a consumissem com toda a devastação de famintas chamadas. Paraíso absoluto.

—Desperta, dorminhoca.

Erica manteve seus olhos fechados apertadamente e colocou as mantas por cima da cabeça. Estava dolorida, estava cansada, e queria ficar só para considerar as repercussões da confusão na que se colocou. Ainda não podia acreditar que Mikhel realmente a havia montado e fodido enquanto sua mãe observava com brilhantes olhos escuros. Não é que ela fosse melhor. Franziu o cenho.

Ou realmente sua mãe tinha que estar presente? Já não estava segura de nada. A noite passada era uma imprecisa mescla de prazer, terror, e confusão. Não estava segura do que era realidade ou pesadelo.

Se simplesmente se ficou na festa com Nancy e Janna, então nada disto teria ocorrido.

—Ouça. Não está cansada do jogo de se fazer de morta ainda? —exigiu brandamente.

—Vá embora.

As mantas foram firmemente retiradas de sua cara e um par de quentes lábios roçaram sua boca. —Esta zangada comigo?

—Merda, claro que estou zangada com você! Quase tomou sem minha permissão!

—Mas desfrutou com isso, — disse tranqüilamente. —E era sua fantasia. Onde está o dano?

—Deveria te esbofetear até que visse as estrelas! —ameaçou.

—Faça-o e me verei obrigado a tomar outra vez. Note que não disse te violar, — indicou.

Bem. Vale. Isto não tinha sido uma violação, e parte dela tinha conseguido esquecer que sua mãe estava presente. De todos os modos, com tudo o que acabava de passar, não estava de humor para ser razoável. —Odeio-te e a tudo o que deixou que me ocorresse ontem à noite! —explodiu.

Ele suspirou. —Sobre isso... Sinto o que ocorreu ontem à noite. Me perdoe por não ter podido te proteger melhor. Tinha minha guarda baixa, mas te prometo que não ocorrerá de novo. Me perdoa?

Assim que ele ia começar a entoar a rotina do minha culpa. Homens. Não se pode viver com eles, mas quem diabo quer tentar viver sem eles? Abriu os olhos e piscou para Mikhel. Imediatamente retirou com força as mantas e colocou seu corpo nu em cima do dela. Como sempre, seu membro estava duro como uma rocha e quase gotejando liquido preseminal.

Apesar de todo o horror da noite passada, seu corpo respondeu imediatamente. Mas pensou que o estar cegos de luxúria, quase os tinha matado a ambos. Ela empurrou os ombros dele. —Não, Mikhel. Desta vez quer dizer não.

—Ah... assim confessa que não quis dizer não ontem à noite! —disse triunfalmente. —É obvio, já sabia. —Ele a olhou fixamente aos olhos. Se não o houvesse realmente desejado, eu não te teria tomado.

Supunha-se que isso a tinha que fazer se sentir melhor? —Vá a merda, Mikhel!

—Ah, céu! Lamento que não queira.

—Deixa já de me chatear! Por favor!

Manteve seu olhar fixo em seus olhos durante um longo momento antes que gemesse e se separasse dela. Ela se sentou e sustentou o lençol contra seus peitos. Sentiu que parte de sua cólera se evaporava e tratou em vão de mantê-la.

Ele se sentou a seu lado. Ela suspirou e acariciou sua bochecha, lhe pedindo sem palavras que a perdoasse.

Beijou sua mão e a olhou com um olhar agradecido em seus escuros e quentes olhos.

Erica passou uma mão por seu sedoso cabelo. —Ela vai voltar, Mikhel?

O prolongado silêncio foi suficiente resposta.

Aí estava, não importava o magnífico amante que fosse, não podia lhe ter. Meneou a cabeça. —Mikhel, é muito especial. Nunca encontrei a ninguém como você e sei que nunca o encontrarei outra vez.

Seus escuros olhos se entrecerraram. —Isso começa a soar como um discurso de “Querido Mikhel”.

Ela pigarreou e assentiu lentamente. —foram dois incríveis e memoráveis dias, Mikhel.

—Mas?

—Mas... Nada... Nunca o esquecerei.

Ele negou com a cabeça. —Erica, sei que ontem à noite foi espantoso para você e o sinto terrivelmente, mas...

—Mikhel, me assustei de morte, não só por minha própria vida, também pela tua. Não me sinto capaz de suportar outra noite como a de ontem. Não quero viver assim.

Ele descansou sua mão sobre sua bochecha. —Não tem que fazê-lo.

—Como que não quando não pode me garantir que ela não retornará?

—Ela retornará—, admitiu. —Mas não tem que se preocupar.

—Por que não?

Seus olhos escuros começaram a resplandecer. —Porque vou matá-la quando o fizer.

—Matá-la? Quer dizer...

—Quero dizer que vou matá-la. Que parte é a que não entendeu, Erica?

—Não! Mikhel, quase te matou ontem à noite. Se sua mãe...

—Nunca teve a intenção de me matar nem me matou. Em primeiro lugar, não sou tão fácil de matar. Não sou um full—blood, mas sou o filho de minha mãe assim como também de meu pai. Concedo que Deoctra é uma adversária formidável, mas também o sou eu.

—Mas não pôde detê-la.

—O teria feito, — disse com frieza. —Não teria permitido que te fizesse mal.

Concedido, ele tinha parecido estar a ponto de vencer Deoctra quando sua mãe chegou, mas teria sido capaz de mantê-la longe dele ou de Erica indefinidamente? Ela é muito forte. E parece do tipo “se eu não posso te ter ninguém te terá”. Mikhel estava realmente disparada enquanto o... violava. Agora que provou o gosto de seu membro, não será capaz de te deixar.

—Mas você sim pode?

Ela assentiu devagar. —Não facilmente, mas parece do tipo que prefere matar antes que perder. Não vai deixar ir simplesmente e prefiro que esteja vivo com ela que morto comigo.

—Sem você a meu lado eu preferiria estar morto também! —espetou. —Não entende? Não te expliquei claramente o que significa para mim?

—Sei que significo muito... e você para mim, mas ela vai te matar se seguirmos juntos. Só sei que o fará.

—Posso cuidar de mim mesmo. Me pegou em um momento fraco quando baixei minha guarda porque estava com você, minha Erica. Mas não passará outra vez. Não há nenhuma necessidade de que se preocupe por mim.

—Como poderia não fazê-lo? Você não pode enfrentá-la sozinho, Mikhel.

—Não me subestime, Erica. Não tem nem idéia do tipo de poder que sou capaz. Ela é mais forte e uma full-blood, mas a força do bloodlust é maior. Não permitirei que te faça nenhum dano. Posso matá-la sozinho se tenho que fazê-lo. De nenhuma maneira permitirei que ela te faça mal enquanto esteja vivo. —Ele enterrou uma mão por seu cabelo. —Além disso, não necessariamente a confrontarei sozinho.

OH, Deus! Esperava que o ajudasse. Ainda não estava segura do que a tinha possuído a noite passada para tratar de lutar contra uma vampira, mas não estava disposta a tentá-lo de novo. Negou com a cabeça. —Mikhel, o adoro mais do que possa imaginar, mas eu... eu não posso te ajudar a matá-la.

—Me ajudar? —inclinou-se para frente e beijou a ponta de seu nariz. —Não queria dizer você, meu amor.

—Então quem? Sua mãe? —Ela olhou ao redor do quarto. —Onde está?

—Está em casa com meu pai.

—Então quem?

—Se for necessário, Serge me respaldará.

—Seu irmão! Mas disse que é um latente sem tendências reais de vampiro!

—Não cometa o engano de menosprezar ao Serge. Latente ou não, também é filho de nossa mãe. É muito hábil em algo que empreenda. Somos uma família muito unida. Ele e Kattia estarão ali comigo, se os necessitar. Se for necessário Deoctra morrerá. Ela é poderosa, mas não poderá contra três de nós. —ficou com o olhar fixo em seus olhos. —Tem que confiar em mim.

—Confio em você!

—Então fica comigo.

Ela negou. —Eu gostaria, Mikhel, mas não posso.

—Não tenho intenções de deixar que vá.

Ela levantou o queixo. —A decisão não é sua, Mikhel. É minha e a tomei. Irei.

Seus olhos se obscureceram. —Só me deixará se lhe permito isso. Facilmente poderia te obrigar a ficar.

—Sei que poderia—. Negou com a cabeça. —Mas também sei que não o faria.

Ele sacudiu sua cabeça, seus escuros olhos brilhando zangados. —Não esteja tão segura disso. Tendo te encontrado, por que a deixaria ir?

—Estou segura. Prometeu-me que não me machucaria. Pois me machuca. Está sugerindo que mentia quando me disse que poderia confiar em você?

—Não. —Fechou os olhos e apoiou sua testa contra a dela. —Não sou como Deoctra. Quero que fique comigo porque é o que você também deseja.

Ela beijou seus lábios e se afastou. —Eu quero estar com você. Mais do que possivelmente poderia supor, mas tenho que ir.

—Erica. Não o faça. Por favor. Não tem idéia do que é para mim.

—Sei o que você é para mim, Mikhel, mas não posso estar com uma vampira assassina girando a meu redor que me quer morta para que assim te possa ter. Não estou preparada para lutar com isso por permanecer com você. Por favor, trata de entender. —Saiu da cama e começou a se vestir.

Observou-a em silêncio, seus escuros olhos brilhando, sua mandíbula apertada. Quando terminou, se deitou sobre seu estômago e enterrou sua cara no travesseiro. —Por favor, Erica. Matarei-a. Prometo-lhe isso.

—Não quero que a mate. Só quero não ter medo. Tenho que ir. —inclinou-se e beijou seu cabelo. —Por favor, não faça isto mais difícil.

—Vá.

Ficou geada. —O que?

Ele repentinamente deu a volta e cravou seus olhos nela, olhos escuros e frios. —Disse que vá! Se quer ir se ponha em marcha! Já.

—Não deixe que nos separemos desta maneira, Mikhel—. Estendeu uma mão para ele.

Ele despiu suas presas e se afastou de um salto. —Não me toque. Simplesmente vá!

Retirou sua mão e levantou seu queixo encolerizado. —Oh, é um verdadeiro príncipe, Mikhel! Um momento finge que não pode viver sem mim, e no seguinte me grunhe como se quisesse me arrancar a garganta.

Ele saltou da cama e enfrentou a ela, seus olhos escuros, enérgicos, e zangados. —me acredite Erica. Não pretenda saber o que sinto neste momento.

—Se está tentando me assustar, não funciona. Sei que não me fará mal. Se...

—Simplesmente vá, merda!

Havia uma inegável ameaça em sua voz e nos acesos olhos que a olhavam furiosamente. Quase teve medo dele, até que recordou sua promessa murmurada de que nunca a machucaria. Inclusive quando a tinha tomado sem sua permissão total, havia sentido uma ternura subjacente na necessidade dele... necessidade de agradá-la e realizar sua fantasia de sedução forçada.

Ela estendeu uma mão para acariciar sua bochecha. Embora tivesse suas presas ao descoberto, não se afastou nem um milímetro. —Por favor, compreenda, Mikhel. Te deixar é a coisa mais dura que tive que fazer em toda minha vida.



—Disse que não me tocasse. —Apartou sua mão com força. —Não quero ouvir suas patéticas e humanas desculpas. Se te tiver que ir. Vá. Agora!

As palavras “enquanto seja capaz de deixar que o faça” penduravam tácitas no ambiente entre eles. Sabia que ele caminhava por uma fina linha entre a necessidade de forçá-la a ficar e o desejo de permitir a liberdade de tomar sua própria decisão. Inclusive enquanto se ia, amou-lhe até mais por sua negativa de impor sua vontade à força sobre ela. De todos os modos, uma irracional e pequena parte dela desejava que se negasse a deixá-la ir.

Era a mesma parte dela que tinha desfrutado sendo tomada sem sua permissão e logo o havia fodido tudo.

## **CAPÍTULO OITO**

—Se ela significa tanto para você por que a deixou partir? Mikhel se separou da janela de seu quarto de hotel para olhar ao homem que descansava indolentemente na cama desfeita onde ele e Erica faziam amor na noite anterior. —Deixei-a ir precisamente pelo muito que significa para mim.

—Razão a mais para forçá-la a ficar se quer saber minha opinião.

Ele franziu o cenho. —Diz isso porque não sabe quão poderoso é o bloodlust, Serge. Como o leva e o controla completamente.

—Estou inclinado a pensar que isto do bloodlust dá mais problemas do que merece. Quando conhecer a uma mulher e a ame a metade do que você quer a sua Erica, a reterei utilizando o que seja necessário.

Franziu o cenho de novo. —Fala como Deoctra. Não pode forçar seu bloodlust a fazer nada. Se tiver que utilizar a força, então certamente ela não é seu bloodlust.

—Realmente? E se só um de vocês está em bloodlust?

Quem lhe vai dizer que você será o companheiro ideal de bloodlust? Se alguma vez me passar, não lhe darei nenhuma possibilidade. A mantereí pela força se for necessário.

Ele sacudiu sua cabeça. —Não o fará.

Serge recolheu um travesseiro, manteve-o muito perto de sua cara e inspirou profundamente. —Posso cheirar sua vagina neste travesseiro. Cheira deliciosa.

—É deliciosa.

Serge inspirou outra vez antes de se deitar, seu rosto girada para o travesseiro. —O que fará se não retornar?

—Não sei, —disse desolado. Nunca pôde imaginar que havendo encontrado a sua companheira poderia perdê-la.

—Pois bem, se não for atrás dela e forçar sua volta, então isso quer dizer que cedo ou tarde vai pertencer a outro homem.

Um baixo e zangado grunhido escapou de sua garganta ao pensar em sua Erica com outro homem. Ele não a poderia machucar, não importa o que fizesse.

Qualquer homem o bastante tolo para tocá-la seria outra história. O homem aprenderia a loucura de se atrever a desejar a sua mulher do modo difícil.

Serge se sentou, seus olhos se entrecerrando. —Se não retornar, então irei atrás dela e a trarei.

—Não!

—Sim. Se você não fizer o necessário, então o farei eu.

Mikhel cruzou rapidamente o quarto e ficou olhando a seu irmão mais novo. — Não quero que lhe façam mal, Serge.

—Quem a vai machucar? Eu não. Fodê-la? Provavelmente, mas lhe trarei de volta ilesa, dadas as circunstâncias.

—O que quer dizer com dadas as circunstâncias?

Ele deu de ombros. —Parece do tipo a quem gosta de ir um pouco pelo lado selvagem. Com certeza realmente a amassou e desfrutou de cada segundo, não foi?

Ele estendeu a mão e agarrou Serge pela garganta. —Não toque nela.

Serge apartou com força a mão e se elevou em toda sua altura.

—Serei eu ou qualquer outro homem. Pelo menos eu não me apaixonarei por ela. A foderei, duro e a trarei de volta com você.

—Mantenha-se longe dela.

Os olhos de Serge se estreitaram. —Isso não é o que te disse quando fodeu a Lisa.

Uma lembrança veio à memória de Mikhel, uma morena diminuta, com uns grandes e enganosamente infantis olhos azuis, peitos enormes, e uma apertada e ávida vagina que o tinha ordenhado e chupado como se seu membro fosse o último que ia foder em sua vida.

E quando sua vagina não pôde tomar seu membro durante mais tempo, lhe tinha feito uma mamada incrível. Infernos tinha permitido até que ele fodesse seu pequeno e apertado traseiro. E quando foi muito para ela, tinha invadido outra vez sua boca. Depois de dormir umas horas, Serge tinha se unido a eles e juntos a haviam fodido em cada posição concebível.

As três noites que tinham passado juntos tinha sido uma experiência decididamente agradável. Ainda mantinha estupendas lembranças disso.

—Isso foi diferente.

—Não é o que dizia quando a estava isso fodendo.

Ele franziu o cenho. —Ela não era sua bloodlust e quis ver como a fodia. Ela queria que nos olhasse enquanto a fodia.

—Sim, fez. E o fez até que a pobre mulher mal pôde caminhar depois desse fim de semana com você. E não me queixei. É hora de jogar limpo, Mik.

—Eu jogo limpo, mas Erica é minha.

—E seguirá sendo. Mas o justo é o justo—. Os olhos escuros de Serge cintilavam. —Não se preocupe, Mikhel. Prometo que não foderei a sua Erica até que ela o deseje.

—Ela não o quererá.

—Já tomou seu sangue?

—Sim.

Mikhel tomou um fôlego profundo, trêmulo. Sabia que Serge tinha razão. Mas como ia poder compartilhar a sua Erica, seu bloodlust com outro homem? Inclusive com o Serge. Especialmente com seu irmão Serge. Apertou os lábios. Tinha que tê-la de volta. Logo se preocuparia de como mantê-la a suficiente distancia do Serge.

—Serge, estou advertindo!

—Considerarei-me advertido. —Serge se moveu rapidamente através do quarto enquanto evitava que seu entusiasmo fosse percebido.

—Enquanto isso, Kattia e eu estaremos ao lado se nos necessitar.

Mikhel assentiu. Supunha que as coisas poderiam ser piores. Podia ter Kattia ameaçando ir atrás dela também.

Serge parou na porta. —Não se preocupe, Mikhel. Embora tenha intenção de tomá-la, assim que haja oportunidade, não me apaixonarei por ela. Embora seja bonita, é muito loira e delicada para mim. Como sabe, eu gosto das mulheres de pele mais escura. E me perder em uns olhos azuis, não importa quão profundos sejam, não é suficiente para mim.

Ele assentiu distraidamente. Conhecia as preferências de seu irmão perfeitamente, foi pelo que a morena diminuta o tinha surpreendido. Descartou o repentino e inesperado pensamento de que gostaria da oportunidade de passar uma noite ou duas com a mulher com a que Serge finalmente se assentasse.

Ele franziu o cenho. Bom, não realmente inesperado. Depois de tudo, ele e Serge tinham estado compartilhando a suas mulheres durante anos. E este era um costume de sua cultura que sempre desfrutava. Simplesmente tinha pensado nisso enquanto tratava de planejar como recuperar a sua mulher.

—Já contou a mãe? —Perguntou.

Serge sacudiu sua cabeça. —Não.

—Por que não?

—Já está bastante preocupada com você e Erica. Por que deveria acrescentar mais pesar, se nem sequer há alguém especial ainda? Bem, não exatamente.

Notou a excitação nos olhos de Serge — Tem a alguém em mente?

O olhar de seu irmão parecia perdido e Mikhel soube que sua cabeça estava em outro lugar. —Sim. A mulher da Filadélfia.

—A mulher de... que mulher da Filadélfia?

—No que a mim concerne só há uma mulher na Filadélfia.

Ele contemplou ao Serge assombrado. Nos últimos quinze anos mais ou menos, Serge tinha geralmente duas ou três mulheres com as que se deitava assiduamente.

E agora dizia que havia só uma mulher na Filadélfia? Esta mulher devia ser especial em efeito. —Quem é ela?

Serge sorriu abertamente. —Não vai gostar da resposta, Mik.

Mikhel franziu o cenho. —Por que não ia gostar da resposta? Quem é ela, Serge? Por favor, não me diga que é nosso cliente.

Serge arqueou uma sobrancelha, um leve sorriso em seu rosto. —Bem, não te direi quem é ela, mas isso não trocará o fato de que é exatamente ela.

—Não, merda! Fomos contratados para prover segurança para ela, não para que tenha um romance com ela.

—Tenho a intenção de fazer ambas as coisas.

—Por que ela?

—Não sei nada sobre o bloodlust, Mik, mas a primeira vez que a vi, soube que era alguém especial com quem desejo passar um montão de tempo. Não é realmente como se a tivesse escolhido. Sinto-me como se não tivesse opção no tema.

—E como se sente ela?

—Não sei. Não me aproximei dela ainda.

Isto o surpreendeu. Nunca tinha visto que Serge não fosse atrás de uma mulher desde o primeiro momento em que decidiu que a desejava. —O que acontece? Tem um noivo vampiro que o afugenta?

Os olhos de Serge cintilaram. —Não há um vampiro nascido ou feito ao que tema. O pior que podem fazer é te matar e a morte realmente não me assusta.

Mik assentiu. Precisamente a carência de medo em Serge o fazia um oponente formidável. —Então qual é o problema?

Serge deu de ombros. —A diferença de sua deliciosa e desinibida Erica, não é provável que sucumba com facilidade... a menos que use a compulsão.

Mik dirigiu um dedo para Serge. —Não insinue que Erica é fácil.

Serge sorriu. —Oh, mas isso é com o que conto. E te deixou fodê-la horas depois de se conhecerem. Em meu livro, isto é ser fácil. Infernos, nem sequer pretendeu se fazer de difícil.

—Não dou uma merda por seu livro, Serge. Cuida de como fala a respeito dela!

—Isto vindo do homem que a chamou puta e a fodeu diante de sua mãe, apesar de seus protestos?

—Não fiz mal a ela. Assim se preocupe de sua mulher quando te conseguir uma.

Serge sorriu de repente. —Não fui claro? Assim que encontre um modo de me apresentar, a cliente da Filadélfia será minha mulher.

Mik arqueou uma sobrancelha — É a última pessoa que pensei que teria problemas de consciência com a compulsão.

—Normalmente não os teria e não tenho problemas com isso, mas esta mulher é diferente.

—Diferente como?

—Não é só outra cara bonita e um corpo delicioso. Ela dá o melhor de si mesma. E não quero dizer só por seu magnífico trabalho legal. Passa a maior parte de seu tempo livre fazendo voluntariado em cozinhas e refúgios para as pessoas sem teto. Quando não é assim, vai a escolas alternativas, dando discursos motivacionais. É... diferente de qualquer mulher que me encontrei alguma vez—. Deu de ombros. —Desejo que me queira.

—Ah! Começa a entender o atrativo de que uma mulher te queira.

—Suponho.

—Bem. Enquanto tanto, deixa-a sozinha. Os negócios são os negócios. Encontra diversão em outra parte.

Serge sacudiu sua cabeça. —Se você não quer mesclar negócios com prazer, então não o faça. Mas não tente me dar ordens, Mik. A estas alturas deveria saber que isso não funciona comigo. Não há nada que me faça me manter longe dela. Não posso.

—Assim tem a intenção de se divertir com um cliente e logo dar meia volta tranqüilamente?

—Por que não?

—É pouco profissional. Além disso, Mãe não estará muito contente.

Serge sorriu. —Estou seguro que me entenderá. Se uma simples humana é bastante boa para você, outra será suficiente para mim. Além disso, Mãe sabe que tenho debilidade pelas mulheres humanas. E sempre fica a Kattia.

—Ela provavelmente não cairá em seus planos tampouco, —indicou ele. Sua irmã mais jovem nunca tinha feito o que os machos Dumont queriam ou tinham esperado dela. Como Serge, fazia exatamente o que desejava, quando queria, sem fazer caso das conseqüências.

Serge se desentendeu. —Não é meu problema. Se quiser que alguém siga os projetos de Mãe, faça-o você mesmo.

Entrecerrou os olhos e pensou em cintilar através do quarto para surrar ao Serge. Às vezes a Serge parecia custar recordar quem era o mais velho dos dois e que sua posição e status de sangue requeria respeito. Seu amigo, Aleksei, um vampiro full—blood séculos de velho sempre o repreendia para que colocasse Serge e Kattia em seus devidos lugares. Só para demonstrar a eles quão eficaz tal disciplina podia ser, Aleksei tinha dado um par de bofetões em Mikhel. Surpreendentemente, sua mãe não tinha interferido. Possivelmente Aleksei tinha razão.

Interpretando corretamente seus pensamentos, Serge sorriu.

—Me agarre se puder—, incitou-lhe enquanto saía do quarto, fechando a porta silenciosamente atrás dele.

Esta se abriu outra vez quase imediatamente e Serge permanecia ali, lhe olhando, um olhar conhecedor em seus olhos. —Mik? Está seguro que não quer que vá atrás dela?

Ele assentiu. —Sim.

—Não farei mal a ela, Mik.

—Sei, Serge.

—Merda, Mik, se realmente não quiser que o faça, não a foderei. Deixe ir atrás dela e lhe devolver isso Serei muito gentil e a tratarei com muito respeito.

—Sei, mas... não posso obrigá-la a voltar. Tem que voltar por ela mesma, porque deseje estar comigo.

—Bom. Vai estar bem?

Assentiu, forçando um sorriso em seus lábios. —Sim—. Mas como poderia ele estar bem sem seu bloodlust? Pela primeira vez, começou a entender algo do que Deoctra devia sentir. Tinha seu rechaço a deixado assim de machucada? Ninguém deveria sentir este triste e completo desespero, só porque haviam amado ou caído em bloodlust imprudentemente.

—Bem. —Serge suspirou. —Se me necessitar... para algo em qualquer...

Ele alargou seu sorriso. —Sei, Serge.

—O.K.

Depois que Serge se foi, Mikhel se voltou para a janela. Onde estava sua Erica? Fechou os olhos, esforçando-se em senti-la através da conexão tênue que começou a se formar entre eles.

Erica. Erica, meu amor. Retorna comigo.

Meia hora mais tarde, enquanto seguia de pé junto à janela, olhando fixamente à cidade, bateram na porta de seu quarto. Deu a volta. —Passe.

A porta se abriu e um homem alto de olhos e cabelo escuros entrou.

Mikhel olhou ao homem cruzar o quarto. Além de ser um empregado de confiança, Cal Harris era um íntimo amigo. —Cal. O que faz aqui?

O olhar de Cal seguiu sua cara. —Serge me chamou. Me disse que poderia precisar falar.

Estreitaram-se a mão. —Vai tudo bem, Mikhel?

—Sim, —assentiu, mas em seguida disse, —Não... não tudo vai bem.

—Quer falar disso?

—Não. —Deu as costas a Cal e olhou pela janela outra vez. De que ia servir? A conversa não o ajudaria. Nada salvo ter a Erica de volta ajudaria. —Realmente aprecio seu interesse, Cal, mas falar disso não servirá.

—Como pode sabê-lo se não o tenta? Sabe que sou um bom ouvinte, Mik.

Jogou uma olhada a Cal. — Como falar poderia ajudar, Cal? Encontrei a minha companheira e me abandonou! Como falar vai trocar isto?

Cal suspirou. —É Deoctra, né?

—Sim! A muito estúpida e presunçosa não pode meter em seu duro crânio que não a quero!

—Adivinho que deixar que te fizesse umas mamadas foi um engano. Acreditou ouvir uma nota de censura da voz de Cal que lhe zangou. — Como caralho se supõe que iria saber que iria atrás de mim? Por então, estive bem e pensar que uma fêmea full—blood com toda sua experiência me buscava, me excitou. Não sabia que

se voltaria tão possessiva e louca se eu encontrava a alguém mais. Merda, Cal, não tinha nem sequer intenção de encontrar a alguém mais. Quando Kattia me disse que era importante para eu ir a aquela estúpida festa de Halloween, havia meio esperado encontrar a Deoctra ali. Quando não a vi, estava a ponto de ir. Então vi a Erica e soube desde esse momento que ela era minha bloodlust. E que tinha que tê-la.

—O que vai fazer com a Deoctra?

—Vou ter que matá-la.

Cal suspirou. —Está seguro? Como posso te ajudar?

Negou. —Agradeço a oferta, Cal, mas isto é algo que tenho que fazer sozinho.

—Sozinho? Vai atrás dela sozinho?

—Se tiver que fazê-lo... a não ser... Serge ajudará, mas não quero que se implique no assunto de ter que matá-la... não o implicarei em algo que a polícia considerará um assassinato.

—Isso não me preocupa, Mikhel.

—Preocupa a mim, Cal. Quero que se mantenha fora disto e se concentre no funcionamento do negócio enquanto arrumo isto.

Cal hesitou e finalmente suspirou e assentiu. —Bem, mas sabe onde estou se me necessita.

Ele sorriu e pôs uma mão sobre o ombro de Cal. — Onde sempre está, a meu lado. E sempre estarei ao teu, Cal.

Cal assentiu. —Sei.

Viu como seu amigo se ia antes de se voltar para a janela. Fechou os olhos e estendeu a mão. Erica... minha Erica... retorna para mim.

## ***CAPÍTULO NOVE***

Erica lutou contra as lágrimas enquanto descia no elevador. Cada vez que a porta do elevador se abria, sentia uma necessidade quase entristecedora de voltar correndo para Mikhel. Ir-se era a única coisa sensata que poderia fazer. Não ia ficar com ele e passar o resto do que ia ser uma muito curta vida, procurando evitar ser assassinada pela Deoctra. E só o Senhor sabia quantas outras full—blood o poderiam cobiçar.

Lançando sua bolsa no porta-malas de seu carro, saiu do estacionamento do hotel, de volta a casa e à prudência. Esquecer-se de Mikhel seria impossível, mas o tempo cicatrizaria a ferida auto-imposta em seu coração dolorido. De qualquer maneira, grande tola era para se fixar por um homem depois de simplesmente passar duas noites com ele.

Embora fosse um amante fantástico que a olhava como se fosse a única mulher no mundo. Ela tinha encontrado e poderia voltar a encontrar outro pedaço de homem de aparência agradável com um bom e duro membro que se sentisse igual de delicioso em seu interior. Com o tempo, inclusive poderia encontrar a um homem do estilo ao que encontrou fora do asseio do restaurante. Confiando, que o homem em questão fosse um pouco mais velho.

Poderia encontrar um homem com um membro grande, concedeu-se.

Mas não importava quão grande fosse, não seria Mikhel. E esse era o problema, mas teria que aprender a se conformar com o que conseguisse.

Um delicioso tremor a percorreu de cima abaixo por sua coluna vertebral ao recordar o prazer compartilhado. Não era justo que fosse tão bonito e tivesse um pênis realmente grande. Reconhecia que isso havia sido a base da atração inicial. Mas não foi o tamanho de seu pênis o que fez que seu coração se sentisse como se estivesse se rompendo. Foi a sensação de admiração e posse que sentiu quando estava com ele. O conhecimento de que ele a queria tanto que seu desejo o mantinha em estado de perpétua ereção, a certeza de que a considerava sua alma gêmea. Não. Sua companheira perfeita. Seu bloodlust.

Ela sacudiu sua cabeça. O que de bom tinha em ser seu bloodlust quando ambos estivessem mortos? Para afastar sua mente dos problemas, marcou um número no telefone do carro enquanto conduzia.

—Olá, Como está? —Uma cálida voz exigiu.

Ela riu pelo tom familiar. —Não muito mal para uma garota de quarenta anos.

—Rica! Estava pensando em você, — disse sua irmã mais nova. — Chamei a seu hotel, mas como bem sabe, não estava ali.

—Não... estava... fora.

—Toda a noite.

—Ah... bom, sim. Era meu aniversário.

—Hmm. E o que tinha posto para seu aniversário? Seu traje de aniversário?

Fez uma careta. A percepção de Meg sempre a assombrava.

—Parte do tempo—, confessou.

—Passou bem?

—Sim.

—Uma transa, né?

—Bastante longa.

—Ainda esta com ele?

—Não... eu... me fui.

Meg ficou em silêncio durante um momento antes de continuar.

—Por quê? Posso notar por sua voz que você gostava muito.

—Há razões—. Perguntou-se o que Meg diria se lhe contasse que tinha passado duas noites com um vampiro e sua amante desprezada quase a mata.

—Casado?



Pelo modo em que Deoctra se comportou, era como se estivesse casado. — Não.

—Homossexual e experimentando?

Ela riu. —Definitivamente não é homossexual.

—Então por que o abandona?

—Meg, realmente não posso entrar nos motivos por que o deixei, mas tenho que abandoná-lo.

—Ok... que posso fazer para te ajudar?

—Nada. Só queria falar dele com alguém que não fizesse muitas perguntas.

—Rica, em vez de falar dele, por que não fala com ele? Talvez pudesse arrumar os problemas.

Como poderia arrumar o fato de que uma vampira o desejava? Nem com toda a conversação do mundo faria a Deoctra desaparecer. Não, era impossível querer uma relação com ele. E ainda, apesar de todos os motivos pelos que não deveria, o queria.

E por que não? Maldita seja. Era seu bloodlust. E era dele. O que tinha de bom viver um montão de anos se não estava com Mikhel?

O que tinha de bom em nada se não estava com ele? Não havia forma de que o pudesse esquecer. Honestamente, não o queria esquecer. De acordo. Estava o assunto de que Deoctra podia matá-la antes que Mikhel a pudesse deter. Mas esse era um risco que ia ter que correr, porque maldita se ia deixar que essa puta, full—blood se interpusesse entre ela e Mikhel.

Apesar do que sentia a outra mulher, Mikhel tinha escolhido a ela. Ela era sua mulher... Sua bloodlust. E uma merda se ia deixar que alguém se interpusesse entre eles!

—Talvez possamos—, disse. —Meg... obrigado céu.

—Por quê?

—Por me ajudar a arrumar isto.

—Tenho-o feito? Como?

—Aplicando o sentido comum como sempre faz. Tenho que ir.

—Onde?

—De retorno a Salem para falar com ele.

—Qual é seu nome?

—Mikhel. Mikhel Dumont.

—Mikhel Dumont. Um agradável nome. Um agradável amante?

—Ah, céu! Acredite-me quando te digo, que não tem nem idéia de quanto melhor que agradável é na cama.

—Oooh, Rica, vá por ele moça!

Ela riu. —Decidi ir direto... a sua cama.

—Estará em contato?

—Sim. Obrigado, carinho.

Cortou a comunicação e girou seu carro. A volta de vinte minutos de carro de volta ao hotel de Mikhel pareceu durar uma eternidade. Enquanto conduzia, lambeu os lábios, saboreando as lembranças de suas noites juntos. Pela oportunidade de estar juntos outra vez, arriscaria tudo, inclusive a perda de seu trabalho se estivesse grávida.

Mordeu um lábio. O que faria se já tivesse ido? E o que se não a quisesse ver mais? Que ia passar se entrava e encontrava fodendo a Deoctra? A devastação que lhe produziu este pensamento indicava era o melhor indicador de que precisava voltar. Se o encontrasse com Deoctra, então a zorra teria que morrer depois de tudo! Não pensava compartilhar ele com semelhante raça—pura—cruel.

Seus olhos se encheram com lágrimas de alívio quando divisou o carro de Mikhel no estacionamento do hotel. Estava ainda ali. Logo que fechou seu carro, entrou correndo ao hotel e se lançou sobre o primeiro elevador que subia.

Atravessou o vestíbulo e parou diante do elevador.

Imediatamente, sentiu a sensação de ameaça. Jogou uma olhada ao redor. Não viu ninguém no corredor, mas sabia que alguém ou algo estava ali. Ela estava ali. Em algum lugar. Esperando para atacá-la.

Mordiscou o lábio nervosa, não estando segura do que fazer. Deveria subir sozinha no elevador e se arriscar a ser apanhada ali com uma vampira feita uma fúria e vingativa? Ou deveria voltar para o vestíbulo e chamar o quarto de Mikhel?

Antes que pudesse se decidir, as portas do elevador se abriram em frente a ela. Fez uma pausa, jogou uma olhada ao redor, e logo se lançou ao elevador. Apertou repetidamente o botão de fechar. Um suspiro de alívio lhe escapou quando as portas começaram a se fechar.

Quase lhe dá um enfarte quando o homem alto, de olhos cor cinza que tinha encontrado fora dos serviços de restaurante no dia anterior, se deslizou entre as portas que se fechavam.

Deu a volta para olhá-la. Depois de uma breve olhada, Erica resolutamente olhou fixamente à frente. Podia sentir seus olhos nela e finalmente, girou para encará-lo.

Seus olhares se encontraram e detectou a clara luxúria em seus olhos cinza. Seus lábios se separaram ligeiramente e ela conteve o fôlego, mas não viu nenhum sinal de incisivos afiados. —O que você quer? —perguntou finalmente. Soou belicosa e fez uma pausa e respirou fundo. Tinha que tomar cuidado. O último que queria é que a deixasse sozinha no elevador... onde Deoctra poderia atacá-la e certamente matá-la.

Embora o formoso desconhecido a inquietasse, de alguma maneira se sentia segura com ele. Sem saber por que, estava segura de que não permitiria que Deoctra fizesse mal a ela.

Ele sorriu ligeiramente. —Quero o que a maioria dos homens desejam... uma mulher formosa e complacente em minha cama para foder toda a noite... uma e outra vez. Está interessada?

—Não! É obvio que não!

Arqueou uma sobrancelha e sorriu a ela. —Por que não? Alguém mais tem direito a reclamá-la?

—Sim, e não gostará de nada se averiguar que está me incomodando. Ele sorriu. —Ah, acredito que posso suportá-lo, se for necessário.

—Não! Não poderia. Evite problemas e me deixe em paz enquanto ainda pode.

Ele riu. —Não tenho medo de seu noivo, mas suponho que se ele tem seu coração, terei que aceitá-lo.

Deu a volta para frente e ela contemplou seu perfil. Isso é tudo? Ele tomava tão facilmente?

As portas se abriram. Um casal entrou. O desconhecido de olhos cinza a olhou de repente e lançou um pícaro sorriso, lhe piscando os olhos, e saiu do elevador um momento antes que as portas se fechassem.

O casal que acabava de entrar a contemplou com surpresa...

Como se pudesse explicar como o indivíduo de cabelo moreno podia ter esquivado ser golpeado pelas portas.

Mas o descartou de seus pensamentos. Tinha outras coisas mais importantes em que pensar. Basicamente como Mikhel estaria afetado pelo seu regresso.

Diante da porta do quarto, colocou o pôster de “Não incomodar” e procurou em sua bolsa de mão até que encontrou o cartão-chave que ele lhe tinha dado. Passou-o através do ferrolho, empurrou a porta aberta, e entrou precipitadamente no quarto. —Mikhel!

Ainda nu Mikhel se separou da janela, seus incisivos ao descoberto. Ligeiramente em guarda ela fechou a porta e recostou suas costas nela, tragou várias vezes para tentar umedecer sua garganta seca. Esperando lhe ver sorrir e atravessar rapidamente o quarto para agarrá-la nos braços. Mas ficou onde estava, seus lábios apertados em uma careta especialmente sombria.

—Voltei, — disse depois de um tenso silêncio.

—Por quê? —Jogou um olhar ao redor do quarto. —Esqueceu algo?

Estupendo. Ele ia fazê-la implorar. De acordo. Poderia rogar.

Ela tirou os sapatos e começou a atravessar o quarto, se despindo à medida que avançava. Se deteve na metade do quarto, vestida somente com sua roupa de baixo de seda. —Sim. A você.

Embora seus olhos começaram a brilhar e seu membro se moveu, ele ficou onde estava. —E o que passa se eu não quero?

Piscou. Bastardo! Definitivamente ia fazê-la implorar. — Acaba com essa merda, — disse com tranqüilidade. —Sei perfeitamente que me quer, Mikhel.

Cabeceou, seus escuros olhos frios. —Não cometa o engano de superestimar seus encantos ou meu interesse.

O rubor cobriu suas bochechas. —Não superestimo nada, Mikhel. Disse-me que eu era especial.

Seus olhos titilaram com uma emoção muito breve para que a pudesse interpretar. —É bastante velha para não acreditar em tudo o que te diga um homem quando pretende te levar a cama, Erica.

Ela conteve o fôlego. Merda! Queria sua libra de carne. A conseguiria, mas lhe faria suar. Não ia ser a única dobrando seu orgulho. Ela sacudiu sua cabeça. —Este repugnante comentário poderia picar, Mikhel, se não te tivesse visto ontem à noite lutar com tanta força para me proteger.

—Se esqueça de ontem à noite. Isto é o aqui e agora. Se foi quando te pedi que ficasse. Isso troca tudo... puta.

Ela escolheu. —Quer sua maldita libra de carne? —Moveu a cabeça furiosamente. —Estupendo. O que é exige de mim, Mikhel?

—Está segura que quer saber?

Assentiu pensativa. —me deixe adivinhar. Quer que te implore?

Deu de ombros. —Você me fez implorar quando lhe pedi que ficasse e se foi de todas formas. Por que não o tenta e vê como se sente?

Ela sacudiu sua cabeça. —Assim é qui pró quo<sup>9</sup>? Que amadurecido é!

—Não me fale de maturidade! —espetou. —Você não teve nenhum problema para me fazer rogar por algo que sabia que não ia dar. Que amadurecido é isso, pedaço de...?

Levantou-lhe um dedo. —Ouça, você! Se me voltar a chamar puta outra vez quando não estivermos fazendo amor te esbofetearei com tanta força que estará vendo estrelas durante uma semana! Não sou nenhuma puta... a menos que o queira ser durante o sexo. Está claro?

—Não trata de me dar ordens, Erica. Isso não funciona.

—E uma merda que não! Não o fiz implorar de maneira intencionada.

—E uma merda que não o fez e bem o sabe!

Desfrutou ao me ter de joelhos! Pois bem agora exijo o mesmo prazer, Erica.

—Realmente quer que te implore?

—Sim, Erica. Realmente quero que me implore.

—Bem, pois não o farei!

—E uma merda que não o fará!

Negou com a cabeça furiosamente. —Não necessito esta humilhação.

—Ninguém a retém aqui, Erica.

Ela o olhou, tragando devagar. Ia a sério? Realmente permitiria que partisse outra vez? Não podia ler nada em seu olhar escuro e não tinha nenhum modo de calibrar se era um teste ou não.

Merda! Moveu a cabeça. De repente, se deu o mesmo. Não havia voltado para intercambiar recriminações com ele. Ele queria demonstrar que podia dominá-la?

---

<sup>9</sup> [Vocês](#) olhem onde posso tirar reluzir que sou professora do [Latin](#), ela diz: algo por algo. (Nota de corretora)

De acordo. Não se importaria de ser dominada por um homem que sabia satisfazer totalmente todas suas necessidades sexuais.

Se desejava que implorasse, que assim fosse. —O que quer que faça?

—Implore, —disse friamente. —Se o fizer talvez pensarei em te aceitar.

Apesar de sua resolução, seu temperamento se acendeu.

—O que? —Levantou seu queixo. —Quer que implore? Em seus sonhos, camarada! —Ela desabotoou o sutiã e o atirou furiosamente para sua cabeça. No último momento quando pensou que lhe golpearia na cara, inclinou a cabeça ligeiramente e passou voando pela frente dele.

Furiosa, tirou as calcinhas vermelhas. —Não mendigo o que é meu.

—Apontou para um lugar diante dela. —Se souber o que é bom para você, então melhor trazer seu traseiro aqui.

—Que se foda, —respondeu friamente e permaneceu onde estava, olhando-a com uma sobrancelha arqueada desafiando-a a ela e a sua ordem.

Ela esfregou sua vagina, devagar fazendo girar seus quadris. —Sei o que você gosta, — se burlou. —Assim traz seu estupendo e apertado traseiro aqui e te darei uma ou duas rápidas fodidas.

—Se decido que gosto, a foderei tantas vezes como goste com ou sem sua permissão. —Olhou-a fixamente aos olhos e acrescentou, suave e deliberadamente. —Putá.

Seu coração disparou. Oh, Senhor, estava a um passo de conseguir outra deliciosa sessão de sexo com um vampiro. —Continua sonhando, — disse com tranquilidade, desfrutando do jogo que tinham começado. — E enquanto o faz, venha aqui.

Como não respondeu, jogou suas calcinhas nele, esperando que também as esquivasse. Em troca, agarrou-as na mão e sepultou seu rosto nelas, aspirando profundamente. Então rodeou com elas seu duro membro. Agarrando e posando seu olhar nela outra vez, começou a se masturbar, movendo suas calcinhas acima e abaixo de seu eixo.

Ela arrancou seu olhar dele. Lambendo seus lábios, se concentrou em olhar seu membro, sua vagina palpitando. Ele reajustou o diminuto pedaço de tecido de modo que a cabeça de seu pênis estivesse recoberta por suas calcinhas de seda. Fez girar seus poderosos quadris e bombeou sua mão devagar de acima a baixo.

Ooh, Deus, que calor! Erica ofegou e começou a esfregar sua ardente vagina e seus clitoris com vários dedos. Havia algo no olhar de um homem se dando prazer que sempre a conseguia pôr quente. Não estava segura de por que. Só sabia que a vista enviou uma inundação de luxúria diretamente a sua vagina.

Com sua mão livre, ele agarrou seus sacos e começou a acariciá-los.

Ah, Senhor! Erica perdeu o fôlego e colocou primeiro um dedo e logo um segundo em seu canal. Seus olhares se encontraram e quase como se suas almas estivessem conectadas, fizeram uma pausa e logo começaram a se masturbar no

mesmo ritmo. Quando ele bombeava seu membro, ela empurrava seus dedos em sua acalorada vagina e acariciava seus clitóris.

Mantendo seus olhares enlaçados, seguiram bombeando e empurrando até que Erica sentiu que os músculos de seu ventre se contraíam e sua vagina começou a queimar. Então os lábios dele se separaram, se estremeceu e começou a gozar em suas calcinhas.

Vendo explosão atrás explosão de seu espesso e pegajoso sêmen encharcando a entreperna de suas calcinhas, gemeu e quase experimentou a sensação em si mesma. Mas necessitava mais... tinha que sentir seu ainda duro membro brocando sua vagina faminta em vez de suas calcinhas. —Necessito-te. Traz seu traseiro aqui e me dê seu membro, Mikhel!

Quando ele não mostrou nenhuma inclinação de cooperar, decidiu tentar ser agressiva. —Traz esse grande membro teu aqui e me foda. Agora, — exigiu. —Não me faça ir e te obrigar. Venha aqui ou juro que o algemarei à cama e o montarei até que seu membro se murche, — ameaçou.

As palavras mal tinham saído de sua boca quando ele atravessou o quarto e se ergueu diante dela. —por que voltou?

Sua abrupta pergunta a surpreendeu. Depois de sua masturbação conjunta, tinha pensado que tinham chegado a um entendimento. Mas pelo visto, ainda queria sangue. Formoso, obstinado e irresistível bastardo. —Eu... ah, que demônios. —retornei porque não podia estar longe de você. —mordeu o lábio — Já... já não me quer?

—Nada mudou. Sou o que sou, Erica. Sou o que sou.

Ela assentiu. —Sei. —Ela acariciou sua bochecha. —E adoro quem é e o que é.

—Está segura que sabe o que esta fazendo, Erica, ao voltar aqui?

—Basta já de perguntas, Mikhel! Tenho quarenta anos, não quatorze. Sei exatamente o que faço.

—Está segura? Necessita mais tempo para estudá-lo atentamente? Não a apressarei.

Ela sacudiu sua cabeça. Normalmente não era uma pessoa de tomar decisões repentinas. Depois de tudo, tinha lhe levado duas semanas decidir aceitar a proposta de James. E tinha ocorrido depois de ter estado dois anos saindo. —Tomei minha decisão.

—Precisa estar segura porque se ficar agora, não posso te garantir que seja o suficientemente forte para deixar que vá outra vez se mudar de idéia.

Havia um ar definido de ameaça na advertência. Olhou em seus olhos e soube que era uma advertência. Se tivesse a metade do sentido comum que sempre aconselhava a suas alunas que tivessem, daria a volta e sairia voando dali. Mas não podia abandoná-lo outra vez. —Mikhel, não posso te assegurar o que farei no futuro, mas estou aqui agora. Não é suficiente com isso?

—Por agora. Mas igual a você, não posso te prometer que permitirei que vá outra vez se mudasse de opinião. Não é certo. Posso te garantir que não permitirei

que parta outra vez. Esta é sua última possibilidade de ir. Se ficar agora será minha para toda a eternidade.

Outra vez a clara advertência em seu tom. Ela pensou em Deoctra.

—Agora é tudo o que temos, Mikhel.

Ele a surpreendeu apoiando as empapadas calcinhas contra seus lábios. —Não, Minha Erica. Podemos ter quase todo o tempo que queiramos juntos. Há coisas a respeito de nós que possivelmente não possa nem imaginar.

Ali estava parte de seu medo. Quanto do que tinha ouvido sobre os vampiros era correto? De acordo, ele não era do tudo um vampiro, mas era mais vampiro que humano. Ela inalou e saboreou o sêmen em suas calcinhas. Agradável. Muito agradável. —Não posso pensar mais à frente do agora. Neste momento, quando te necessito tanto que quase posso cheirar minha necessidade de você.

Ela atirou as calcinhas e pressionou seus lábios contra o pêlo fino e escuro em seu peito. —Eu sou sua Erica, Mikhel. Sua bloodlust—. Levantou sua cabeça e o contemplou. —E você é meu. Podemos nos arrumar com isto no momento?

Seu peito se expandiu quando tomou ar profundamente. Tomou suas mãos e as sustentou contra seu peito. —Sim. Está de volta e é bastante no momento. Mas há muito que terá que aprender sobre nós... a respeito de mim.

Ela podia sentir seu pênis contra ela e sua excitação aumentou. — Mais tarde, — esteve de acordo.— Mas agora que estou aqui, o que planeja fazer comigo, meu formoso vampiro?

—Decidi fazer de tudo. Esperei minha vida inteira para te encontrar.

Sorriu quando ele a agarrou nos braços e a levou para a cama. —Sua vida inteira? Não seja tão dramático, Mikhel, tem como muito trinta anos.

Ele se sentou na beira da cama, olhando-a fixamente.

—A respeito disto.

—A respeito do que?

—Há algo que tenho que te dizer com relação a isso.

—Me dizer o que?

Ele suspirou. —Realmente... não tenho trinta anos de idade.

—Oh, valha-me Deus—. Ela se endireitou. —Sabia! Por favor, não me diga que estas nos vinte.

—E se os tivesse? O que? Me abandonaria agora?

—Não, — sussurrou. Não poderia—. Suspirou. —Mas por que tem que ser tão jovem? Minha irmã mais nova tem mais de vinte.

Só ela tinha a sorte de encontrar um homem que era tudo o que tinha desejado sempre e resulta que era quase o bastante jovem para ser seu filho. Bem, para nada ia deixá-lo. Desde quanto vou roubando berços por aí?

Ele se inclinou para frente e beijou suas bochechas. —Realmente, sou bastante mais velho, mais do que pareço.

—De verdade? Quanto?

Ele se endireitou. —Tenho sessenta anos.

—Sessenta? Disse sessenta!

—Sim.

—Oh, Mikhel, não tire o sarro! Não há forma de que tenha sessenta!

—Mas os tenho. Como meio vampiro, envelheço muito mais lentamente que um homem normal.

—Ainda assim você... Oh, maldição! —Ela passou seus braços ao redor de seu pescoço. —Não me importa o velho ou jovem que seja. É meu. — Ela baixou a mão e acariciou seu pênis e seus sacos. Sentiam-se quentes e duros. —E quero o que é meu.

Recostou-se na cama e abriu suas coxas. —Me dê algo desse teu delicioso pênis. Agora, antes que tenha que me pôr rude e tomá-lo.

Cavando seus peitos em suas grandes mãos, inclinou-se para frente e percorreu seus lábios e pescoço com beijos. — Minha bela e adorável Erica. Preciso sua pequena vagina e seu sangue. Sinto uma fome dentro de mim. Dentro de minha alma, de meu coração... de meu membro, que só você pode satisfazer completa e verdadeiramente.

Ela estremeceu e enterrou sua cara em seu pescoço. — Pára de falar — lhe disse. —E ponha este grande e precioso membro teu onde pertence, em minha ansiosa vagina—. Senhor! Sempre tinha desejado chamar um membro cipote<sup>10</sup>.

Ele se tornou para trás e sorriu. —Oooh! A conversação subiu de tom. Eu adoro. Adoro quando minha puta me diz coisas sujas.

—Me foda e te direi todas as coisas sujas que queira, — prometeu.

Ele estendeu seu grande corpo sobre o dela e lentamente começou a beijá-la e a acariciá-la. Deixou que só a ponta de suas curtas unhas roçassem suas coxas. Levantando-se ligeiramente, se estirou para golpear brandamente sua vagina e seus clitoris.

Gemendo, ela se apertou mais.

Ele riu e estirou seu corpo grande em cima do dela. Sentir seu peso sobre ela era totalmente embriagador. —Mikhel, por favor. Estou ardendo e minha vagina está encharcada. Salte os preliminares e me dê um pouco de marcha.

—Impaciente pequena descarada? —Beliscou ligeiramente um de seus peitos com os dentes.

—Por favor, — rogou.

—Partindo um cipote, Erica minha — Ele a girou a fim de que ambos estivessem de lado, com seu corpo pego contra suas costas.

Embora lamentasse a perda de seu corpo sobre ela, sentiu-se amplamente recompensada quando sentiu seu duro pênis contra suas nádegas e empurrou para ele. Levantando uma de suas pernas, ele empurrou para frente, enviando sua inteira longitude dentro de seu tremulo canal em um golpe enérgico.

---

<sup>10</sup> Cipote, em castelhano procede de cipo (pilastra, marco, parte de coluna, poste em um caminho) e cipo procede do latim cippus (com mesmo significado que em castelhano) na Espanha é sinônimo de pênis. (N. C.)



Ela gemeu, estremeceu, e fechou seus olhos como uma sensação de deleite que subia desde sua cheia vagina para seu corpo inteiro. Ele escorregou uma mão ao redor de seu ventre para acariciar seus clitóris, enquanto com a outra, acariciava e dava massagem a seus peitos. —É minha para sempre.

—OH! Sim Mikhel.

Começou a fodê-la sem compaixão, implacavelmente golpeando com seu membro as paredes de sua vagina. Ele parecia maior e mais grosso que o normal enchendo cada centímetro de espaço dentro de sua excitada vagina. As sensações que sentia em seu sexo eram absolutamente incríveis. Oh valha-me Deus. Como podia se sentir algo tão maravilhoso? Tão devastador? Tão divino? Como poderia suportar tanto prazer sem ficar louca?

Só havia uma coisa que o poderia melhorar.

—Ah, Mikhel. Isso. Isso. Me foda! Me foda com força! Oh... Oh... Oh, sim, amor! Toma minha vagina... a tem... a tem... É tua... Toma-a. Toma tudo de mim. E enquanto o faz, bebe meu sangue. Me encha de sua semente enquanto eu te encho de meu sangue.

Ela se agarrou com um braço a sua cintura e inclinou seu pescoço.

Grunhindo brandamente contra sua garganta, fincou delicadamente os dentes em sua carne. Quando sentiu o sangue fluindo de seu corpo a sua boca, sua vagina... seu corpo... o universo explodiu a seu redor.

Gemendo e se esforçando, ele repentinamente rodou para estendê-la sobre seu estômago. Descansando sobre seus cotovelos e com seus incisivos ainda enterrados em sua carne, se estremeceu e gozou, lhe bombeando tal quantidade de semente que se derramou por sua vulva e baixou escorregando por sua perna.

Ainda depois de gozar, a segurou ainda sob ele. Rodando seus quadris, golpeando sua ainda dura e grossa longitude profundamente nela, como um pistão. Ela afundou seus dentes no lençol da cama, suas mãos obstinadas a seus lados. Seus impulsos profundos, duros doíam como o demônio, fazendo sua vagina arder. Mas Senhor, era uma dor tão doce, doce. Ela gemeu e gozou outra vez. Finalmente, retirou seus dentes dela. Bastante depois de que seu corpo acabasse de se estremecer, tirou pouco a pouco seu membro de seu irritado canal, e jazeu atrás dela. Lambeu as últimas gotas de sangue de seu pescoço e acariciou seu corpo, cochichando. Era bela. Era sexy. Nunca teria suficiente. O fazia feliz. Não poderia viver sem ela. Sempre dela.

Sempre dela. Era algo maravilhoso de escutar. Apertou-se contra ele, se sentindo segura e contente. —Com certeza diz isso a todas, — brincou adormecida.

Ele riu brandamente. —Para nada. É a primeira mulher humana que encontrei na que posso colocar todo meu membro sem que me peça que me detenha, baixe a velocidade, ou deixe um pouco fora.

—Pobrezinho. —Ela esfregou seu sexo irritado. —Nunca antes tive um pênis tão grande e duro dentro de mim. Por um momento senti como se meio taco de beisebol fosse o que golpeava duramente dentro de mim.

Ele ficou rígido atrás dela. —Meio taco de beisebol? Oh, merda. Isso soa desagradável. Tenho te feito dano. Sinto muito. Eu...

—Não se preocupe. Realmente não me fez mal até o final.

—Merda!

—Mikhel seja realista. Como não iria me machucar à velocidade que estava empurrando em mim? Acredito que não se dá conta realmente do pênis com o que está equipado. Durante um momento, pensei que iria me fazer um buraco. Mas maldita seja, eu gostei.

—Você gostou? Ah, sim. Cada segundo disso. Confia em mim, bonito, algumas vezes que doa pode ser muito, muito bom.

Ele enterrou seus lábios em seu pescoço. — Sinto muito, — disse outra vez.

—Tratarei de me conter. O fiz, mas não tem idéia do bem que se sente poder colocar meu pênis inteiro dentro de você. Simplesmente poder fazer amor com você sem me conter é tão incrível. Quando fazemos amor, sinto como se sua doce vagina estivesse feita a medida para meu membro. Fico louco ao empurrar em seu apertado calor e depois sentir como seu canal se aperta e se agarra a meu membro quando o tiro. Me faz lutar para conseguir cada centímetro de seu quente buraco. Tem a melhor... a mais incrível vagina desde a criação.

—Ah... Mikhel! — sussurrou, bobamente comovida por sua declaração.

—Faz difícil que não perca o controle com você. Mas prometo que serei mais cuidadoso da próxima vez.

—Não se atreva. —Ela rebolou suas nádegas contra suas coxas.

—Parece que eu gosto de algo um pouco selvagem. Pelo menos com você. Senhor, não há nada tão delicioso como sentir minha vagina se estirando lentamente para me adaptar a seu membro grande e grosso. É tão quente e sedoso e homem, amo seu cipote.

—Estirando-se para se adaptar, huh? E você gosta disso? Soa um pouco pervertido para mim.

—Ah, sim? Que delicado. Olhe quem fala de pervertidos. Beber o sangue de suas amantes é o último em perversões.

Depende de que pescoço seja no que aterrissa. Ele riu. —Era uma brincadeira. De onde venho é perfeitamente normal.

Ela girou a cabeça e beijou seus lábios, acariciando suas coxas apertadas, duras. —pervertido ou não, eu gostei muito. Diga-me uma coisa, Mikhel, estão todos os vampiros tão bem dotados como você com grandes pênis necessitados de sexo pendurando entre suas pernas?

Ele mordeu seu pescoço. —Para sua informação, o tamanho do meu pênis não tem nada a ver com ser um meio vampiro.

—Está seguro? Nunca encontrei a um homem com semelhante pacote. — Descartou a lembrança insistente do homem do restaurante.

—Se pensar que é grande, espera para ver meu irmão e a meu pai.

Deu-lhe uma cotovelada nas costelas. —O que espere a que veja você...? Ficou louco? Não posso imaginar uma ocasião em que eu tenha que ver os pênis de seu irmão ou de seu pai! — Mordendo seu lábio, deixou que a curiosidade a vencesse, e perguntou, — Quer dizer que são maiores que o teu?

—Sim. O de Serge é mais grosso e uma polegada ou duas mais longo, mas meu pai está o que minha mãe chama “equipado como um cavalo”.

Ela estremeceu, recordando a diminuta estatura de sua mãe. — Sua pobre mãe.

—Ao contrário, pela forma em que geme felizmente cada vez que fazem amor, acredito que terá que dar por feito que adora cada centímetro do pênis de meu pai... especialmente quando esta golpeando com força.

—Mikhel! Como pode falar tão tranquilo a respeito de seu pai colocando o pênis na... na...?

—Vagina, — disse quando ela travou. —E te direi que o realmente a faz louca muitas vezes.

—Mikhel!

—Disse-lhe isso. Somos um grupo muito desinibido.

—Como de desinibidos?

Ele se esfregou contra ela. —Não quero te afugentar.

—Mikhel! Quero saber no que me coloco.

Ele suspirou. —De acordo. Promete manter a mente aberta?

—Sim.

—Bem, Algumas vezes fazemos amor juntos.

—Juntos? Meio se incorporou. —O que quer dizer por “juntos”?

Ele voltou a recostá-la. —Não há necessidade de soar tão indignada. Não é nada incestuoso, mas algumas vezes olhamos a outros enquanto fazem amor.

Ela se sentou e se voltou para o olhar fixamente. —Olha a seus pais fazendo amor?

—Algumas vezes.

—Quer dizer que realmente vê seu pai colocar seu membro na... em sua...

—Acredito que a palavra que segue procurando é vagina —disse, soando divertido. — se aproxime de mim. Já te disse. E a resposta sim. Como sabe ela tem um aspecto pequeno e frágil. Ele é grande. É incrivelmente excitante observar como seu enorme membro desaparece nela...

—Está bem. —Ela se afundou contra ele. —chegamos ao nível de “muita informação”.

—Oh! Mas tenho muitas mais coisas que te contar, minha querida Erica.

Exalou um profundo fôlego. —Mikhel, como pode olhar a seus pais quando estão fazendo amor?

—Não os observamos quando fazem amor. Isso é particular... bom... Algumas vezes o é. A maior parte das vezes só os vemos quando o fazem durante uma Festa - Orgia Familiar.

—Uma o que?

—Uma Festa - Orgia. Os vampiros as estão celebrando todo o tempo. Além disso, há outras exclusivamente familiares. É quando todos nos reunimos e fazemos amor em um salão. É uma experiência incrível.

—E realmente as chamam Festa - Orgia Familiar?

—Por que não? Isso é o que fazemos durante elas.

—É tudo o que fazem? Quero dizer não jantam?

—Sim... comemos, muita vagina e bebemos muito sangue.

—E as chamam Festa - Orgia?

—Sim. Anos atrás, quando era mais jovem estávamos acostumados a chamá-las Festas-de-amor, mas Serge começou a chamá-las Festa - Orgia e assim ficou.

Uma Festa - Orgia Familiar. Senhor, algo lhe estava ocorrendo porque a idéia de uma Festa - Orgia Familiar Dumont onde as vaginas e pênis eram comidos e o sangue bebido livremente soava incrivelmente intrigante. —Fazer amor... Foder, Orgia... como queira que se chame, Mikhel, ver seus pais... todos juntos está além do pervertido.

Brandamente a mordeu no pescoço. —É desinibido e excitante. Já o verá.

Uma imagem de uma orgia de vampiros se cravou em sua cabeça. Mulheres com suas vaginas e outras aberturas dispostas penetradas por vampiros de aparência agradável, carismáticos com membros enormes malévolos e brilhantes olhos e eróticas presas nuas. A idéia de ver o casal responsável pelo nascimento de Mikhel foder um ao outro era extremamente erótica. Seu sexo formigou com o pensamento.

—Me reservarei a opinião, — disse melindrosamente.

—Não, não o fará—. Ele lambeu seu pescoço e escorregou um dedo dentro dela —. Sei que o pensamento te excita, minha bela Erica. Posso-o sentir pela nata ao redor de meu dedo e, além disso, posso cheirar sua excitação.

—Os vampiros e seu maldito sentido do olfato. —riu e beijou seu braço.

Ele preguiçosamente esfregou seu polegar contra seus clitoris. —Há todo um mundo de novas experiências te aguardando, minha preciosa Erica.

Algo em seu tom a fez se preocupar. Talvez não todas as experiências seriam prazenteiras. Como outro encontro com Deoctra. Porque tinha claro que não ia ser a última vez que a veria. Não era possível que se conformasse tão facilmente depois de ter provado o membro de Mikhel. Mas se preocuparia disso quando chegasse o momento. —Nada muito drástico, espero.

—Poderá encontrar vários de nossos costumes difíceis de entender no princípio, mas, por favor, aconteça o que acontecer, você é minha bloodlust e isso faz que seja muito importante para mim.

Estava claro que ela não ia gostar de tudo. Mas estava encadeada por seus sentimentos para ele. —Oh, Mikhel, fui uma tola ao pensar que poderia suportar estar sem você.

Ele acariciou seu pescoço. — Não se preocupe, minha preciosa Erica. Não tenho intenção de te soltar jamais.

—O que teria feito se não tivesse retornado?

—Sair para te buscar e te convencer. Que outra coisa poderia ter feito? Não importa o que ocorra, nunca poderei ser feliz sem você minha vida. É minha. Para sempre.

—Para sempre, — repetiu.

Ela não tinha nem idéia de como ia lhe apresentar a sua família e a seus amigos. Mas já se preocuparia mais tarde. Estava a ponto de adormecer quando Deoctra penetrou em seus pensamentos de novo. Deus sabe quando apareceria essa cadela full—blood outra vez e como a dirigiriam. Ou se a poderiam dirigir.

O braço de Mikhel se apertou ao redor de sua cintura repentinamente. —Está bem. Dorme sem temor, Erica, — murmurou. — Deoctra não me agarrará pelos ovos outra vez.

Suas palavras a sobressaltaram. Levantou sua cabeça e investigou seus olhos. —Não te apanhará de novo... Mas... como soube o que pensava?

Ele a olhou fixamente. Sentiu como se estivesse olhando dentro de sua alma, despindo-a inclusive de seus sentimentos por ele. —Tem mais que aprender a respeito dos vampiros, Erica. Saboreei seu sangue e te enchi com minha semente. E o mais importante você bebeu meu sangue. Isso criou um vínculo inquebrável entre nós. Com o tempo, pode provocar... mudanças fisiológicas em você.

—Está me dizendo que pode ler minha mente?

—Incomodaria se pudesse?

—Sim! Mikhel, meus pensamentos são meus! Quero dizer te quero em minha cama, não em minha cabeça.

Sorriu-lhe com malícia. —Então não me conte tudo isso.

—Mikhel! Meus pensamentos são somente meus!

—OK. Não posso ler sua mente, mas... posso perceber de algum jeito seus sentimentos e é natural que esteja preocupada com Deoctra. Mas não o faça. Estarei preparado. A próxima vez que apareça, não gostará do recebimento. A prepararei para que possa se defender quando eu não esteja com você.

Ela se recostou contra ele, fechando os olhos. Ela provavelmente ia necessitar todo o sono que pudesse obter. Com um amante vampiro cuja mãe não a passava, e uma fêmea vampiro que a queria morta, tinha claro que seu futuro ia estar cheio de perigo e surpresas. Mas com Mikhel como seu bloodlust, também estaria cheio de satisfação e alegria. Ela confiava em que fosse um intercâmbio equilibrado.

—Deixa que a puta venha—, disse-lhe com uma fanfarronice que não sentia absolutamente.

—Sei que tem medo, meu amor, mas de boa vontade morrerei por te proteger.

—Sei e confio em você. —estirou-se para trás e acariciou sua carne semi-ereta. —É meu e eu tenho a intenção de te conservar. Ela não vai tocar nunca mais este membro. Meu membro.

—Seu membro, minha Erica, — ele repetiu, em um murmúrio baixo e satisfeito.

—Por quanto tempo?

—Para sempre. Você e eu estamos apaixonados, em bloodlust, e juntos para sempre.

Para sempre. Tinha um som de certeza. —para sempre—, ela murmurou.

**FIM**